

ANA MARIA LOPES SALOMÃO

A PRAXIS EDUCACIONAL COMO TAREFA HISTÓRICA

UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA PARA O 2º GRAU.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1987

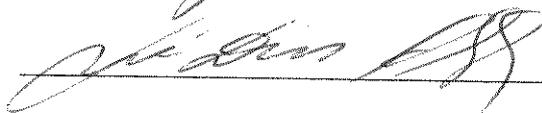
Sa36p

8650/BC

ANA MARIA LOPES SALOMÃO

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A REDAÇÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO PARA O MESTRA-
DO DEFENDIDA POR ANA MARIA SALOMÃO
E APROVADA PELA COMISSÃO JULGADORA
EM 26 DE JUNHO DE 1987.

Seis de junho de 1987



A PRAXIS EDUCACIONAL COMO TAREFA HISTÓRICA

UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA PARA O 2º GRAU.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1987

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

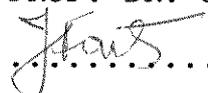
Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação (Metodologia do Ensino) à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Professor Doutor JOSÉ DIAS SOBRINHO.

COMISSÃO JULGADORA

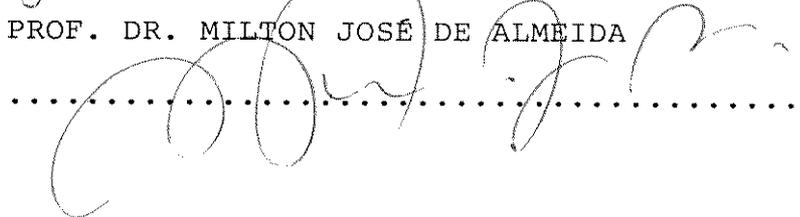
PROF. DR. JOSÉ DIAS SOBRINHO (Orientador)


.....

PROF. DR. JOAQUIM BRASIL FONTES JÚNIOR


.....

PROF. DR. MILTON JOSÉ DE ALMEIDA


.....

A todos aqueles que se empenham na
tarefa histórica de mudar os rumos
da educação brasileira.

"... a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele".

Paulo Freire
A Importância do Ato de Ler

ÍNDICE

1- <u>INTRODUÇÃO</u>	8
2- <u>O CONTEXTO E A EXPERIÊNCIA</u>	10
A) Os anos 70 e a lei 5692	10
B) Os anos 70: as reações dos professores	14
C) Os anos 80 e o agravamento da crise econômica: as dificuldades para a renovação pedagógica	16
D) O Parque Continental: suas características e peculiaridades	19
E) Um pouco de história: como as modificações me- todológicas foram introduzidas	21
F) O aluno de 2º grau - Uma caracterização a par- tir de pesquisas	24
3- <u>O TRABALHO NO 1º SEMESTRE</u>	29
A) Por onde começar?	29
B) O trabalho no 1º bimestre: a geração nordesti- na de 1930	30
C) A linguagem oral e escrita	37
D) O 2º bimestre: textos de autores latino-ameri- canos	41
E) O processo de avaliação	57
4- <u>O TRABALHO NO 2º SEMESTRE</u>	62
A) O estudo do jornal	62
B) Preparação do Estudo do Espaço Social	68
C) O Estudo do Espaço Social	82
D) A leitura extra-classe	90
E) O trabalho no 4º bimestre	93
F) Conclusões	102
<u>NOTAS SOBRE OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO MÉTODO</u>	113
<u>BIBLIOGRAFIA.</u>	172

ANEXOS

1 - INTRODUÇÃO

Professora do ensino público nas décadas de 60, 70 e 80... Isto significa muitas mudanças: de método, de lugares, de clientela escolares, de condições de trabalho dentro das escolas; entretanto, ao longo destes anos nem sempre consegui responder as interrogações inquietantes que me colocava e muitas vezes me contentei em mostrar aos alunos a beleza literária em seu conteúdo humano e sua forma artística...

Na medida em que as contradições da sociedade brasileira se tornaram mais agudas a ponto de as classes dominantes colocarem a mordça em todas as formas de expressão brasileiras que respondiam a anseios coletivos, fui obrigada a repensar o trabalho pedagógico...

A experiência e o conhecimento que tinha de realidade me auxiliaram, porém, foi necessário procurar outras fontes para me sustentar durante o caminho. Os cursos de Pós-Graduação na UNICAMP foram importantes; me valeram também as discussões com colegas de escola e de outros grupos ligados à Educação.

Esse longo caminho afinal resultou numa proposta de trabalho vivenciado com os alunos de 1º colegial, de 1981 a 1984, que pretendo apresentar nesta dissertação de mestrado.

Trata-se de um plano de trabalho para o ensino de Língua e Literatura no 1º colegial em que a prática pedagógica assume o primeiro plano sob a forma de relato e as notas no final do relato se apresentam como fonte de informações teóricas às quais recorro em determinados momentos para explicar o método.

O meu propósito é estabelecer um diálogo com os educadores que tomarem conhecimento deste trabalho, ampliando assim, a partir da Educação, as discussões a respeito da sociedade brasileira e as perspectivas de sua transformação para uma organização social justa, sem desigualdades gritantes como a nossa, harmoniosa nas suas relações entre a Natureza e a Técnica; equilibrada na correlação de forças entre os cidadãos trabalhadores e o Estado.

2 - O CONTEXTO E A EXPERIÊNCIA

2.A) OS ANOS 70 E A LEI 5692

O início dos anos 70 se caracterizou pela ocorrência de profundas modificações no ensino, embora os professores da rede estadual não percebessem o alcance das medidas tomadas então. A promulgação da lei 5692 seguida de cursos de treinamento para os docentes, a fim de que tomassem conhecimento da nova legislação e se adaptassem às novas formas de ensino, foi a principal responsável por estas modificações. A lei 5692 teve um caráter **tecnicista**, quer dizer, procurou resolver todas as contradições do ensino brasileiro de uma forma técnica; para isto, abordou a questão educacional nas várias disciplinas fazendo um levantamento dos conteúdos e habilidades que os alunos deveriam adquirir passivamente na escola e deu aos cursos de 1º e 2º graus um caráter de **terminalidade**, como era chamada a questão da **profissionalização**. O Estado assumiu claramente, na legislação, a responsabilidade do 1º grau e o 2º grau sofreu, durante os anos seguintes, muitas restrições e controle sobre sua expansão (por exemplo, durante este período era muito difícil conseguir autorização para o funcionamento de novas classes de 2º grau). Os cursos clássico, científico e normal desapareceram e surgiram classes de Humanas, Biológicas, Exatas e de Magistério voltado para a pré-escola e para as primeiras séries do 1º grau; o conjunto destas classes constituiu o 2º grau ou curso colegial.

No bojo desta lei, o tratamento dado ao ato de aprender é tecnicista, o ensino-aprendizagem sofre influência direta do Behaviorismo e do Estruturalismo. Os Guias Curriculares de língua Portuguesa estão influenciados pelas modernas teorias da Linguística cuja influência foi notória durante os anos 70.

Como consequência da proposta curricular de cunho tecnicista, o mercado de livros didáticos foi invadido, aos poucos, por uma avalanche de livros cujos autores não tinham conhecimento teórico da metodologia behaviorista e estruturalista, mas adotaram, na prática, os exercícios preconizados por estas teorias. Todos os manuais passaram a utilizar a mesma sistemática tecnicizante: ministrar aos alunos conhecimentos partidos em pequenas doses, cercar as respostas e as interpretações com espaços pré-estabelecidos, impedir que os alunos escrevessem apresentando-lhes exercícios em que preencher uma lacuna, ligar palavras ou frases, fazer um x na resposta correta era um meio fácil e prático de obter a adesão do aluno para a atividade sem grandes consequências e para o professor, vinha preencher uma necessidade premente: a legislação que ampliou a rede de ensino não previu o aumento da aplicação da renda do Estado de maneira proporcional; de modo que tivemos um "inchaço" na rede escolar e um grande achatamento salarial para o professor; a partir do final dos anos 60, o professor passou a assumir um número maior de aulas por um salário menor. É evidente que o professor da década de 70 não tinha outro recurso senão recorrer aos manuais para poder enfrentar um grande número de aulas.

O ensino tradicional em que o professor ministrava as suas aulas, apresentando de forma expositiva o assunto aos alunos, acompanhado de resumos e quadros sinóticos na lousa, desapareceu para dar lugar ao **técnico** que acompanha a proposta colocada

pelo livro didático. Tiraram do professor a remuneração que lhe permitia uma vida equilibrada e tiraram também a possibilidade de planejar o seu trabalho utilizando os seus conhecimentos. Como mero executante de um plano que recebe pronto no livro, nem professor, nem aluno constroem a sua realidade cognitiva. Ambos são passivos diante de uma realidade impositiva e autoritária. São os duros anos do autoritarismo militar, apoiado em larga escala pelos "chefetes do ensino", os diretores de escola. O arrebanhamento de professores para a rede pública é massivo; grande parte deste contingente não tem preparo suficiente, são estudantes das inúmeras faculdades de "fim-de-semana" que se espalharam pelo Estado de São Paulo, tanto no interior como na capital. Para estes professores sem preparo, que investiram muito pouco na sua formação, o magistério público apresenta-se como um "meio-de-vida" satisfatório; o livro didático permite-lhes um desempenho sem grandes desgastes. Entretanto, o ensino particular ganha um grande impulso neste período; o milagre econômico possibilita a multiplicação das escolas, inclusive dos supletivos noturnos. Na escola particular, a escolha de docentes é feita com critérios seletivos bastante aperfeiçoados; a grande sedução para um docente é lecionar na rede particular onde o salário é bem superior ao da rede pública (isto é, nas escolas de renome).

Neste quadro de autoritarismo, as únicas alternativas para o docente insatisfeito eram os cargos públicos para especialistas em Educação, como: diretor de escola, assistente de direção, orientador educacional, supervisor de ensino, etc. Este setor absorveu uma parte dos professores que estavam descontentes com a sua situação profissional; a grande maioria foi efetivada na sua função de docente através de concursos públicos que facilitaram o acesso de número considerável de profissionais para o

setor. Para estes, o ensino de caráter tecnicista foi aceito sem críticas e sem muito esforço.

Entretanto, a lei 5692, antes do final da década estava superada pela própria realidade; a tão falada **terminalidade** não se verificou na prática, pois o investimento exigido para montagem de oficinas e laboratórios seria muito alto e os governos estadual e federal não se dispuseram a fornecer os recursos. De modo que a lei "caducou" na sua parte mais propalada, a **profissionalização**, que sequer foi iniciada, mas os efeitos corrosivos da sua metodologia se mantêm firmes ainda na década de 80. Lentamente, observam-se movimentos de reação dos professores os quais analisaremos mais tarde. É muito difícil romper essa tendência tecnicizante nos dias de hoje, pois as condições de trabalho ainda são muito penosas para os professores e a maioria ignora a metodologia correta para a nossa realidade.

2.B) OS ANOS 70: AS REAÇÕES DOS PROFESSORES

No final do governo Geisel, quando os movimentos pela anistia começavam a se fortalecer e o processo de distensão política estava em curso, na escola pública começamos a respirar mais aliviados e pudemos planejar o nosso trabalho com os alunos. A discussão em torno da educação tinha-se retirado para os recintos de algumas escolas particulares onde os grupos se reuniam em fins de semana para trocar idéias e debater os principais problemas da educação. Pudemos tomar conhecimento da existência de inúmeros trabalhos que se desenvolviam nas escolas públicas, realizados por grupos isolados ou mesmo pelo corpo docente inteiro de uma ou outra escola que felizmente possuía um diretor esclarecido. Pelo que pudemos observar, nunca estes trabalhos visavam apenas os conteúdos; todos os educadores envolvidos no processo de reflexão em torno do ato educativo encaravam-no como um todo, considerando o aluno como **sujeito** deste processo, preocupando-se com a formação crítica do educando em relação a nossa situação política, econômica e social, mostrando claramente a influência do pedagogo Paulo Freire, cujas obras já se tornavam conhecidas e muito se refletia sobre elas neste período.

Esta reação de uma parte dos professores da rede pública no final dos anos 70, teve apoio e continuidade na luta desta categoria por melhores condições de salário e de ensino. As greves no final da década, em 78, durante a gestão de Nogueira Coutinho na Secretaria da Educação e a de 1979 durante o governo de Paulo Maluf, foram o testemunho claro da reação da categoria e da manifestação do seu descontentamento. A categoria não só reagia ao arrocho salarial que vinha sofrendo há vários anos, durante os governos de Laudo Natel e Paulo Egídio Martins, mas também a toda

uma política paternalista por parte de deputados que a conduziram durante os anos de arbítrio, à situação precária em que se encontrava neste momento.

No final dos anos 60, os professores tiveram a sua jornada semanal aumentada de 36 para 44 horas-aula. Durante toda a década de 70, o arrocho salarial permaneceu forte. O salário do professor I (de 1ª a 4ª séries do 1º grau) que antes do governo Maluf era de 3,8 salários mínimos passou a equivaler no final do mesmo governo a 1,8 do salário mínimo. Os reajustes anuais dos professores foram sempre abaixo dos índices de inflação. Os trabalhadores, de um modo geral, viam na abertura democrática que se aproximava, a possibilidade de novas conquistas no terreno profissional e de recuperação de benefícios perdidos durante o regime de exceção.

2.C) OS ANOS 80 E O AGRAVAMENTO DA CRISE ECONÔMICA:
AS DIFICULDADES PARA A RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Após a greve que congregou todo o funcionalismo público em 1979, durante o governo Paulo Maluf, a situação do professor paulista era muito difícil; a reivindicação das categorias do funcionalismo de 70% mais 2.000 cruzeiros, o governo respondeu com apenas 2.000 cruzeiros para todas as categorias; para os funcionários de menor renda este reajuste significou dobrar o salário, mas para os professores ficou abaixo das necessidades. A política de Paulo Maluf teve um caráter expansionista em relação aos cargos de professor, criando para isso mais de 10.000 vagas das diversas disciplinas, colocadas em concursos. Por outro lado, estabeleceu jornadas semanais fixas, permitiu a integração de jornada pelo professor I. Esta medida é reponsável em boa parte, pela desvalorização do salário do professor em geral, pois passou a contar como base o salário correspondente à carga dobrada. Além disso, a escola pública se empobreceu na medida em que um pequeno número de docentes responde por um grande número de classes. A disposição física destes docentes não é a mesma ao enfrentar dois períodos consecutivos de aulas. Este fato é o mais importante, a meu ver, da política desenvolvida na gestão Paulo Maluf, porque é o que mais contribuiu para a desvalorização do salário dos docentes e para o empobrecimento do ensino público.

O agravamento da crise econômica a partir de 1981, com a conseqüente elevação das taxas de inflação a níveis insuportáveis para a população, acarretou mudanças significativas no ensino para a classe média. Na escola pública de classe média, os rigores

de uma economia forçada fizeram-se sentir, como: a dificuldade de manutenção de uma infra-estrutura organizada para dar atendimento a uma pedagogia que ultrapassasse as normas "tecnicizantes"; o simples fornecimento de folhas de sulfite para o trabalho diário em classe tornou-se impossível. Os professores são presas mais uma vez de velhos esquemas funcionais: o **livro didático**. Trabalhar sem ele é difícilimo, porque exige **tempo** (para preparar o material pedagógico) e **dinheiro** (para manutenção do material).

As saídas com os alunos para realizar estudos fora da sala de aula, como muitos que fizemos no interior do Estado, estavam proibitivas pelo custo financeiro das viagens e pela impossibilidade de a A.P.M. custear uma parte, pelo menos, das despesas dos alunos. A nossa classe média de 2º grau em geral é de baixa renda, como poderemos demonstrar mais tarde, de acordo com as pesquisas que fizemos.

As dificuldades econômicas tornam-se na década de 80, cada vez mais, um empecilho sério para o fluir do trabalho pedagógico. Não só as de ordem econômica atrapalham o trabalho pedagógico, mas as dificuldades de ordem ideológica constituem um sério obstáculo na maioria das escolas públicas, dada a diversidade da maneira de pensar, de se situar historicamente, que caracteriza os docentes. Um número muito limitado de docentes tem clareza na maneira de pensar, tem coerência e muito menor número está disposto a lutar para que nas escolas públicas haja de fato, relações democráticas em todos os níveis. O caminho para o avanço democrático, com a participação dos alunos nas decisões dentro da escola, é difícil e incerto, tem muitos recuos após tomadas de posição importantes. As brigas de cunho ideológico, as perseguições a colegas que têm posições mais avançadas são comuns e difi-

cultam o crescimento do aluno que se sente entre dois fogos; muitas vezes o aluno questionador se torna alvo de perseguições também.

A década de 80 tem esta característica, principalmente a partir das eleições para governador, os alunos questionam a realidade social e escolar, percebem as dificuldades econômicas, mas estão incertos quanto ao caminho a seguir: muitas vezes propõem o tradicionalismo mais radical, autoritário, porque se sentem inseguros; ora não acreditam nos caminhos democráticos porque são instáveis, têm altos e baixos, ora questionam a falta de democracia; há nestas incoerências uma parcela de oportunismo, mas há uma parcela razoável de insegurança. Pequeno número se mantém firme e coeso em relação a uma postura política dentro da escola pública. Os alunos costumam a perceber a **dimensão política humana** e vivenciá-la, inclusive na escola pode ser visto como uma tarefa incômoda e desprezível. Nas minhas conversas com os alunos, percebi inúmeras vezes que eles desprezam a política por causa da falsidade, corrupção e prepotência dos políticos; quase ninguém vê na política uma **tarefa humana elevada**. O compromisso do educador consiste em criar condições para que os alunos se percebam, se sintam e atuem como seres políticos que somos; para que não sejam passivos, controlados de maneira mecânica, mas que analisem situações, julguem-nas, e que possam agir de maneira a favorecer a bem coletivo, ultrapassando os egoísmos individuais e de grupos.

2.D) O PARQUE CONTINENTAL: SUAS CARACTERÍSTICAS

E PECULIARIDADES

Situado na região oeste de São Paulo, entre o Jaguaré e Osasco, nas colinas que se erguem após a várzea da margem esquerda do rio Pinheiros, quase em sua confluência com o rio Tietê, o Parque Continental é um bairro que tem vinte anos, fruto da expansão do BNH no final da década de 60. É um bairro de classe média e classe média alta. Por estar situado perto da USP, muitos professores da Universidade e funcionários do IPT ali residem; muitos outros profissionais encontram-se entre os seus moradores: médicos, professores de 1º e 2ª graus, dentistas, jornalistas, engenheiros, comerciantes e feirantes, atravessadores do CEASA, industriais, vendedores técnicos, etc. Esta classe média geralmente é proprietária também de sítios e chácaras de recreio para fins de semana. Há entretanto, os que possuem áreas maiores para extração de madeira e produção de carvão, por exemplo, e fazendas para produção de cereais, de leite, etc.

O bairro conta ainda com pequena região comercial, localizada principalmente num Shopping, parcialmente ocupado por estabelecimentos comerciais, como: supermercado, lojas de roupa, restaurante, lojas de sapato, farmácia, padaria, banco, serviço de correio, etc. Um clube, uma pequena igreja católica, a sociedade "amigos do bairro", algumas escolas de ginástica e de natação, quatro pré-escolas, uma escola particular de 1º grau e uma escola pública de 1º e 2º graus completam o panorama das atividades existentes no bairro.

A Escola Pública de 1º e 2º Graus "Professor Architicli-
no Santos" foi fundada em 1976 quando se deu a reorganização da
rede física das escolas estaduais. Surgiu para atender a demanda
escolar do bairro, com uma população a princípio residente no
mesmo. A sua organização administrativa é deficitária como tantas
outras da rede pública: há carência de pessoal na secretaria, no
setor de limpeza e de inspeção de alunos, os diretores em geral
são professores do antigo primário.

Esta escola conta hoje com 1.650 alunos matriculados e
desempenha um papel importante na região, principalmente em rela-
ção ao 2º grau diurno e noturno com numerosas classes, inclusive
curso para o Magistério. A sua história é interessante na medida
em que nos revela o nascimento de um trabalho pedagógico cons-
truído a partir da prática, por um grupo de professores vincula-
dos ao curso de Pós-Graduação da UNICAMP e à USP.

2.E) UM POUCO DE HISTÓRIA: COMO AS
MODIFICAÇÕES PEDAGÓGICAS FORAM INTRODUZIDAS

Em 76, a diretora da escola, cuja procedência era do Vocacional; tinha uma visão diferente da predominante em Educação: não era autoritária, dava abertura aos professores para que realizassem reuniões pedagógicas e por área, permitia a realização de projetos de integração de disciplinas, relacionava-se bem com a comunidade. Esta situação durou pouco mais de um ano, porque a diretora foi convocada para trabalhar em escalões superiores ao da unidade escolar, graças ao início do processo de "distensão" política que estava em marcha.

Substituída a diretora, o trabalho pedagógico se manteve devido ao empenho de alguns professores que fizeram questão de mantê-lo a todo custo. O trabalho neste momento quase que se restringia à Área de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa. Abrangia a proposta um trabalho integrado em linha vertical (desde a 1ª série do 1º grau até a 3ª série do 2º grau) dentro de uma mesma perspectiva linguística, a chomskyana, para o qual alguns livros que surgiram nesta época contribuía muito. Foi importante também a orientação pessoal dos autores dos livros adotados: a professora Ada Natal Rodrigues para o 1º grau e o professor Haki-ra Osakabe, para o 2º grau. Os frutos deste trabalho foram difíceis; o método era moroso, a lógica cartesiana argumentativa cansava o aluno e não o modificava qualitativamente; o curso de literatura no estudo da periodização literária se propunha a fazer a ligação entre o histórico e o literário; entretanto, à medida que os períodos se aproximavam do Modernismo, privilegiava-se o fenômeno linguístico em detrimento do contexto.

Para os professores, este projeto se tornou insustentável, pois exigia muito estudo da parte deles, uma vez que a gramática gerativa não faz parte de seu repertório de conhecimentos. O projeto se manteve por dois anos apenas. Porém, nas classes onde eu trabalhava, decidi continuar com ele por mais algum tempo, estava convencida de que assim lutava contra a mecanização do conhecimento.

Esta fase foi difícil e só pude superá-la depois de realizar alguns cursos no mestrado da UNICAMP, principalmente os do professor Joaquim Brasil Fontes Junior, do Professor Evaldo Amaro Vieira e do Professor Milton José de Almeida. A partir daí, pude fazer a crítica aos Guias Curriculares, aos livros didáticos que utilizávamos e à metodologia dentro da qual se desenvolvia o nosso trabalho. Pude perceber a sua origem no Estruturalismo: a desvinculação entre conteúdo e forma, a tendência para a abstração e não para o real, as complicações formais e taxionômicas que tantas escolas estruturalistas criaram, a preocupação excessiva com o texto e não com o contexto. A respeito dos Guias Curriculares, pude perceber o seu sistemismo quando colocavam toda a ênfase nos objetivos operacionais que deviam ser atingidos sem serem questionados.

De acordo com o professor Dermeval Saviani:

"A inspiração liberalista que caracterizava a lei 4.024 cede lugar a uma tendência tecnicista nas 5.540 e 5.692.

....."Assim, o princípio da não duplicação de meios para fins idênticos com seus corolários tais como a integração (vertical e horizontal), a racionalização-concentração, e intercomplementaridade; o princípio da flexibilidade; da continuidade-temporalidade; do aproveitamento de estudos, etc. bem como medidas como departamentalização, a matrícula por disciplina, "o sistema de créditos", a

profissionalização do 2º grau, o detalhamento curricular, e tantas outras indicam uma preocupação com o aprimoramento técnico, com eficiência e produtividade. Note-se que isto está em consonância com as características do grupo que ascendeu ao poder a partir de 1964, dado que este é composto de militares e tecnocratas". (Análise Crítica da Organização Escolar Brasileira através das leis 5.540/68 e 5.692/71 - Prof. Dermeval Saviani in Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento, organizador: Walter E. Garcia - p. 187.)

....."Apesar de todo o esforço empreendido na busca de funcionalidade, uma leitura atenta de ambas as leis (5.540 e 5.692) nos conduz à conclusão de que o objetivo em boa parte acabou por se frustrar. Com efeito, até hoje a maioria das Universidades não logrou implantar a reforma. Da mesma forma, as medidas preconizadas pela lei 5.692 encontram grandes dificuldades para penetrar nas redes escolares dos Estados. E mais uma vez a força do contexto se impõe. A grande mudança operada pelas leis de reforma foi de ordem política, isto é, sua função foi criar um clima favorável, removendo os óbices com o fim de garantir a continuidade do processo sócioeconômico". (idem - p. 189)

Compreendendo, a partir daí, que a lei 5.692 era animada por uma filosofia pragmática neo-positivista, apesar de alguns lances democratizadores dos Guias Curriculares, resolvi reformular o curso que ministrava no 2º grau, tentando uma orientação voltada para a nossa realidade, cuja metodologia e desenvolvimento vou apresentar nesta dissertação de mestrado.

2.F) O ALUNO DE 2º GRAU - UMA CARACTERIZAÇÃO A PARTIR

DE PESQUISAS REALIZADAS DE 81 A 84

O curso de 2º grau, existente na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus "Professor Architiclino Santos" do Parque Continental, funcionou desde 76 com uma clientela a princípio residente no bairro; depois de alguns anos, a sua clientela começou a mudar; isto se deu por vários motivos: após as greves de 78, 79 os pais dos alunos se manifestaram muito contrariados com a participação dos professores da escola no movimento grevista, embora reconhecessem que o salário dos professores era ridículo; alguns riram quando, durante uma reunião, examinaram o hollerith dos professores.

A partir daí, o curso de 2º grau assumiu um caráter mais crítico graças à orientação que um grupo de docentes imprimiu ao ensino e isto se tornou mais um motivo de desagrado à população local. Houve, em seguida, uma evasão muito grande de alunos do 2º grau que residiam no Parque e essas vagas deixadas por eles foram preenchidas por alunos que vinham de todas as regiões circunvizinhas, em especial do Jaguaré, bairro muito populoso que fica entre a USP e o Parque Continental.

Estes alunos que procuravam vaga no Continental eram aqueles que tinham sido rejeitados em todos os "vestibulinhos" da região: do CENEART em Osasco, da escola de 2º grau da Vila Campe sina em Osasco, do Alberto Torres do Butantã, do Daniel Pontes do Rio Pequeno; eram alunos de baixa condição social e de nível de escolaridade muito precário: não se expressavam razoavelmente pela palavra oral nem escrita. Entretanto, 25 a 30% dos alunos de

1º colegial ainda continuaram sendo os residentes no Parque que constituíam, muitas vezes, uma "casta", procurando permanecer isolados em sala separada e não se misturando com os outros na hora do recreio e fora da sala de aula.

No início de 81, ao receber alunos muito defasados, e estando freqüentando cursos na Pós-Graduação da UNICAMP, comecei o ano letivo fazendo uma sondagem quanto ao nível sócio-econômico dos alunos, seus interesses e objetivos ligados ao 2º grau. Constatei que pouquíssimos alunos tinham preocupação com vestibular no início do 1º colegial. Trabalhava com 3 classes de 1º ano, uma era constituída de alunos residentes no Parque Continental; o nível sócio econômico dos alunos em geral era de classe média baixa e pouquíssimos pertenciam a famílias cujos pais possuíam nível universitário. Quando os progenitores tinham algum estudo, geralmente era o pai, com nível colegial ou técnico; as mães eram donas de casa.

Os resultados desta pesquisa foram muito importantes para mim, pois a partir daí, percebi que tinha um bom campo de trabalho, enquanto os alunos não estivessem muito ligados na idéia do vestibular. Poderíamos trabalhar mais à vontade dentro de uma pedagogia crítica, pelo menos durante dois anos, e somente no 3º ano fazer uma revisão para vestibular.

O ensino assim conduzido foi muito proveitoso para os alunos que chegavam defasados; é fundamental considerar que este trabalho em Língua Portuguesa não foi isolado, havia um grupo de professores na mesma série que contribuiu muito para este resultado: crescimento na compreensão da realidade, tanto da parte de alunos como dos próprios professores.

Esta caracterização das classes dos 1ºs anos do colegial A, B, C, foi feita com base nas pesquisas realizadas no início do ano com os alunos das mencionadas classes que responderam as questões que constam dos anexos deste trabalho.

Observação inicial: as classes de 1º ano de 1981 foram organizadas pelos próprios alunos no primeiro dia de aula. Os critérios utilizados por eles foram, em geral, o conhecimento e a amizade que já tinham entre si e o fato de terem residência próxima uns dos outros.

1º A: 29 alunos do sexo feminino e 5 do sexo masculino. A procedência destes alunos está bem caracterizada, pois 21 deles vêm do Jaguaré (E.E. de 1º grau Maria Eugênia, localizada perto da favela, com quatro períodos, prédio em péssimas condições de higiene, corpo docente apático, direção autoritária que impede o contato do corpo docente com o de outras escola da região). Os alunos que vêm desta escola são carentes em muitos aspectos: falta de pré-requisitos em relação aos conteúdos, não têm hábito de leitura e de estudo, são desinteressados, têm dificuldade para trabalhar em grupo, têm dificuldade até para eleger o representante de classe.

A escolaridade dos pais destes alunos em geral é baixa (curso primário), raramente chegando ao colegial; somente 2 pais e 1 mãe chegaram ao curso superior; muitos deles são operários (torneiro mecânico, soldador, etc.) ou de profissões de serviços: tintureiro, chefe de almocharifado, bancário. Raramente as mães trabalham fora do lar, como estas: cabelereira, ajudante de cozinha, escriturária e costureira.

O nível sócio.econômico destes alunos é baixo, a renda familiar de um terço da classe não atinge 40.000 cruzeiros (2 a 5 salários mínimos), mais de um terço não atinge 80.000 (5 a 10 sa-

lários mínimos) e a de alguns poucos ultrapassa 80.000 cruzeiros (mais de 10 salários mínimos). Estes alunos não trabalham (a não ser no serviço doméstico) e pretendem arranjar um emprego somente mais tarde quando forem para o curso superior, que é basicamente a aspiração de todos os alunos do curso colegial.

1º B: 28 alunos, 6 do sexo masculino e 22 do sexo feminino. Os alunos do 1º B têm procedência diversas: a maior parte vem de uma escola municipal do Jaguaré "Espiridião Rosas" e da Escola Municipal Euclides Figueiredo da Vila São Francisco; quase um terço da classe vem da própria escola do Parque Continental e alguns alunos do Rio Pequeno e do Butantã.

São alunos de classe média, cuja renda familiar está acima de 80.000 cruzeiros (mais de 10 salários mínimos); dos 20 alunos com estas condições, 7 têm renda familiar superior a 160.000 cruzeiros (mais de 20 salários mínimos); o terço restante está na faixa entre 40.000 e 80.000 cruzeiros (entre 5 e 10 salários mínimos). A escolaridade dos pais, em geral, é de nível médio, até o ginásio, sendo que 11 pais têm curso superior e apenas 3 mães cursaram ou estão cursando a faculdade. Os alunos desta classe não trabalham e segundo demonstram não têm perspectiva de vir a trabalhar dentro dos próximos três anos. Apresentam-se durante o contato na sala de aula com o professor muito desorganizados; entretanto, têm grande necessidade de participação, principalmente nas aulas dialogadas, questionam muito, são dispersivos, pulam de um assunto para outro com facilidade; na questão aberta sobre o colegial não demonstraram preocupação com o veticular; os seus interesses estão voltados para questões práticas da vida, gostariam de ter um curso que discutisse "as coisas da vida". Alguns alunos mostraram interesse por uma profissão técnica ligada ao colegial. Este comportamento mais solto fica claro

quando demonstram que dão muito valor à liberdade na escola, à possibilidade de locomoção dentro dela.

1º C: 29 alunos, 6 do sexo masculino e 23 do sexo feminino. Esta classe é que concentra um maior número de alunos vindos da própria escola do Parque Continental; o outro terço vem do Jaguaré, Butantã e Osasco. Estes alunos têm um nível sócio-econômico mais elevado que as outras classes; menos de 10% tem renda familiar inferior a 80.000 cruzeiros (10 salários mínimos); os outros têm renda familiar superior a 160.000 cruzeiros (mais de 20 salários mínimos).

Quanto à escolaridade dos pais também se revelou de nível mais alto, sendo que quase metade deles possui curso superior; das mães, apenas duas. Há incidência maior de mães que trabalham em profissões liberais, burocráticas, setor de serviços (enfermagem, comércio). Os alunos desta classe não trabalham e não têm perspectiva de vir a trabalhar dentro dos três próximos anos e sim quando estiverem no curso superior ao qual todos se referiram e muitos deles se referiram também à profissão que querem exercer mais tarde. Alguns fazem curso de Inglês e Música além do colegial.

Esta classe tem um procedimento organizado dentro da sala de aula, são mais amadurecidos, têm bom desempenho na linguagem oral e escrita, são preocupados com o vestibular e com a futura profissão (mais da metade dos alunos relaciona o colegial com o vestibular); querem um curso forte e dinâmico para entrar na Faculdade e ter base para cursá-la. Não são questionadores como o 1º B, são mais acomodados.

3 - O TRABALHO NO 1º SEMESTRE

3.A) POR ONDE COMEÇAR?

No início de 81, como já disse na introdução, estava preocupada em encontrar uma solução para o problema da sala de aula: não queria simplesmente uma alternativa para os programas oficiais, pois estava ainda mergulhada na proposta chomskyana e muito insatisfeita; procurava um método de trabalho correto que levasse em conta a realidade dos alunos e ao mesmo tempo aprofundasse o seu conhecimento crítico. Os programas oficiais geralmente indicam para o 1º ano colegial o estudo da literatura medieval e clássica. Pela minha experiência, não podia concordar com esta proposta por julgar que o aluno de 1º ano encontra barreiras pessoais grandes para enfrentar o estudo de um período muito diferente de tudo quanto o cerca. Geralmente este esforço, quando ele é feito, não traz uma contribuição positiva para o crescimento do aluno que é obrigado a retomar o assunto mais tarde, quando o seu nível de compreensão for bem maior. Alguns livros didáticos fazem o inverso: começam o curso colegial a partir do modernismo. Também é pouco provável que dê certo, principalmente quando se trata de alunos defasados que mal sabem escrever. O modernismo nos seus diversos períodos e movimentos é muito complexo para o nível de 1º ano colegial. Entretanto, o segundo momento do modernismo é mais acessível à compreensão do aluno, os textos dos autores oferecem uma abordagem social importante e contagiam o leitor adolescente com sua realidade humana, às vezes, bastante profunda. Achei que era oportuno começar por aí, geração de escritores nordestinos de 1930, sem saber direito o que viria depois.

3.B) O TRABALHO NO 1º BIMESTRE: A GERAÇÃO

NORDESTINA DE 1930

Durante quase duas décadas trabalhando com adolescentes, pude constatar como era difícil atingir o aluno através dos conteúdos e das técnicas tradicionais de ensino; mesmo através da leitura extra-classe com a qual já trabalhava regularmente, a tendência geral era não vivenciar, era passar superficialmente pela leitura; não encará-la como um desafio à compreensão; não associar os fatos que transcorrem na ficção com a realidade; enfim, a leitura encarada como um divertimento, um passatempo que não exigia esforço. Daí a preferência dos alunos pela literatura policial e pela ficção científica.

Pude perceber também que pretensas explicações psicológicas para os fatos despertavam mais curiosidade e interesse do que buscar as causas sociais, as relações econômicas e de poder dentro da sociedade. Senti nitidamente que era preciso um trabalho muito conseqüente voltado para o social, que fosse, passo a passo, construindo uma base junto com o aluno, contendo aqueles elementos necessários para ele se situar historicamente, para compreender o mundo onde vive. É verdade que este trabalho produz os seus melhores frutos se for feito em conjunto, dentro de uma integração de disciplinas, como é o nosso caso que em certo momento vou poder demonstrar. A minha pergunta inicial era: como vou contribuir num curso de língua portuguesa e literatura para que o nosso aluno adquira os conhecimentos críticos necessários para se situar historicamente e compreender o mundo em que vive?

Uma outra pergunta mais abrangente era feita por nós, professores de História, Geografia, Química e Língua Portuguesa: **o que é o capitalismo? E como ele se realiza na América Latina?**

Começamos a responder a questão de diversos modos, cada um na sua disciplina, dentro de uma metodologia coerente e sem nos preocuparmos com integração de conteúdo.

Na minha disciplina, resolvi propor aos alunos um estudo do período de 1930 (*) tanto para os textos que seriam analisados em classe como para a leitura complementar que seria feita em casa. Partimos de uma pesquisa, em grupos de quatro ou cinco alunos, a respeito do período histórico da década de 30, a situação política, econômica, social e cultural em que se encontrava o país. Os alunos comunicariam oralmente o resultado das suas pesquisas através de representantes de grupos; na discussão os alunos destacaram entre outros aspectos: o Estado Novo, o período de repressão aos intelectuais de esquerda, o surgimento das leis trabalhistas, o início do processo de industrialização como substituição de importações, a criação dos sindicatos no regime corporativista e alguns acontecimentos políticos e econômicos da vida internacional que tiveram influência mais direta sobre este período no Brasil, como a crise de 29, o fortalecimento do nazismo, etc, os aspectos culturais e literários da segunda fase modernista encontramos de maneira sintética num texto de Antônio Cândido que figura no livro "Presença da Literatura Brasileira" uma antologia destinada ao 2º grau.

Organizamos o trabalho em classe através de estudos de texto, pesquisa gramatical, comunicação de conclusões de equipe e sínteses dos assuntos como última etapa; a leitura extra-classe

(*) Ver nota 1 no final da dissertação.

era avaliada através do desenvolvimento de questões escritas e de discussão oral. Analisamos textos de Graciliano Ramos: "Contas" de Vidas Secas e capítulo XIX de "São Bernardo", (como consta dos anexos). Procuramos no texto "Contas" através de questões propostas aos alunos, de diálogos, abordar a questão fundamental que é a do trabalhador do campo, uma denúncia clara aos problemas de exploração no trabalho, válida para a região do Nordeste como para qualquer outra nos dias de hoje. Começamos a destacar alguns recursos estilísticos que contribuem para transmitir a verdade deste texto como as figuras que aproximam o homem do animal e a afirmação constante da personagem Fabiano falando de si mesmo "um bicho, sim senhor", e sua falta de escolaridade, a dificuldade de abstração; o pensamento racional na sua fase concreta como em sinhá Vitória necessitando de pedrinhas para fazer as suas contas, a rusticidade do homem ligado intimamente à paisagem. Um estudo da narração associado ao dos verbos para mostrar como se dá a sequência de acontecimentos, como a ação é circular, sem saída, volta sempre para o mesmo ponto. Evitamos assim a fragmentação do estudo da língua e literatura, procurando mostrar ao aluno o sentido de cada parte em relação ao todo orgânico; como cada recurso lingüístico contribui de forma harmoniosa para expressar uma temática ligada a uma realidade regional ao mesmo tempo com uma dimensão universal.

No capítulo XIX de "São Bernardo", a personagem principal Paulo Honório, está recordando o passado no qual sua mulher, Madalena, ainda vivia. Neste texto faz-se um estudo da personagem, necessitando integrar o texto na obra do autor através de pesquisa e integrar a obra no conjunto da produção narrativa de Graciliano Ramos e da sua época. Esta pesquisa é a primeira etapa do trabalho em classe. O aluno procura conhecer a narrativa em

seu conjunto, as personagens principais e sua situação existencial, a dinâmica que impulsiona Paulo Honório a se tornar um grande proprietário de terras e que torna o seu caráter endurecido e possessivo; as suas relações com a mulher e com os outros personagens, a alienação provocada pelo sistema que absolutiza a posse de bens e degenera as relações sociais, especialmente as de trabalho e as familiares. O aluno percebe a crítica ao sistema capitalista que destrói as personagens. O aluno observa também que a narrativa funde presente e passado na experiência do narrador-personagem; os verbos e o emprego dos tempos desempenham um papel importante na obtenção do efeito evocativo do texto. A partir daí, o aluno faz uma revisão do estudo da narração, suas características; do uso dos verbos e a significação dos tempos e modos; da morfologia verbal, as conjugações; neste momento, muitos alunos desconhecem as terminações corretas dos tempos, confundem a terminação do futuro *ão* (3ª pl.) com a do passado *am*; misturam formas do verbo *pôr* com as do verbo *ponhar*; usam formas populares do presente do subjuntivo dos verbos *estar* e *ser*, como *esteje* e *seje*; o estudo da gramática, no caso a morfologia dos tempos, a sintaxe dos tempos e modos ligada à narração contribui muito para iniciar um trabalho crítico com o aluno em relação à gramática e à linguagem, distinguindo-lhe os padrões culto e popular, o primeiro quase sempre associado a um longo período de escolaridade. As pesquisas gramaticais são feitas diretamente nas gramáticas; alguns grupos têm interesse em formular exercícios estruturais ou não, como uma forma de complementar a sua apresentação sobre o resultado das pesquisas.

Como textos subsidiários aos alunos, além do que trata da prosa nordestina da geração de 30, fornecemos outros contendo alguma orientação sobre os aspectos teóricos da obra literária:

sobre a personagem de ficção, extraímos do livro do mesmo nome, com ensaios de diversos autores, inclusive o de Antônio Cândido que trata especificamente da personagem na literatura; texto sobre o método que faz o entrosamento da literatura no seu contexto.

De José Lins do Rego, escolhemos o texto: "O mestre José Amaro", capítulo I da 1ª parte do livro "Fogo Morto", obra-prima do autor. Para a compreensão deste texto seguimos a mesma metodologia dos anteriores: é preciso em primeiro lugar, através de pesquisa, localizar o texto dentro da obra a que pertence, conhecendo-lhe as partes e integrando-a no grupo maior: o ciclo da cana-de-açúcar. A obra mostra justamente a decadência de uma região rural dedicada à monocultura da cana-de-açúcar e do seu processamento industrial de forma ainda rudimentar, como eram os engenhos. A pesquisa inclui as três partes do livro e o conteúdo de cada uma destacando as personagens centrais: o mestre José Amaro, o coronel Lula e o capitão Vitorino.

O mestre José Amaro era um artesão que executava com maestria os trabalhos a ele encomendados e se orgulhava disto. Sentia uma grande tristeza pela doença mental de sua filha que é uma loucura progressiva e lutava contra o senhor de engenho em cujas terras se alojara e de onde era ameaçado de expulsão. Há muitos elementos descritivos no texto e é importante que os alunos percebam a diferença entre narração e descrição, que aí se misturam. Uma revisão sintática do período pode ser iniciada neste momento, pois o texto tira grande parte do seu efeito estilístico justamente do entrelaçamento de períodos simples curtíssimos e períodos compostos longos. Pensamos, entretanto, que a análise sintática muito minuciosa e com uma nomenclatura exaustiva não

deve ocupar o centro das preocupações do professor, pois além de ser um assunto complexo e difícil, não explica os casos de construção sintática fora dos modelos tradicionais previstos.

São muitos os elementos do espaço social que se encontram nesta obra de José Lins do Rego: o nascimento, apogeu e morte de um engenho; personagens próprios da região nordestina como o cangaceiro Antônio Silvino e personagens de grande densidade humana que representam aspirações coletivas, como o capitão Vitorino.

Os problemas levantados por esta literatura de denúncia: a exploração do homem do campo, em especial do nordestino que vê agravadas as suas condições de vida pela agrura imposta pelo clima e pela seca da região; a crise do sistema agrário brasileiro como reflexo da crise financeira internacional, são percebidos sem dificuldade pelos alunos de 1º colegial que estão na faixa dos quinze e dezesseis anos.

Na leitura extra-classe que abrange, por livre escolha dos grupos, obras de outros autores como: Jorge Amado, Raquel de Queiroz, os alunos adquirem mais elementos para completar o panorama social desta região, incluindo também alguns temas da vida urbana e do litoral. São indicados para a leitura extra-classe, além das obras do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego: "Menino de Engenho", "Fogo Morto", "Doidinho", "Usina", as de Graciliano Ramos: "Vidas Secas" e "São Bernardo", as de Jorge Amado: "Mar Morto", "Cacau", "Suor", "Seara Vermelha", "Jubiabá", "Capitães de Areia"; de Raquel de Queiroz: "O Quinze".

Embora os grupos escolham a obra de sua preferência com a qual vão trabalhar, o desenvolvimento da ficha de leitura deverá ser individual; a ficha de leitura faz parte do processo de avaliação como primeira etapa; a seguir há uma redação escrita

com uma ou duas questões propostas sobre a obra e finalmente o debate aberto em que os alunos colocam as suas observações sobre a obra estudada; cada debate versa sobre uma obra diferente. São abordados os aspectos que se referem à época histórica em que está inserida, à biografia do autor, ao grupo a que pertence, ao espaço social que a narrativa procura construir, às personagens e sua ligação com o espaço social, o foco narrativo e sua importância no desenvolvimento da temática, a linguagem simbólica, figuras de linguagem, estilo e linguagem do autor; como se trata de uma literatura especialmente de denúncia de uma situação de subdesenvolvimento e de exploração tanto no campo como na cidade, os alunos têm tendência a comparar com os dias de hoje e observam que os problemas continuam os mesmos fundamentalmente, embora possa ter ocorrido progresso econômico em certas regiões: a exploração do homem do campo, o menor abandonado, a seca nordestina, etc.; os alunos se sensibilizam muito com estes problemas e pretendem muitas vezes discuti-los mais a fundo com base em pesquisas. Por exemplo, o problema carcerário sugerido pelo livro "Capitães da Areia" de Jorge Amado, surgiu várias vezes em discussões realizadas em classe. Estas discussões podem servir de base para um trabalho posterior de redação em que os temas poderão ser desenvolvidos de acordo com a opção pessoal e o aprofundamento de que cada um sente necessidade.

3.C) A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

O desenvolvimento e aprimoramento da linguagem oral e escrita dos alunos é uma preocupação constante no nosso trabalho. Quando os alunos conhecem muito bem um assunto e compreendem a fundo o seu enraizamento na realidade é bem provável que consigam falar e escrever sobre ele com segurança e até desenvoltura. Mesmo os alunos que chegam defasados ao 1º colegial, aos poucos adquirem o domínio para entender os textos literários que lhes caem às mãos, a ponto de chegarem ao 3º ano colegial com uma bagagem cultural que lhes permite ler e discutir autores mais difíceis como Guimarães Rosa, Clarice Lispector e outros contemporâneos.

Como pretendemos sempre fugir aos ditames do ensino mecanicista e fragmentário, atribuímos uma importância capital ao trabalho com a linguagem oral do aluno; através dele, o aluno adquire segurança para se colocar perante a classe, aprende a ouvir, a dar oportunidade para o colega falar também, aprende a estar atento para rebater uma idéia que não lhe parece correta ou que necessita de complementação; para aqueles que têm um vocabulário limitadíssimo, que tentam reduzir toda a prática lingüística a um certo número reduzido de expressões de gíria que funcionam para toda e qualquer situação, é uma oportunidade fundamental para modificar o seu comportamento em relação à língua, pois o estímulo que vem do grupo neste momento é muito intenso; o desejo de participação geralmente predomina sobre as acomodações e a timidez; expande o pensamento e o aprofunda, pois os níveis de compreensão são variados. Este processo é um tanto demorado, porém muito importante do ponto de vista educativo para o aluno; e para

o professor geralmente acontece alguma contribuição no sentido de amadurecer os seus conhecimentos; exige dele uma capacidade grande de concentração para ouvir durante muitas horas o debate dos alunos e anotar os seus pontos positivos e negativos. Ao terminar este processo, geralmente no final do bimestre, os alunos estão satisfeitos porque a participação da maioria é muito boa. O aluno sente que há uma continuidade entre a vida real e aquilo que ele aprende; as suas conclusões são expressas através das discussões orais ou mesmo nas redações onde muitas vezes manifestam que compreenderam as ligações que existem entre o texto literário e o contexto social.

Quanto à linguagem escrita, podemos destacar que ela tem suas próprias exigências de reflexão, precisão, correção ortográfica e de sintaxe, o que a torna mais difícil que a linguagem oral e mais coercitiva em relação ao aluno; muitas vezes o aluno se sente inibido diante de uma folha de papel onde tenha que expor as suas idéias, os seus sentimentos. Trabalhar o bloqueio do aluno em relação à linguagem escrita é muito difícil; neste momento do 1º semestre para o 1º colegial a nossa proposta de linguagem escrita é principalmente **dissertativa**: o aluno deve aprender a expor idéias com lógica e clareza, argumentar a favor ou contra elas, apresentar correção de linguagem na medida do possível, dependendo de quanto o seu meio familiar e escolar anterior lhe proporcionou esta oportunidade. Não insistimos muito na questão da correção da linguagem porque acreditamos que este problema tende a desaparecer com os exercícios contínuos de linguagem oral e escrita e com os comentários que o professor pode fazer após verificar, durante a leitura dos textos produzidos pelos alunos, as suas falhas e os seus pontos críticos.

Entretanto, nunca se deve fazer dos aspectos formais da linguagem o centro das atenções e das correções. Com o amadurecimento natural dos alunos através de um trabalho consciente e de qualidade que seja desenvolvido com ele, conteúdo e forma tendem a se equilibrar; somente nos casos mais renitentes de dislexia é que os resultados são duvidosos.

Os exercícios de escrita começam na pesquisa individual e de grupo; continuam na redação, com as próprias palavras, das respostas pedidas no estudo de texto; na organização das respostas do grupo às questões colocadas pelo professor, nas avaliações com desenvolvimento de um ou dois temas a respeito da obra lida; nas fichas de leitura; nas auto-avaliações e nas avaliações do grupo e do trabalho bimestral; em todo o texto onde o aluno produz o seu pensamento; uma das grandes paixões que animam a vida aparentemente monótona do professor é justamente ver brotar o pensamento do aluno; perceber que, a partir de alguns instrumentos de análise que lhe fornecemos por meio da linguagem, ele é capaz de começar a construir uma **visão-de-mundo** em que podemos reconhecer alguns valores que consideramos fundamentais. Na verdade, o professor não só quer contribuir mas influir também na **visão-de-mundo** que está em formação no aluno.

Como dissemos anteriormente, temos um grande interesse em procurar desenvolver nos alunos a sua capacidade de produzir dissertações, pois é justamente neste tipo de texto que vamos observar se os instrumentos de compreensão da realidade que estamos construindo com eles, são realmente eficazes a nível da consciência.

Orientamos os alunos, ao fazer uma dissertação para que sigam o seguinte princípio: partir sempre do caso concreto, do exemplo; somente depois tentar uma análise ampliando o tema, pri-

meiro em busca de explicações próximas e a seguir em busca das mais amplas que atinjam o todo social; é possível voltar ao caso particular, para à luz da análise ampla, explicá-lo melhor. Por exemplo: uma aluna fez uma redação sobre um choque de trens de subúrbio que houve, na época, em São Paulo, Após o relato do fato, tentou explicações da causa do acidente com o apoio do próprio noticiário jornalístico: a questão dos horários, o erro humano, etc. Mas não parou aí a sua análise, aprofundou-a até chegar às causas mais gerais: o descaso do governo em relação à condução pública.

Um outro aluno, tratando do problema da fome no Brasil, explicou-a através de causas imediatas, os baixos salários, a ignorância do povo; continuando a análise, chegou a uma explicação mais profunda e mais ampla que acusa o modelo econômico brasileiro baseado na exportação, como o responsável pela fome no país; para outro aluno, a explicação ampla está no crescimento exagerado da população, sendo que o país não dá conta de produzir o suficiente para todos. Esta postura malthusiana foi comentada e discutida oralmente quando os trabalhos foram lidos em classe.

Conduzido assim, o trabalho de redação faz uma ponte com o do estudo de texto e com o das leituras extra-classe, procurando despertar e formar o pensamento coerente nos alunos, a sua consciência crítica, a percepção da realidade através da linguagem e da literatura numa ótica de classe, isto é, da classe trabalhadora, a única capaz de realizar as transformações no todo político, econômico, social e cultural em benefício da maioria da população.

3.D) O 2º BIMESTRE: TEXTOS DE AUTORES LATINO-AMERICANOS

Discutida a literatura brasileira modernista no seu aspecto regional de 1930, decidimos avançar os nossos conhecimentos junto com os alunos pelas várias regiões da América Latina, procurando focalizar os seus aspectos telúricos e sociais. Nem sempre os escritores escolhidos são consumados artistas da palavra, mas a natureza dos seus depoimentos comoventes sobre o modo de vida e de trabalho em certas regiões transforma-os em instrumentos importantíssimos para a sala de aula.

Começamos o bimestre indicando uma vasta lista de autores das últimas décadas, de vários países da América Latina: do México - Juan Rulfo "Pedro Páramo"; da Colômbia - García Marquez "Cem Anos de Solidão", "Ninguém Escreve ao Coronel", "Crônica de uma Morte Anunciada", "Relato de um Náufrago", do Peru - Manuel Scorza "Bom Dia para os Defuntos" e Vargas Lhosa "Pantaleão e as Visitadoras"; da Bolívia - o relato de Domitila Barrios de Chungara colhido por Moema Wiezzer; do Uruguai - Eduardo Galeano "Dias e Noites de Amor de Guerra"; da Argentina - Ernesto Sábato "O Túnel"; do Chile - alguns alunos quiseram ler a autobiografia de Pablo Nureda "Confesso que Vivi".

Vamos apresentar um breve resumo de cada uma dessas obras indicadas aos alunos para que possamos vislumbrar os motivos que nortearam a sua escolha.

"Pedro Páramo" de Juan Rulfo (México): trata de uma viagem que a personagem principal faz para desvendar o mistério que envolve a figura de seu pai, morador de regiões perdidas do México ao tempo da revolução de 1910. Nesta viagem o filho de Pedro

Páramo desvenda o passado de seu pai através do contato que vai tendo com pessoas mortas que como sombras vêm e desaparecem; a figura de seu pai surge então como um homem "duro", autoritário, usurpador dos bens de uma comunidade perdida nos confins mexicanos, causador da decadência e miséria na região; os contatos desse homem com os revolucionários mexicanos leva-os a receber algum dinheiro e promessas que não cumpriu. É a figura da dominação que muitas vezes as populações das localidades da América Latina, nos diferentes países, encontram na sua história e são indefesas contra ela.

"Ninguém Escreve ao Coronel" de García Marquez (Colômbia). Nesta obra vemos alguns aspectos importantes da América Latina como a repressão política que se apresenta como um elemento de causalidade na narrativa, a burocracia em que as pessoas se vêem envolvidas e incapazes de lidar com ela de uma maneira eficaz; a miséria e a fome que atravessa a narrativa de um extremo a outro sem que possa ter solução, a obstinação da personagem central (um coronel que aguarda a sua aposentadoria há anos) em levar a vida para frente apesar da miséria e do total desamparo em que se encontram ele e sua mulher.

"Relato de um Náufrago" - narrativa impressionante a respeito da luta de um jovem pertencente à Marinha da Colômbia, para sobreviver no mar em um pequeno bote, após o naufrágio de sua barcaça que virou no mar das Antilhas, ao afastar-se dos Estados Unidos, por excesso de carga de contrabando trazida pelos oficiais. O jovem de vinte anos sustenta durante dez dias uma luta mortal contra o sol, o frio da noite, os tubarões, a fome, a sede. Levado por uma corrente marítima chega do litoral da Colômbia semimorto onde é socorrido. Fica sob a proteção da Marinha e

impedido de prestar depoimentos à imprensa. Disfarçado de médico, García Marquez consegue entrar no Hospital e ouvir do Marinheiro o seu relato numa longa entrevista. Mais tarde, por este motivo, o jovem marinheiro será expulso da Marinha e sua história correrá o mundo.

"Crônica de uma Morte Anunciada" - a novela narra os costumes de uma cidadezinha do interior da Colômbia: a personagem principal, um rapaz descendente de árabes é procurado por dois irmãos gêmeos que pretendem matá-lo. Toda a cidade sabe da intenção dos gêmeos, e da acusação que pesa sobre o jovem de ter rompido a virgindade de uma moça recentemente casada e devolvida, por este motivo, à família, pelo marido. Ninguém quer que o rapaz morra nem mesmo os gêmeos, irmãos da moça, desejam matá-lo, mas por um destino fatal ninguém consegue avisar o rapaz a tempo de impedir o assassinato. O rapaz é apunhalado brutalmente junto à porta de sua casa, simplesmente para cumprir as normas da vingança cabível ao caso. Mais tarde a jovem reata as relações amorosas com o ex-marido.

"Cem Anos de Solidão" - é a crônica de uma família isolada em um lugarejo da Colômbia; há um pergaminho que prevê a vida da família durante cem anos; várias gerações se sucedem até que o decifrador das profecias se reconhece no destino traçado por elas, justamente no momento em que um cataclisma virá destruí-lo e à sua cidadezinha.

Muitas coisas acontecem neste lugar, Macondo, com as pessoas da família Buendía, sobre as quais pesa uma fatalidade que os atrai para o isolamento, para os amores incestuosos, para

a repetição cíclica do comportamento de antepassados, até os nomes das personagens se repetem, para a crença em coisas irreais, para obsessões sexuais e paixões incríveis como a de Aureliano Buendía pela decifração de pergaminhos em sânscrito, onde estava justamente a previsão dos destinos da sua estirpe. As personagens estão tomadas por uma inércia tão forte que nada pode mudar nas suas vidas, ninguém de fora consegue entender e sobreviver dentro de um esquema tão pesado e os de dentro também não conseguem se relacionar fortemente com algo exterior ao círculo familiar, que fuja ao imaginário criado por eles. A destruição do povoado e da última geração dos Buendía é o clímax de uma situação já pressentida desde o início: o envelhecimento de tudo, a destruição causada pelas formigas, a impossibilidade de as personagens modificarem o seu caminho, o domínio do irracional.

"Bom Dia Para os Defuntos", de Manuel Scorza (Peru) - conta a história dos povos indígenas do altiplano do Peru em sua luta contra as investidas de uma firma multinacional Cerro de Pasco Corporation que, na ânsia de aumentar seus domínios, avança sobre a terra dos índios. O autor Manuel Scorza participou, por acaso, em 1960, da primeira etapa dessa luta. São suas essas palavras:

"O acaso me levou a participar da guerra camponesa, no começo dos anos 60. No final dessa guerra, horrorizado e maravilhado com o que tinha visto, eu quis dar um testemunho dessa grande batalha pela dignidade humana (...) Apesar de meu sobrenome, tenho 3/4 de sangue Índio, mas pertencço ao setor mestiço que vive em Lima. Não vivi nas comunidades de Cerro de Pasco. Só fui conhecê-las em 1960, quando com alguns intelectuais, ajudei a fundar o Movimento Comunal do Peru. A metade da população peruana

é formada de Índios. É um país hemiplégico, e continuará sendo enquanto não forem reconhecidos os direitos da população indígena. Fundamos o Movimento Comunal porque estávamos escandalizados com os massacres permanentes, com a indiferença dos partidos políticos diante desse drama. Nossa tese era simples: as comunidades sempre haviam sido massacradas isoladamente, porque cada uma enfrentava sozinha o poder. Quisemos criar uma confederação para um grande combate coletivo, que se realizou entre 1960 e 1962, e que narro nos cinco romances do ciclo "Balada". Nos dois primeiros - "Bom Dia para os Defuntos" e "Garabombo, o Invisível" - contei os começos da luta. No terceiro - "A Balada do Ginete Insonse ou Uma Viagem Mais Longa que a Vida" - conto como foi que depois do massacre de Chinche esses povos voltaram a se organizar para a grande batalha. Chegou um momento em que as comunidades índias resolveram passar às armas, formaram regimentos e inventaram armamento, não por sugestão da Rádio de Cuba nem do marxismo, mas simplesmente porque no Peru só os Índios fazem serviço militar obrigatório. Balada Quarta e a "Tumba do Relâmpago" contam o final da história. Esta entrevista do M.Scorza foi concedida à revista Status em janeiro de 1975.

Neste caso, a realidade e a literatura interagem e se completam, pois uma personagem da obra "Bom Dia para os Defuntos", o "Olho de Coruja", estava prisioneiro há onze anos quando o livro foi publicado e, a partir daí, as pressões populares foram tão grandes que o governo peruano não resistiu e teve que devolver o líder à comunidade.

O livro é belíssimo tanto do ponto de vista artístico como do significado humano desta luta em que a personagem é o povo como acontece em outras obras estudadas pelos alunos.

"Pantaleão e as Visitadoras" de Vargas Lhosa (Peru) - este livro é uma sátira à atuação dos militares peruanos instalados em plena selva amazônica, na cidade de Iquitos às margens do rio Amazonas, região de clima equatorial que muito influi no âni-

mo dos soldados. A única preocupação dos oficiais, entre eles Pantaleão também chamado Pantoja, é a organização da prostituição no local para atender as necessidades dos militares que agora eram intensas. A chegada de um navio de prostitutas brasileiras através do rio marca o início de uma época de pândegas e de sensualidade desbragada. Os oficiais tentam dar um caráter de organização militar à vida na Amazônia. O efeito é cômico e as aventuras são muitas até que as esposas descobrem os acontecimentos marotos em que seus maridos se envolverá. O rebaixamento do posto militar e a separação dos casais são algumas conseqüências que os oficiais tiveram que enfrentar.

A ignorância do povo da região, a miséria, sua tendência ao misticismo mais primitivo são características que se evidenciam nesta região comum aos dois países: Brasil e Peru. O militarismo tão acentuado na América Latina durante as décadas de 60 e 70 se encontra aí ridicularizado, principalmente nos seus uniformes, a sua organização e na mentalidade estreita dos seus membros.

"Dias e Noites de Amor e de Guerra" de Eduardo Galeno (Uruguai) - este livro não é propriamente uma ficção; antes é um relato todo entrecortado de situações vividas pelo autor ou por pessoas com as quais conviveu ou tomou conhecimento dos seus sofrimentos, principalmente nestes últimos anos de repressão na América Latina, Como um dos fundadores e redatores da revista "Crisis" que surgiu em Montevideu entre 73 e 76, o autor entrou em contato com os inúmeros latino-americanos de quase todos os países, inclusive do Brasil, que estavam sofrendo a repressão política montada pelo sistema: os casos de exilados políticos, os batalhadores das causas sociais, etc.

É um livro que mostra muito bem os efeitos deletérios da repressão sobre a vida das pessoas e dos países. É um livro angustiante, pois não propõe nenhuma forma de saída.

"Se Me Deixam Falar" de Moema Wiezzer. Esta autora recolheu o depoimento de Domitila Barrios de Chungara, mulher dos andes bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de sete filhos e que participou na tribuna do Ano Internacional da Mulher, organizada pelas Nações Unidas e realizada no México, em 1975. O seu depoimento compreende três partes: I) onde conta a vida de seu povo, as condições de trabalho na mina e a organização dos trabalhadores; II) conta a sua vida que é a história de uma militância política como membro do Comitê das Donas de Casa, organização que congregou as esposas dos mineiros das minas de estanho chamadas "Siglo XX" e depois se estendeu para outras minas nacionalizadas; III) mostra com muita clareza as aspirações do seu povo ao socialismo; a necessidade de formação de um partido político que reúna os trabalhadores bolivianos, a necessidade de que os intelectuais participem desta luta junto com os trabalhadores. São suas as palavras:

Meu povo não está lutando por pequena conquista, por um aumento de salário aqui, um pequeno paliativo ali. Meu povo está se preparando para expulsar para sempre do país o capitalismo e seus lacaios internos e externos. Meu povo está lutando pelo socialismo." (*)

"O Túnel" - Esneato Sábato (Argentina) - a história se passa na capital argentina e numa propriedade rural aos seus arredores. Trata-se de um pintor mal compreendido e de difícil relacionamento, que se apaixona por uma jovem de classe alta já

(*) Wiezzer, Moema - "Se Me Deixam Falar" - pg. 301.

compromissada com o marido cego e com um primo do marido; incapaz de tolerar uma tal situação amorosa e sabendo da impossibilidade de a jovem decidir a seu favor, acaba assassinando-a numa crise de ciúme, justamente quando ela estava num dos seus encontros com o primo do marido na propriedade rural. A solidão e o desespero do pintor justificam o título metafórico do livro.

Esta obra é uma das poucas indicadas que não tem elementos regionais; pelo contrário, mostra uma situação amorosa vivida numa grande cidade com os seus desencontros, incompreensão, angústia, solidão; a alienação que o sistema capitalista provoca nas pessoas leva-as muitas vezes ao desespero e à destruição; as pessoas não conseguem a comunicação nem através da arte como era o caso do pintor-personagem. Devemos observar também que o regionalismo se tornou anacrônico no Uruguai e na Argentina segundo explicação do professor Antonio Cândido.

Em todas as obras estudadas pelos alunos, tanto as brasileiras de 1930 como as latino-americanas do período posterior, há uma consciência crítica em relação à realidade política, econômica e social em que vivem os povos do nosso continente.

Antônio Cândido, em seu ensaio "Literatura e Subdesenvolvimento" publicado pela Editora Perspectiva em "América Latina em sua Literatura", explica de modo magistral o que ocorreu na literatura desse período:

"A consciência do subdesenvolvimento é posterior à segunda Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950. Mas desde o decênio de 1930 houvera mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro dada a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e a **curiosidade**, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que o romance adquiriu, sob este aspecto, uma força desmistifica-

dora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos." (*)

Na mesma página, Antônio Cândido continua em sua análise de geração de escritores latino-americanos posteriores a 50:

"Ora, dada esta ligação causal **terra bela - pátria grande**, não é difícil ver a repercussão que traria a consciência de subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que impôs a realidade dos seus solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro, e o único resto de milenarismo da fase anterior talvez seja a confiança com que se admite que a remoção do imperialismo trará, por si só, a explosão do progresso." (**)

Na página 352 do mesmo livro sob o título de: "Influências estrangeiras e ambivalência: cosmopolitismo e regionalismo", o autor analisa a questão da dependência das literaturas latino-americanas que são como galhos das metropolitanas. O primeiro processo de autonomia consistiu na verdade em transferência de modelo, considerando-se, principalmente a partir do século XIX a literatura francesa como modelo. Acha que devemos encarar com naturalidade este vínculo placentário com as literaturas européias, uma vez que não criamos nenhuma técnica expressiva básica como o romantismo, no plano das tendências; o romance psicológico, no plano dos gêneros; o estilo indireto livre no plano da escrita.

Para explicar a interdependência, fenômeno que ocorreu mais tarde, o autor nos mostra a reversibilidade das experiências na literatura e a circulação de valores nos dois continentes, citando autores como Rubén Darío em relação ao modernismo (no sentido hispânico), e Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano

(*) América Latina em sua Literatura - pg. 345

(**) Idem

Ramos em relação ao neo-realismo português. Para superar o estágio de dependência é fundamental a capacidade de produzir obras de primeira ordem não imitando exemplos estrangeiros, mas influenciadas por autores nacionais de períodos anteriores. É o que acontece com os nossos poetas da geração de 30 a 40 que derivam do modernismo de 20. Entretanto, estes poetas não influíram fora do seu país. O caso de Jorge Luís Borges é diferente, porque se trata do primeiro caso de influência original exercida por um escritor latino-americano sobre os países-fontes através de um modo de conceber a escrita.

Quanto ao paradoxo da consciência do subdesenvolvimento: considera-o (o subdesenvolvimento) uma realidade trágica, que no entanto faz o homem crescer no seu desejo de rejeitar o jugo econômico e político do imperialismo. Na verdade não há lugar para visões estreitas de isolacionismo e rejeição das influências externas na literatura; pelo contrário, esta situação deve conduzir a um amadurecimento no sentido de perceber com naturalidade e serenidade o plano das influências, encarando-as como uma ligação normal no plano da cultura. Qualquer fechamento pode conduzir simplesmente ao pitoresco, ao servilismo cultural, à alienação.

Como exemplo, o autor cita Alejo Carpentier, escritor cubano que mistura elementos locais ao surrealismo; mostra-nos o autor que não há artificialidade nem fuga nessa atitude.

Na última parte do seu ensaio, Antônio Cândido trata do regionalismo e do super-regionalismo; a propósito do tema **regionalismo** faz um exame sobre os diversos períodos em que a sua força aparece na literatura latino-americana de maneira positiva, como uma contribuição de reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura na fase da consciência de país novo; a dimensão regional continua existindo como objeto vivo por causa da realidade econômica do subdesenvolvimento.

A fase de pré-consciência do subdesenvolvimento se manifesta em escritores da geração de 1930 e 1940 que se chamou "romance do Nordeste", onde os escritores têm um sentido realista das condições de vida e de trabalho dos menos favorecidos, contribuindo para a desmistificação da realidade americana; são eles: Miguel Ángel Astúrias, Jorge Amado, Jorge Icaza, Ciro Alegria, José Lins do Rego e outros. O que os caracteriza é a superação do otimismo da 1ª fase, preocupado com o pitoresco e o exótico e a adoção de um pessimismo diferente daquele que ocorreu com o Naturalismo, considerando o homem pobre não como refratário ao progresso, mas a sua degradação como consequência da espoliação econômica.

A terceira fase é chamada de **super-regionalista**, onde estão suplantados o pitoresco e o documentário, descartados o sentimentalismo e a retórica; nutrindo-se de elementos não-realistas como o absurdo, a magia da situação, técnicas de vanguarda como monólogo interior, a visão simultânea, etc. São dessa fase a obra revolucionária de Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Alejo Carpentier, Vargas Lhosa, Manuel Scorza, Cortázar, Clarice Lispector; em todos eles há elementos universais que se articulam com os valores regionais ou mesmo com os valores urbanos.

Para o trabalho em sala de aula, escolhemos um texto de Manuel Scorza extraído do seu livro "Bom Dia para os Defuntos", capítulo I: **"Onde o astuto leitor ouvirá falar de certa moeda famosíssima"**.

O assunto do texto é o temor em que viveu o povo de Yanahuanca (altiplano do Peru) quando o juiz de 1ª instância Francisco Montenegro, chamado Dom Paco, perdeu na escada da praça uma moedinha insignificante, um sol peruano, numa tarde úmida de setembro. A partir daí o povo da cidade se sentiu responsável pela moeda, ninguém poderia apanhá-la para devolvê-la a seu dono porque no mesmo momento da perda, o alcaide avisou-o e ele fez que não ouviu.

De modo que todos se empenharam na tarefa de vigiar a moeda para que não desaparecesse; muitos tentaram se aproximar dela, apanhá-la, mas era impossível tal a vigilância exercida pelos comerciantes da praça. A moeda destinada a provar a honradez do povo, se tornou famosa e atraiu pessoas da região que vinham até a praça principal para vê-la. Assim transcorreu um ano e na véspera da festa de Santa Rosa, padroeira da polícia, descobridora de mistérios, o próprio Dr. Montenegro encontrou a sua famosa moeda na praça e pôde anunciar ao clube a sua sorte feliz. A partir daí, a província começou a respirar aliviada.

Não foi em vão que o povo assim procedeu; o temor ao juiz autoritário, que mandava castigar e prender sem motivo, era suficiente para fazer com que o povo da província reagisse daquela maneira. Nos outros capítulos, vemos a confirmação da violência da autoridade pública, principalmente no trato com a população indígena a quem reprimia em benefício da multinacional Cerro de Pasco Corporation empenhada em anexar aos seus territórios as terras do altiplano peruano pertencentes aos índios.

Para realizar o estudo do texto, seguimos a mesma metodologia aplicada aos autores de 1930, isto é, pesquisa sobre o autor, uma visão de conjunto da obra, inserção da narrativa no conjunto da obra do autor e do seu período; não foi fácil conseguir estes dados, contamos para isso com entrevistas de jornais e revistas; os alunos foram à biblioteca municipal e à da USP e não encontraram material sobre o autor; na verdade, Manuel Scorza ficou conhecido com a publicação da sua obra pelo Círculo do Livro que se esgotou rapidamente e cuja nova edição saiu somente em 84.

Para analisar a figura do juiz Montenegro, temos que nos valer do estudo da linguagem simbólica, pois toda a sua caracterização física é feita em linguagem figurada. Passamos então ao

estudo das metáforas, metonímias (terno preto = parte pelo todo; Longines = a marca pelo produto); entretanto, a figura completa terno preto, a corrente de ouro do relógio pode ser considerada simbólica pois suas características são próprias da classe burguesa de uma certa época. O seu autoritarismo não é mencionado sequer uma vez, porém ele é a marca mais forte destas páginas que lhe dão o tratamento ao mesmo tempo de figura solene e ridícula; os hábitos diários imperturbáveis da personagem e o tom irônico da descrição nos levam a perceber de imediato que Francisco Montenegro é uma personagem antipática de acordo com o ponto de vista do narrador e do leitor. Essa antipatia vai se acentuar no decorrer da história e vai se estender a toda a sua classe, quando os conflitos ficarem claros entre a população índia e a burguesia local que toma partido favorável à grande companhia mineradora Cerro de Pasco dedicada a princípio somente à exploração do subsolo e, mais tarde, ampliando seus domínios às pastagens e à criação de ovelhas, chegando em 1960 a possuir mais de quinhentos mil hectares de terras.

A descrição continua mais adiante com o mesmo tom pejorativo: "A metade do corpo de um homem atarracado, paçudo, de pequenos olhos deslocados num rosto citrino, emerge às cinco na sacada de um sobradão de três andares com as janelas sempre embaçadas por espesso nevoeiro de cortinas". São os elementos descritivos caracterizadores da personagem e da sua classe social: "sobradão de três andares" e "espesso nevoeiro de cortinas".(*)

Nesta obra, a **visão-de-mundo** e a **consciência de classe** estão bem nítidas e o trabalho literário do autor é de alto nível, de modo que não existe proselitismo, panfletagem, mecaniza-

(*) Scorza, Manuel, "Bom Dia para os Defuntos" pg. 18,19, Círculo do Livro.

vel, de modo que não existe proselitismo, panfletagem, mecanização pura e simples das relações sociais; é um mergulho profundo na realidade e a sua transfiguração na obra de arte é belíssima.

O autor tem uma **visão-de-mundo** que corresponde à da maioria dos escritores latino-americanos da fase de 1950 em diante, isto é, têm a consciências dos problemas do subdesenvolvimento, segundo o estudo de Antônio Cândido como expusemos anteriormente; porém vai mais longe, a sua **consciência de classe (*)** percorre a obra toda de forma aguda como aquele que não se ilude em momento algum a respeito dos interesses da burguesia local associada ao imperialismo de tal modo que possam coincidir com os do povo, ou mais precisamente, dos índios; que assume inteiramente o partido da classe social em cuja defesa escreveu as suas obras: o trabalhador camponês do altiplano do Peru.

Há uma interessante discussão sobre o símbolo e a alegoria nas teorias de Walter Benjamin e Luckács, que figura no livro de Jeanne Marie Gagnebin "Walter Benjamin" à pág. 46. No final dos anos 30, na Alemanha, há um debate marxista sobre o realismo na arte em que Lukács defende a estética marxista ortodoxa: "uma concepção de arte progressista como visão totalizadora do real" com a função de exprimir a organização de uma realidade aparentemente caótica. A tese de Luckács se aproxima do ideal de harmonia e universalidade da arte clássica para a qual é importante uma visão da totalidade e de suas leis.

Na arte moderna há uma tendência para a desestruturação e fragmentação, uma das consequências do individualismo burguês, incapaz de superar os limites estreitos da sua visão de realida-

(*) Ver nota 4 no final da dissertação.

de. Daí que a alegoria expressa melhor esta visão fragmentária e caótica do mundo moderno ao passo que na relação simbólica existe uma clareza natural, uma transparência de significado. Por exemplo: a cruz e a morte de Cristo.

Na alegoria a relação intelectual entre o conceito e a sua expressão não é nítida, é arbitrária, fruto de laboriosa construção. Por exemplo: a mulher de olhos vendados, segurando a balança como representação da justiça. Desde Goethe e o romantismo alemão, que a alegoria é condenada como ineficaz e obscura, ao passo que o símbolo é claro e harmonioso; portanto, para esses autores a poesia só pode ser simbólica.

Walter Benjamin procura reabilitar o valor estético da alegoria, mostrando que ela define um tipo de arte diferente da concepção clássica mas que é igualmente válido, como a arte moderna: Ele começa estudando o drama barroco alemão e procura explicá-lo à luz da sua teoria segundo a qual a alegoria representa a fragmentação do real pelo seu caráter arbitrário e difícil; na época barroca aparece muitas vezes ligada ao pecado e à morte pela incapacidade de o espírito humano discernir o verdadeiro sentido da vida. Para Benjamin a alegoria está mais próxima da verdade do que a figuração simbólica que supõe uma totalidade harmoniosa; ao contrário ela é criada a partir de fragmentos e ruínas, metáforas mórbidas, imagens da podridão e da decomposição.

O ressurgimento da alegoria nos tempos modernos em grandes autores como Baudelaire tem a mesma explicação: a sua propriedade de representar a desintegração e o esfacelamento do mundo; o capitalismo moderno realiza completamente a destruição, uma vez que o sujeito não é mais soberano, todos somos regidos pelas leis do mercado, inclusive o poeta. Para Benjamin a grandeza de

Baudelaire consiste em haver tematizado a transformação de todo objeto em mercadoria, inclusive da poesia, no próprio interior do poema. "A visão alegórica funda-se sempre sobre a desvalorização do mundo aparente. A desvalorização específica que representa a mercadoria é a base de intenção alegórica em Baudelaire" são as palavreas de Benjamin nos ensaios sobre o poeta.

A alegoria baudelaireana e a alegoria moderna nascem da melancolia e da revolta; procuram destruir com furor tudo que poderia dar a ilusão de harmonia numa sociedade corrompida pelo dinheiro. Neste sentido, a alegoria é mais verdadeira do que o símbolo que procura uma imagem coerente através da totalização simbólica.

Nas obras de Manuel Scorza, pela sua temática ligada ao universo indígena ainda não totalmente destruído pela sociedade capitalista e empenhado na luta pela preservação de suas terras e de sua cultura, entre os recursos técnicos mais apropriados para a sua expressão literária está justamente o símbolo, segundo a teoria que acabamos de apresentar. Encontramos muitas vezes no decorrer da narrativa a linguagem simbólica para expressar a visão totalizadora do real, a afirmação de um povo que não quer ser destruído.

3.E) O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

À medida que o trabalho caminhava, percebemos que a nossa pergunta inicial "Como contribuir no estudo de língua Portuguesa para que o aluno adquira conhecimentos críticos necessários para se situar historicamente e compreender o mundo em que vive?" havia sido substituída e superada logo em seguida por uma outra mais concreta e mais urgente: "O que é o capitalismo e como ele se realiza na América Latina?" Tentando desenvolver este tema fundamental através do estudo de texto e de obras literárias de autores brasileiros e latino-americanos, fomos avançando na proposta e parece-me que em alguns momentos a questão era a seguinte: "Como desenvolver no aluno uma visão-de-mundo que contenha os valores da classe trabalhadora, isto é, como fazer germinar no aluno uma **consciência de classe?** (*) Esta questão será retomada mais tarde quando tivermos mais elementos para analisá-la.

Dentro desta perspectiva, o processo de avaliação dos alunos adquire matizes diferentes da pedagogia tradicional e da pedagogia renovada cuja preocupação se concentrava nas técnicas de ensino ou na expressão do aluno ou do grupo. Para nós interessa o desenvolvimento do pensamento do aluno no sentido do método com que procuramos trabalhar no 1º semestre: até que ponto o aluno compreendeu a relação entre a literatura e o todo político, econômico, social e cultural? A partir daí, que análises é capaz de fazer indo de um fato isolado para explicações amplas e destas

(*) Ver nota 4 no final da dissertação.

para particularidades? Como o aluno se coloca diante da linguagem? Considera-a um objetivo em si ou um instrumento para atingir algo maior que é a própria compreensão da realidade? Que capacidade demonstra na expressão do pensamento, riqueza de pormenores, profundidade da argumentação, convicção nos valores que sustenta, clareza das propostas, harmonia entre forma e conteúdo?

É claro que na prática a variedade de manifestações da capacidade por parte dos alunos é muito grande ; a surpresa é sempre um elemento muito importante na resposta que o aluno dá ao professor; aprendi no contato com as classes de alunos que não há lugar para pré-julgamentos, para julgamentos estratificados, pois o dinamismo do adolescente é muito grande; para alguns o método vai ao encontro de suas aspirações e ansiedades de modo que é como se caíssem barreiras e tudo fica muito límpido e claro; para outros há uma necessidade de se apropriar do método para se fazerem valer, para expor suas opiniões com segurança; uma pequena parte acha que deveriam estar estudando gramática e resolvendo exercícios gramaticais. Entretanto, nunca encontrei uma resistência sistemática ao trabalho.

Aqui estão algumas opiniões dos alunos a respeito do curso do 1º semestre.

"No curso nós ficamos muito à vontade; as pesquisas e as explicações em classe, os debates ajudaram muito para compreendermos as relações entre a literatura e o contexto." (M. Beatriz 1ºB - 1984.)

"Eu achei muito bom o curso de Português porque não tinha costume de ler e agora tenho e me ajudou a ter novos conhecimentos." (Vera Lúcia Silva - 1ºB - 1984.)

"Português para mim era uma matéria chata. No começo eu estranhei o método de ensino, não estava acostumada a laborar os

textos; mas agora estou conseguindo acompanhar o método e estou gostando de estudar Português, pois estou aprendendo realmente alguma coisa, antes eu decorava. Não me interessava pelos escritores brasileiros, agora a idéia que tinha deles mudou. Espero que continue assim no 2º semestre." (M. Suely Garcia - 1ºB - 1984.)

"Fazendo a ficha de leitura, principalmente o item do contexto, o aluno fica conhecendo a época em que a obra foi escrita, o porquê do livro tratar aquele assunto daquele modo." (Tânia M. Queiroz Reis - 1ºB - 1984.)

"Não quero fazer glórias ao curso de Português, pois não gosto de Português, mas este ano até estranhei porque eu estava achando muito gostoso esse ritmo em que anda o curso, justamente porque são coisas em que expomos as nossas idéias e não coisas que decoramos." (Claudia dos Santos - 1ºB - 1984.)

"Eu achei ótimo o 1º semestre, levei os trabalhos e as atividades a sério. Houve debates, muitos trabalhos escritos: sendo assim nós aprendemos como expor as idéias no papel e mesmo oralmente. As melhores atividades foram aquelas em que discutimos os assuntos atuais." (Renata Barbosa - 1ºB - 1984.)

"Eu me situei bem nas aulas, não estava acostumada com este tipo de trabalho; não havia regras para decorar mas um estudo histórico sobre o nosso país, a sua literatura e de outros." (Cleide G. Lima - 1ºB - 1984.)

"O curso de Português de forma mais solta é melhor. Na adolescência nos sentimos pressionados pelos professores, diretores, etc. Creio que nosso rendimento é melhor quando nos sentimos livres para expressarmos o que queremos sem imposição." (Claudia Galli - 1ºB - 1984.)

"Estudei gramática o ginásio inteiro e nunca aprendi nada, pois nunca me interessei por Português. Eu acho que lendo e

vendo o mundo atual em livros, ou escutando opiniões dos colegas e de outras pessoas se aprende muito mais do que decorando para a hora que precisa." (Anrêia Duarte - 19B - 1984.)

"Literatura é uma maneira de conhecer outras coisas e histórias reais por livros. Não gosto de matéria decorativa pois assim não aprendo nada. Com a literatura fiquei sabendo muito mais sobre o contexto brasileiro e latino-americano." (Simone Reck - 19B - 1984.)

"Nas avaliações orais todos tivemos chance para expor o pensamento, mas em algumas delas eu não consegui me expor, acho que isso é devido a uma falta de avaliações orais nos outros anos. Consegui me expressar melhor em avaliações escritas e nesse aspecto, o espaço aberto para meus pensamentos e opiniões foram muito bons e aproveitei-os relativamente bem.

Gostei muito do curso de Português nesse semestre, prefiro o tipo de curso que está sendo dado a qualquer outro tipo que já vi em anos anteriores." (Cláudia Spolaore - 19B - 1984.)

"Aprendi a relacionar a literatura com o contexto brasileiro, percebi que as histórias não são feitas em vão. Gostei de trabalhar em grupo onde as tarefas foram distribuídas igualmente para cada um, não pesando para um aluno sozinho." (Leda M. Ribeiro - 19B - 1984)

"Achei muito bom porque não foi fácil, nada foi dado em nossas mãos, tivemos que pesquisar e esforçar-nos para aprender. O básico foi dado para, a partir daí, expandirmos nossos conhecimentos. Através das discussões e redações os alunos puderam pôr para fora o que pensam e sentem, o que acho muito importante como desabafo e também para mostrar as idéias dos alunos." (Ricardo - 19C - 1984)

"Você explica muito bem mas poderia sair um pouco dos livros e dar mais atividades de gramática. Sou muito ligada em gramática e gostaria de aprender mais." (Neusa Sik - 19C - 1984)

"A parte que eu mais gosto é a de leitura individual pois são histórias incríveis sobre as gerações passadas e eu acho bom saber sobre a vida dos outros." (Regina Trivinho Blondón - 19C - 1984)

"Achei muito bom, principalmente pela minha atração à literatura de um modo geral. Gostei muito do método de aula, círculos, debates, opiniões, pois com isso o aluno mostra mais interesse e participa com mais vontade." (Leonardo - 19C - 1984.)

"Eu achei o curso muito bom porque tudo que nós fizemos foi pelo nosso interesse não foi por obrigação." (Deise C. Lopes - 19D - 1984)

"Eu consegui perceber através dos relatórios de leitura que dentro de cada obra podemos procurar a interferência do contexto." (Ana Maria Figueiredo - 19D - 1984)

"Adorei ler o livro "Relato de um Náufrago". Um livro ótimo, muito bem elaborado sobre um fato real que ocorreu na Colômbia." (Anônimo - 19D - 1984)

"Uma das coisas que mais gostei no curso de Português foi quando discutimos o contexto de um país onde surgiu uma obra literária, pois gosto muito de política." (Elisa Cavadas S. - 19D - 1984)

"O aproveitamento foi bom e nas discussões a gente aprende bastante, pois além de falar do texto, discutimos o contexto da época que gera grande quantidade de assuntos, debates e comparações. Em relação à gramática, creio que deveria haver mais exercícios." (Jussara V. Ros - 19D - 1984)

4 - O TRABALHO NO 2º SEMESTRE

4.A) O ESTUDO DO JORNAL

Para o trabalho do 2º semestre era necessário continuarmos pesquisando a cultura latino-americana dentro de uma perspectiva crítica como fizemos em relação à sua literatura nos seus aspectos regionais que expressam a síntese do encontro de culturas; para isso, escolhemos um tema geral que deveria fundamentar todo o estudo: **o imperialismo cultural na América Latina hoje e a cultura de massa.**

Destacamos como primeira etapa do trabalho, o estudo do jornal. Outra vez recorreremos à técnica de grupo e indicamos um jornal dos mais importantes do Estado de São Paulo para cada grupo: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, Folha da Tarde, Notícias Populares e incluímos também um tablóide como exemplo de imprensa alternativa que, em geral, era o Pasquim, por se tratar da preferência dos alunos.

Esta primeira etapa consiste em propor aos alunos do 1º colegial um conhecimento do jornal página por página, os editoriais, as manchetes, as notícias e reportagens, a matéria paga, propaganda, classificados, etc. Ao final de algumas aulas os grupos devem apresentar os seus relatórios mostrando os seus conhecimentos a respeito do jornal analisado. Deste relatório deverão constar as diversas matérias do jornal separadas por assunto e qual a sua distribuição: política internacional, política nacional, assuntos da América Latina, noticiário geral da capital e do interior; os cadernos destinados ao esporte, à economia, à infor-

mática, à literatura, às ciências e às artes, aos divertimentos, à propaganda, aos classificados; os suplementos de turismo, os dedicados à criança e à mulher, os destinados à cultura de nível superior, como Filosofia, Literatura, etc. A partir daí, já é possível ter um primeiro dado a respeito do jornal: que espaço ele dedica para tal ou tal assunto. Por exemplo: O Jornal da Tarde, pelo grande espaço concedido aos esportes, aos divertimentos e à propaganda, fica muito evidente o seu caráter mais leve, de leitura mais amena e que pretende conquistar o público jovem.

A caracterização do jornal compreende a distribuição e organização das notícias, separadas ou não por assunto, qual a importância que dá para os diversos assuntos, as manchetes de primeira página, que espaços abre para a opinião dos leitores e para a opinião de diferentes setores da sociedade; quem tem acesso ao jornal, apenas os intelectuais de direita ou os de esquerda também? Qual a tiragem diária do jornal e de fim-de-semana; onde ele é produzido, qual o grupo econômico que o produz; um pouco de sua história: que lutas sociais o jornal abraçou no decorrer da sua história; qual a sua posição política, progressista ou conservador; tem posição definida ou muda conforme a situação. Defende ou ataca claramente algum grupo de poder? A quem se destina? É possível perceber qual o nível intelectual dos seus leitores, classe social, faixa etária, categoria profissional? Por que a imprensa marron destaca com tanta ênfase os crimes cometidos pelo povo? Por que não enfoca o lado "Positivo" do povo, o seu trabalho, aquilo que ele produz, os milagres que faz para sobreviver com salário reduzido?

As questões podem se aprofundar na medida que os alunos puderem perceber o seu alcance; muitos alunos mostram grande interesse nas pesquisas; alguns visitam a Folha de São Paulo, pois

lá funciona um sistema de atendimento diário ao público que consulta os seus arquivos; as entrevistas a pessoas ligadas a jornais também ajudam a entender qual a orientação de cada um deles.

O relatório dos grupos é comunicado oralmente para toda a classe a fim de que todos tenham uma visão do que acontece em cada jornal, quais as suas tendências e características.

Iniciamos em seguida, uma nova fase de pesquisa com a seguinte proposta: Que tipos de texto encontramos no jornal? Os alunos deverão pesquisar o que é **NOTA, NOTÍCIA, REPORTAGEM, EDITORIAL, COMENTÁRIO POLÍTICO, COMENTÁRIO ECONÔMICO, ENTREVISTA E CRÔNICA**. Quem faz o jornal? Quais são os profissionais do jornalismo? Quais os principais jornalistas que conhecem e qual o setor onde atuam?

No relatório de grupo, os alunos devem apresentar o que entendem a respeito de cada tipo de texto, as suas características, recortes de exemplos extraídos dos grandes jornais e colagem dos mesmos na folha do relatório.

A crônica, como é um gênero muito especial, tendo seus meandros enraizados no jornalismo e na literatura, abordamos de uma maneira mais profunda, utilizando o texto de Antônio Cândido sobre este gênero, publicado como prefácio do livro de 1º e 2º graus "para gostar de Ler", publicação da Editora Ática.

A VIDA AO RÉS-DO-CHÃO

Antônio Cândido

A crônica não é um **gênero maior**. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

"Graças a Deus", - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, como dizem os quatro cronistas deste livro na linda introdução ao primeiro volume da série. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

É o que o leitor verá em muitas que compõem este volume e os que precederam na mesma série.

Mas antes de chegar nelas, vamos pensar um pouco na própria crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. Não que estas coisas sejam necessariamente ruins. Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoadada de adjetivos e pe-

ríodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa, Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é dos escritores que pensam em ficar", isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo Íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico, o que quer salvar-se acaba por perder-se; e o que não teme perder-se acaba se salvando. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despretensiosa, insinuante e reveladora. E também ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios.

Retificando o que ficou dito atrás, ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção "Ao Correr a Pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi en-

curtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia a dentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu **quantum satis** de poesia representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.

(Texto extraído do prefácio do livro PARA GOSTAR DE LER, destinado aos alunos de 1º e 2º graus - 5º volume - Editora Ática.)

4.B) A PREPARAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL

Ao término das discussões em torno dos jornais da grande imprensa, iniciamos um período preparatório para o **Estudo do Espaço Social** que se realiza normalmente em fins de setembro.

Esta preparação do aluno consiste num trabalho de reflexão sobre a linguagem, a sua origem, para fazer o cotejo entre as formas biológicas evolutivas do homem e as fases que atravessou na criação da linguagem juntamente com o trabalho, porque muitas vezes o ensino de Ciência não aborda a questão como um todo. Para compreender o que é linguagem, abordamos o texto do prof. Rubem Alves "Sobre Palavras e Redes - Libertar" que pertence ao livro "Conversas com quem gosta de ensinar". (*)

Neste texto o aluno percebe a diferença entre homem e animal, as relações entre linguagem, educação e cultura; a importância da linguagem na formação da personalidade, as relações entre o corpo, a linguagem e a educação. Reflexões deste tipo são muito importantes para o adolescente; principalmente se considerarmos que neste momento vamos começar a trabalhar com a linguagem dialeticamente, mostrando as suas faces, não só o seu papel formador, de transmissor de cultura e conhecimentos, mas o seu papel de **controle** que é **ideológico**.

No 3º texto colocamos a questão da ideologia na comunicação de massa como forma de dominação e de detenção das classes trabalhadoras para que não tenham acesso ao poder.

(*) Alves, Rubem - "Conversas com quem Gosta de Ensinar", Cortez Editora - pg. 49, 50, 53.

No 4º texto, que é uma adaptação de "As Cinco Maneiras de Dizer a Verdade" de Brecht, fazemos a discussão do problema da **verdade** e sua difusão nos meios de massa.

Com estas reflexões, pensamos colocar nas mãos dos alunos alguns instrumentos para que possam trabalhar com a linguagem de uma maneira mais consciente, analisar as entrevistas que realizar no Estudo do Espaço Social, analisar a linguagem dos meios de massa, percebendo na sua aparente naturalidade e neutralidade as marcas do autoritarismo e da repressão.

A ORIGEM DA LINGUAGEM

O aparecimento da palavra sempre preocupou os sábios que procuraram explicar o fenômeno da linguagem. Na antiguidade grega criaram-se algumas hipóteses: as primeiras palavras seriam **onomatopaicas**, quer dizer, imitavam os sons da natureza e os homens pré-históricos ligaram estes sons aos trabalhos que executavam. Outra hipótese foi a de que as primeiras palavras nasceram de exclamações desarticuladas, provocadas pelas emoções fortes como o medo, a alegria, o entusiasmo. Uma outra teoria considerava que os gestos foram associados aos sons vocais para indicar uma ação determinada. Mas, nenhuma dessas hipóteses pôde explicar como os sons isolados e as onomatopéias se transformaram em **sílabas e palavras articuladas** e determinar os **fatores** que levaram ao **desenvolvimento intelectual** e à palavra intimamente ligada a ele.

Para tentar localizar o problema da linguagem, vamos rever algumas etapas da evolução humana:

1º) Princípio da evolução: alvorecer do quaternário (1.800.000 anos aproximadamente) os primatas bípedes viviam em território aberto, nutriam-se de plantas, raízes, ovos de pássaros. A fala ainda não existia: apenas emitiam gritos produzidos pelos seus órgãos vocais cuja posição permanece imutável.

2º) Os homínidas para caçar ou proteger-se usavam materiais brutos: pedras, lascas de osso, pedaços de madeira, conchas.

Como se sabe, o comportamento do animal é instintivo, imutável em qualquer circunstância. Por exemplo: um chimpanzé pode servir-se de uma vara para atingir algo que deseja comer; se dispuser de duas varas, brincará com elas sem tentar combiná-las para obter o alimento. As noções **utilizar a vara** e **combinar as varas** são totalmente separadas.

As **noções** estão na base de todo o processo de evolução do homem. Tanto a mobilidade dos órgãos da fala como a ligação de conceitos são resultados de um longo processo de evolução. Os homínidas de Olduvai na África estavam na fase transitória entre representações concretas e noções: usavam pedras e bastões, pe-

dras talhadas em talhe desigual sem ordem preestabelecida; sua atividade vocal estava na mesma fase: herdara sons isolados (gritos) que agora não produziam automaticamente, mas segundo uma intenção determinada.

39) Os homínidas adquiriram mais tarde a faculdade de reproduzir sons mais articulados e de combiná-los sob a forma de sílabas, cujo tipo inicial permanece invariável: "la-la-la-la", "pa-pa-pa-pa", "da-da-da-da", corresponde à fase de "lalação" que pertence também ao desenvolvimento da fala na criança (mais ou menos aos 6 meses surge a lalação).

As lalações não serviam para troca de idéias, nem para a conversação mas incitavam para determinados atos ou eram sinais de diversos fatos que surgiam na vida de um grupo. As lalações continham a **pronúncia fixa de diversos sons** e a **possibilidade de combiná-los**.

40) Cerca de 200.000 anos atrás, os fósseis encontrados da cultura achelense são constituídos de objetos mais elaborados, o que demonstra a existência de honções embrionárias. Simultaneamente, devem ter criado a combinação de sílabas, ou sejam, palavras. Os fragmentos dos esqueletos encontrados mostram um aumento do tamanho do cérebro em relação às formas pré-humanas, uma certa redução no maxilar. Tais modificações acarretam um abaixamento do ponto de vinculação da língua, decorrendo daí um repuxar para trás dos órgãos da garganta. O fluxo de ar expirado não vinha mais diretamente para os lábios, como nos símios, mas vencia uma série de cortinas controladas pelos centros corticais. As primeiras palavras eram monossilábicas e nos períodos seguintes da Idade da Pedra a linguagem deve ter sido circunscrita ao nível da palavra isolada.

50) Houve um progresso substancial da linguagem ao aparecer o "Homo Sapiens", ancestral do homem moderno (fim da Idade da Pedra, última glaciação quaternária - 30.000 anos A.C. O cérebro do Neantropo tem uma abóboda mais alta, embora seja quase da mesma dimensão de seus predecessores, forma mais arredondada dos lóbulos frontal e occipital. Os maxilares inferiores são menos maciços e facilitam o movimento rápido da pronúncia, apresenta protuberância óssea: o queixo.

Com os neantropos a técnica de trabalhar a pedra aperfeiçoa-se notavelmente. Aparecem utensílios muito elaborados, objetos de osso e até peças muito finas, como as agulhas. A ornamentação dos objetos, o desenho, a pintura e a escultura se desenvolvem consideravelmente.

A evolução da técnica, da economia (os Neantropos se dedicam sobretudo à caça de animais de grande porte), das artes plásticas, mostra que esses homens do último período de glaciação na Europa tinham um nível e um estilo de vida compatível aos de certas tribos atuais, que vivem da caça e da apanha. Sem qualquer dúvida, esses homens já estavam à altura de efetuar combinações duplas de noções e palavras, o que quer dizer que eles possuíam uma linguagem articulada.

Com eles termina a história da elaboração da fala. Ao longo das épocas seguintes, a partir da palavra articulada, nasceram diversos sistemas de expressões complexas, as línguas, com sua fonética, seu vocabulário, sua estrutura gramatical. A História, a arqueologia e a Linguística convergem para provar que o aparecimento dos grandes sistemas linguísticos se deu no princípio da era dos metais, há cerca de 6.000 ou 9.000 anos.

(Texto adaptado da revista CORREIO DA UNESCO.)

SOBRE PALAVRAS E REDES- LIBERTAR -

Vou começar falando de uma vespa, famosa e conhecida que pode ser vista pelos campos numa eterna caçada que se repete há milhares de gerações. A vespa procura uma aranha. Trava com ela uma luta de vida e morte. Pica-a várias vezes, paralisando-a viva. Arrasta-a, então, indefesa, para o seu ninho, um buraco na terra. Deposita os seus ovos. Depois disto sai e morre. Tempos depois nascem as larvas que se alimentarão da carne da aranha. Crescerão sem ter nenhuma mestra que lhes ensine o que fazer. A despeito disto, farão **exatamente** o que fizeram sua mãe, sua avó e todos os ancestrais, por tempos imemoriais...

Educação perfeita, sem mestres e sem consciência. Na verdade, educação alguma, porque o conhecimento já nasce solidário com o corpo e faz com que o corpo faça o que tem de fazer.

Repetição sem fim. Cada geração **reproduz** a outra. Graças à repetição e à reprodução a vida é possível. Já imaginaram o que ocorreria se, a cada nova geração, tudo devesse começar da estaca zero? Memória perdida, experiências passadas perdidas, apenas o organismo vivo frente a um mundo que ele não conhece, não entende, do qual não sabe o que esperar, incapaz de separar o comestível do não-comestível, incapaz de re-conhecer (o que é impossível sem a reprodução de um passado!) o ambiente amigo, sem nada saber sobre o que fazer para perpetuar-se. Livre do passado, esta vespa gozaria a liberdade absoluta, liberdade que termina sempre na morte. De fato, a reprodução de aberrações genéticas é algo a ser evitado. Mas isto de forma alguma anula as vantagens da repetição e da reprodução na economia da sobrevivência.

À vespa são poupadas as dores da aprendizagem, todo o conhecimento necessário à sua vida já está presente, inconscientemente, no seu corpo. Programada perfeitamente para viver e para morrer. Vida sem problemas novos, sem angústias, sem neuroses, sem revoluções.

Nós?

Seres de programação biológica atrofiada, encolhida, restrita. Verdade que ela diz bastante sobre as coisas que devem ocorrer dentro da nossa pele, tanto assim que as crianças continuam a nascer, na maioria das vezes perfeitas, de mães e pais que nada sabem. Mas ela diz muito pouco, se é que diz alguma coisa, sobre o que fazer por este mundo afora. Tanto assim, que foi necessário que os homens **inventassem** maneiras de ser humanos por meio da imaginação e de convenções. São os mundos da cultura.

.....

Mas estas invenções não se transformam nunca em programação biológica. Por isso as receitas de como ser humano tem de ser ensinadas, aprendidas, preservadas. E isto se faz através da linguagem.

"A linguagem torna objetivas as experiências comuns e as torna acessíveis a todos dentro da comunidade linguística tornando-se assim tanto a base como instrumento do estoque coletivo de conhecimento".

Educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela linguagem. Aprender o mundo humano é aprender uma linguagem porque "os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo".

.....

O corpo humano não é o organismo animal, em sua imediatez biológica. O animal é seu corpo. O homem **tem** seu corpo. É de causar espanto que apenas os homens percebam a sua nudez. (Merleau-Ponty) Se não fosse pela palavra **nu** e o tom com que ela é pronunciada, o homem não teria consciência de sua nudez. Não se ruborizaria. Então, implícita na mediação linguística do mundo está também a mediação linguística do corpo.

O corpo é um produto da educação.

Lembro-me de um cavalheiro, educado num mundo de hábitos alimentares marcados pelos tabus religiosos, e que aprendera a detestar miolo. Foi jantar em uma casa em que foi servida couve-flor empanada. Deliciosa. Após o jantar dirigiu um elogio à anfitriã.

- Divina, a couve-flor...

- Couve-flor? Miolo empanado...

E sem que houvesse uma única alteração nos componentes físico-químicos da situação, a linguagem que envolvia o corpo se

encrespou, e a polidez se transformou no embaraço da saída apressada da mesa para vomitar... Vomitar o quê? Miolo? Absolutamente. Vômito de palavras, rótulos, etiquetas. Assim são as coisas: a Língua tem a possibilidade de fazer curto-circuitos em sistemas orgânicos intactos, produzindo úlceras, impotência ou frigidez. Porque são as palavras que carregam consigo as proibições, as exigências e expectativas. E é por isso que o homem não é um organismo mas este complexo linguístico a que se dá o nome de personalidade".

Extraído do livro de Rubem Alves: "Conversas com quem gosta de ensinar".

A LINGUAGEM DA COMUNICAÇÃO DE MASSA E A IDEOLOGIA

Vimos, no texto anterior, a importância da linguagem para o homem na construção da cultura, transmitindo conhecimentos e experiências, na formação da sua personalidade. Através da linguagem, o homem aprende as formas de ser humano. Não podemos esquecer também a origem da linguagem e da sua relação com o trabalho, que são características humanas importantes que se desenvolvem através dos tempos, desde a Pré-História.

Quando o Homo-Sapiens surgiu por volta do período paleolítico, possuía a linguagem articulada como é a nossa de hoje: a articulação de palavras para formar a frase e a articulação de sons isolados para formar as palavras.

Já disseram certa vez que "a linguagem fez o homem"; e o trabalho tornou possível o nascimento da linguagem.

Parece nítida, portanto, a importância da linguagem: linguagem coloquial e familiar, linguagem profissional e técnica, principalmente a linguagem da **cultura de massa** que entra em nós por todos os poros, através do rádio, televisão, jornais, revistas, histórias em quadrinhos, cartazes de rua, etc. A linguagem envolve o ser humano de todas as formas, no seu cotidiano: o homem está mergulhado na linguagem.

O nosso contato com a linguagem da **cultura de massa** é muito grande, por isso corremos o risco de deixar que a **"nossa cabeça seja feita por ela"**.

A **cultura de massa** veicula através da sua linguagem o que chamamos de **ideologia**: a palavra ideologia tem um sentido corrosivo, porque é o conjunto das idéias que são veiculadas durante uma certa época e que estão sempre ligadas ao **poder**, à dominação de uma classe pela outra. A **ideologia** surge com o próprio nascimento das sociedades históricas, quer dizer, quando os homens se organizando em sociedade através da divisão social do trabalho, separando os que pensam e os que executam, os que detêm o poder e os que são dominados, tiveram que explicar e justificar

a organização social **como criação dos próprios homens**. Portanto, não puderam mais atribuir a Deus, a explicações míticas ou imaginárias a fonte do poder, a causa das desigualdades sociais. Para poder dominar é preciso se valer de algumas idéias que fundamentam e justificam o poder, porque ninguém pode dominar por muito tempo, com a "pura violência". A partir do momento em que os homens começam a pensar a sua vida social e política, criam para isso um corpo de **representações e normas**, traduzindo-as num discurso impessoal sobre a sociedade e a política, eles estão criando a **ideologia**.

"Justificam através de idéias gerais (o Homem, a Pátria, o Progresso, a Família, a Ciência, o Estado) as formas reais da desigualdade, dos conflitos, da exploração e da dominação como sendo naturais (isto é, universais e inevitáveis) e "Justas" (ponto de vista dos dominantes) ou "injustas" (ponto de vista dos dominados)." Cultura e Democracia - Marilena Chauí - p. 19

Toda a cultura de massa está impregnada de ideologia que tem a função hoje de controlar as massas, de fazer com que se submetam docilmente àquilo que a classe dominante destinar para elas.

A manipulação da linguagem jornalística é um exemplo bem claro de quanto a ideologia e os interesses de certos grupos de poder estão por trás de muitas notícias que parecem neutras ou acidentais. Muitos exemplos extraídos dos jornais que analisamos podem ser compreendidos como formas de manipulação da opinião pública, porque sob a aparência de que defendem os interesses da maioria, na verdade, defendem os interesses de certos grupos de poder.

A linguagem da cultura de massa não é neutra, embora pretenda sempre ou quase sempre, ter a aparência de neutralidade. Ela é uma linguagem compromissada com a **ideologia**: os espaços destinados ao **saber crítico** são poucos, como vimos na análise feita aos grandes jornais do Estado de São Paulo.

É necessário um esforço contínuo de nossa parte para percebermos o que está por trás das notícias: qual é o jogo ideológico a que servem.

Por outro lado, é quase impossível que o nosso saber seja todo ele crítico: já assimilamos muito do saber ideológico que

tem aparência de neutralidade e combatê-lo não é fácil. Muitas vezes, diante dele a nossa reação é simplesmente voltar-lhe as costas.

Um escritor alemão da época do nazismo, Brecht, escreveu um texto muito importante sobre isso: como a linguagem pode ser um instrumento para combater a ideologia e como ela pode ser uma arma na mão daqueles que sabem manejá-la como um saber crítico.

CINCO MANEIRAS DE DIZER A VERDADE

Bertold Brecht

Cinco dificuldades no escrever a verdade.

Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Deve ter coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como uma arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o fascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram. E mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa.

1) A CORAGEM DE ESCREVER A VERDADE

Entende-se que o escritor deva escrever a verdade no sentido de que não pode suprimi-la ou silenciá-la, nem escrever inverdades, nem curvar-se perante os detentores do poder, muito menos enganar os fracos.

Os tempos de máxima opressão são aqueles em que quase sempre se fala de causas grandiosas. Em tais épocas, é necessário ter coragem para falar de coisas pequenas e mesquinhas como a comida e a moradia dos que trabalham, no meio do palavreado homérico em que o espírito de sacrifício é agitado como estandarte glorioso.

Se todas as emissoras berram que o homem sem cultura e sem instrução tem mais valor que o instruído, então é corajoso perguntar: tem valor para quem?

2) A INTELIGÊNCIA DE RECONHECER A VERDADE

Uma vez que é difícil escrever a verdade porque em toda parte ela vem sendo suprimida, muitos pensam ser questão de foro íntimo escrever a verdade ou não. Acreditam que somente é necessário coragem. Esquecem a segunda dificuldade: a do descobrimento da verdade. De forma alguma pode-se dizer que é fácil encontrá-la.

Gente que somente descreve pequenos fatos não é capaz de manejar as coisas deste mundo. Mas a verdade só tem esse objetivo, nenhum outro. Essa gente não é competente para escrever a verdade e atender às suas exigências. Se alguém está disposto a escrever a verdade e é capaz de reconhecê-la, restam três dificuldades.

3) A ARTE DE TORNAR A VERDADE MANEJÁVEL COMO UMA ARMA

Ruidosas acusações contra a barbárie e suas manifestações podem ter efeito durante um curto período, enquanto os ouvintes acreditam que em seus respectivos países tais violências não são possíveis. Certos países são capazes de manter relações de propriedade por meios que se afiguram menos violentos do que em outros. Aí a democracia ainda presta serviços; em outros, apela-se para a violência a fim de garantir a propriedade dos meios de produção.

Quem quiser fazer uma análise sobre o fascismo e a guerra, apesar de que grandes catástrofes não são catástrofes da natureza, tem que argumentar com verdades práticas. Tem que mostrar que as grandes catástrofes são preparadas pelos proprietários dos meios de produção, para grandes massas humanas que não os possuem. Se quiserem escrever com êxito a verdade sobre graves situações, deverão escrever de maneira que permita reconhecer suas causas evitáveis. E conhecendo as causas evitáveis, pode-se lutar contra essas situações.

4) A CAPACIDADE DE ESCOLHER AQUELES EM CUJAS MÃOS A VERDADE SE TORNA EFICIENTE.

Quero realçar aqui que do "escrever a alguém" ficou apenas um "escrever". A verdade, porém, não se pode escrever assim. Ela realmente tem que ser dirigida a alguém que saiba fazer algo com ela. A compreensão da verdade é um processo comum, tanto para os escritores quanto para os leitores. Para se poder dizer coisa boa há que ouvir coisa boa. A verdade deve ser dita calculadamente e deve ser ouvida calculadamente. Para os escritores, é da máxima importância saber a quem dizemos e de quem ouvimos.

3) A ASTÚCIA DE DIVULGAR A VERDADE ENTRE MUITOS

A divulgação do pensamento, não importa em que terreno seja, é sempre útil à causa dos oprimidos. Uma divulgação assim é muito necessária. Em governos que servem à exploração, o pensa-

mento tem cotação baixa, como baixo é considerado tudo o que é útil aos oprimidos. Baixo é pensar. Os famintos são insultados como comilões; os que nada têm para defender são apontados como covardes; os que duvidam dos opressores são acusados de duvidar de suas próprias forças; os que reclamam salários por seu trabalho são chamados de vagabundos, etc. Sob tais governos, o ato de pensar, em geral, é considerado como baixo e suspeito. (Adaptação do texto Brecht)

4.C) O ESTUDO DO ESPAÇO SOCIAL

Como o nosso trabalho faz parte de uma proposta mais ampla, integrada de diversas disciplinas, no início do ano letivo planejamos para o mês de setembro o "estudo do espaço social" que consiste na análise mais profunda possível de uma região industrializada ou uma agro-indústria situada no interior do Estado. Geralmente a região escolhida é a de Piracicada, onde há grandes usinas de cana-de-açúcar e de álcool, embora tenhamos feito estudos também em São Luís do Paraitinga (região do vale do Paraíba) e no bairro do Jaguaré em São Paulo.

Neste estudo, os alunos começam a compreender o processo de industrialização na América Latina e principalmente do Brasil, as contradições que lhe são próprias, as transformações econômicas pelas quais a região analisada passou.

Visitamos duas vezes, em anos não consecutivos, a usina Costa Pinto na região de Piracicaba. É uma das maiores usinas da região, situada numa área de 18.000 alqueires com 80Km de raio, de modo que esta propriedade se estende a vários municípios vizinhos. Sua plantação de cana-de-açúcar se expande a dezenas de quilômetros de sua sede.

A usina funciona num certo período do ano que é o da safra de cana, compreendendo os meses de maio a final de outubro. Nos outros seis meses há um período para o reparo das máquinas e plantação das novas mudas de cana, de modo que muitos operários perdem seu emprego no período de entre-safra. As condições de trabalho na usina são problemáticas: o barulho ensurdecedor, o cheiro nauseante de coisa fermentada, o calor violento, o ar re-

Os jornais são avaliados em Língua Portuguesa e eventualmente, por outras disciplinas também, dependendo do entendimento que houver entre os professores, como uma das notas bimestrais.

Procuramos mostrar aqui alguns textos dos jornais elaborados pelos alunos do 1º colegial de 1982 e 1984.

SUGESTÕES PARA ENTREVISTAS COM TRABALHADORES

ORIGEM - Qual o seu lugar de origem? Há quanto tempo está aqui? A família o acompanha ou está só? Fale alguma coisa sobre a sua terra. Por que saiu de lá?

FAMÍLIA E CONVIVÊNCIA - É casado? Qual o número de filhos? Como é a convivência com a família? Ensina alguma coisa para os filhos? Faz trabalho em casa? Conserta coisas? É possível a convivência com amigos e parentes? Como ela se dá? Frequenta igreja, clube, bar, jogo de futebol? O que você considera um passeio bom? Conhece alguns pontos de lazer que a cidade oferece? Quais?

SAÚDE E ALIMENTAÇÃO - Tem boa saúde? Quais os alimentos que você acha importantes para a saúde? O seu salário permite que você o utilize na sua alimentação? Quando adoece, usa o sistema previdenciário? Usa medicina caseira?

TRABALHO - Onde você trabalha? É registrado em carteira? Quanto ganha por mês? Conte como é seu trabalho, o que você faz. Como são as condições de trabalho: segurança, salubridade, ritmo, atenção que exige, etc. No trabalho é possível ter contato com os companheiros e companheiras? Quando? Essa convivência continua fora do local de trabalho? Onde? Na sua convivência com os companheiros troca idéias sobre a situação de trabalho? Tem preocupação com a organização da categoria a que pertence como trabalhador? É filiado ao seu sindicato? Acompanha as suas atividades? Acha importante uma outra forma de participação do trabalhador além do sindicato, num partido político, por exemplo? Como você encara a participação dos trabalhadores hoje na política? É sinal de que os tempos estão melhorando? Em que sentido?

ESCOLARIDADE - Quantos anos você frequentou escola? Como foi a sua escolaridade? Atualmente está fazendo algum curso? Porque resolveu continuar os estudos? Como aprendeu a profissão que exerce atualmente?

SITUAÇÃO POLÍTICA ATUAL - Você tem uma série de informações sobre o país hoje, através dos meios de comunicação de massa: Como está o Brasil? É bom para todos? o Trabalhador está devidamente valorizado? Você espera que ocorra alguma transformação? de que tipo? A favor de quem?

Toda esta realidade o aluno vai observar no local, anotar as suas observações, colher os dados e as informações que constam nos itens dos roteiros organizados pelos professores das diversas disciplinas; por exemplo: em Química, os processos de fabricação, em História, a mão-de-obra, as relações entre capital e trabalho; em Geografia, o espaço, sua ocupação e transformação; em Língua Portuguesa, todo o material que recolherem poderá ser reelaborado nos trabalhos subseqüentes, em especial as entrevistas com os trabalhadores em cuja linguagem se manifestam o saber crítico e a ideologia.

Nesta visita, geralmente os alunos entram em contato apenas com os operários da usina, com o pessoal dos laboratórios, técnicos responsáveis por certos setores, engenheiros, administradores, etc.; os "boias-frias" se encontram muito distantes da sede e é impossível contactá-los.

Nas semanas seguintes à visita à região agro-industrial, o trabalho em classe é intenso em todas as disciplinas: os alunos fazem a organização do material para discussão e apresentação de relatórios.

Em língua Portuguesa, os alunos iniciam a montagem de um jornal para cada equipe sobre a realidade que foi observada e que agora estão estudando em profundidade. Devem figurar no jornal os diversos tipos de texto que aprenderam a distinguir na grande imprensa (nota, notícia, reportagem, editorial, entrevista, comentário econômico, crônica), aproveitando o farto material que elaboram no momento.

OBSERVAÇÃO: Você deve acrescentar ou retirar desse roteiro de sugestões quantas questões achar necessárias, deixando sempre que a pessoa entrevistada fique à vontade, prolongue as respostas que desejar ou aborde algum assunto que não tenha sido mencionado aqui.

ROTEIRO PARA ANÁLISE DE ENTREVISTAS

- A) Faça um perfil do trabalhador do setor que você pesquisou, baseando-se nos diálogos que teve com eles e nas informações que você colheu durante o estudo do espaço social.
- origem do trabalhador
 - seu relacionamento no trabalho e fora dele
 - saúde, alimentação, moradia
 - condições de trabalho e salário
 - a sua visão de mundo e consciência política
- B) Ao analisar as entrevistas que os trabalhadores concederam aos alunos, procure responder as questões seguintes:
- 1º) Em algum momento da entrevista, o trabalhador reconhece a separação que existe entre trabalho manual e intelectual?
 - 2º) Atribui a origem da vida social (os problemas que enfrenta) a forças ignoradas, alheias às suas ou superiores, como: o Destino, o Estado, a Natureza, Deus?
 - 3º) Como o trabalhador explica a questão da desigualdade entre os homens? Como resultado das relações sociais?
 - 4º) Nas relações de trabalho, percebe a violência e a dominação de que é vítima, ou acha normal tudo que transcorre no ambiente de trabalho?
 - 5º) A idéia de desenvolvimento do país influi para que o trabalhador aceite e justifique a situação difícil em que se encontra? o desenvolvimento atinge com seus benefícios a classe trabalhadora?
 - 6º) Considera importante a sua participação no sindicato e num partido político que represente realmente a sua classe?
 - 7º) Tem perspectiva de que ocorra alguma transformação social? Como?
 - 8º) Os trabalhadores, evidentemente, têm pouca escolaridade em relação à idade que possuem; como você percebe isto na linguagem utilizada por eles?
 - 9º) Pelo fato de não usar o padrão culto da linguagem, o trabalhador entrevistado pode ser considerado menos crítico, mais ingênuo na sua análise da realidade?

- 102) A aquisição do padrão culto da linguagem é uma questão de classe social? Por quê?
- 112) Faça os comentários que quiser a respeito da entrevista que você analisou, tanto do ponto de vista do entrevistador como do entrevistado.

4.D) A LEITURA EXTRA-CLASSE

Ao iniciar o 4º bimestre, indicamos a leitura extra-classe, pois no 3º ela fica prejudicada porque os trabalhos relacionados com o Estudo do Espaço Social e o Jornal exigem muito do aluno; são muitas leituras preparatórias, muitos textos que ele deve produzir individualmente e em equipe, análises das entrevistas, transcrição de entrevistas do gravador para o papel, apresentação do material em classe para outras equipes; incluir a leitura extra-classe e as discussões em torno dela no período do 3º bimestre, seria impossível.

As leituras indicadas para o 4º bimestre levam a uma reflexão em torno das sociedades modernas e suas manifestações mais ou menos acentuadas. São as seguintes obras: "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley (década de 30), "A Muralha Verde" de Zamiatin (autor russo cuja obra foi publicada na França em 1929) e "1984" de George Orwell (1948): a primeira e a última obras foram publicadas na Inglaterra. Com estas leituras, encaminhamos as discussões para alguns pontos fundamentais das sociedades modernas, como: o **grande desenvolvimento tecnológico** como resultado de uma **Ciência positivista** com o firme propósito de **dominar a natureza**; o uso da **planificação tecnológica e racional** em benefício de **sistemas centralizados e burocratizados** de governo para **controlar** as pessoas que são cada vez mais **automatizadas e conduzidas** para os fins que o **Estado** lhes impõe; incapacidade destes sistemas de governo em **controlar inteiramente** todos os súditos, de modo que sempre há os que se rebelam e procuram de alguma maneira **transformar a realidade**; incapacidade destes sistemas de promoverem o

desenvolvimento e o bem-estar de todos os povos, de sorte que continua existindo a polaridade **desenvolvidos e subdesenvolvidos** com uma grande ascendência e dominação dos primeiros sobre os segundos.

Os alunos percebem as ligações entre a leitura que fizeram e a realidade em que vivemos. Como não têm conhecimentos bem fundamentados sobre a organização social, é difícil conduzir a discussão sem que eles "caiam" em posições preconceituosas e estereotipadas a respeito desta ou daquela forma de governo; às vezes confundem fatos históricos pertencentes a um período, como característicos de determinada forma de organização social. A situação pedagógica neste momento é bastante complexa, mas é necessário começar a reflexão em profundidade no colegial, se não, isto nunca vai acontecer. Trabalhar com o aluno os aspectos de infra-estrutura do capitalismo, como a exploração do trabalhador, o desenvolvimento industrial de maneira desorganizada, poluindo o ambiente e causando danos à população; o imperialismo externo e sua dominação expoliadora que carrega o resultado do trabalho dos brasileiros para os países do capitalismo central; tudo isso é facilmente percebido pelo aluno quando faz parte da sua experiência; muitos sentem "na pele", em si mesmos ou em membros da própria família, a exploração que o trabalho exerce sobre as pessoas, principalmente as de baixa renda. Porém, trabalhar com a super-estrutura em suas relações com o dia-a-dia, é muito mais difícil; fazer o aluno perceber na música que ele tanto aprecia, nas roupas da última moda, nos filmes enlatados que ele vê, subtraindo muitas horas do sono necessário na fase de desenvolvimento em que se encontra, os sinais de uma dominação externa e interna, o perpassar de uma ideologia consumista e controladora, é

muito mais difícil e exige muito cuidado, porque os efeitos do nosso trabalho podem ser justamente o contrário do que esperamos. É preciso, portanto, fundamentar o trabalho.

4.E) O TRABALHO NO 4º BIMESTRE

O IMPERIALISMO CULTURAL NA AMÉRICA LATINA

E A COMUNICAÇÃO DE MASSA

Os problemas **culturais**, embora não sejam os mais importantes nas relações entre os países da América Latina e os Estados Unidos, estão sempre presentes e são indispensáveis para manter a cooperação entre os países do hemisfério. As questões relacionadas à cultura são motivo de preocupação para os componentes da Organização dos Estados Americanos (O.E.A.) que aprovaram em 1961, na reunião de Punta del Este um documento voltado para estes problemas: uma resolução aconselhando os países da América Latina a adotarem programas decenais de educação e outra sobre a importância da mobilização da opinião pública nos países latino-americanos, tendo em vista os objetivos da manutenção do capitalismo e de sua ideologia ou a difusão de valores que correspondem aos interesses predominantes no governo e na grande empresa norte-americana.

Não só as agências governamentais dos Estados Unidos operam na esfera cultural dos países latino-americanos: muitas empresas e conglomerados atuam diretamente na produção e difusão de filmes, programas de rádio e televisão, jornais, revistas, livros, histórias em quadrinhos, distribuição de notícias e fotografias, produção de livros escolares, propaganda, etc. "Na maioria dos países da América Latina, o conteúdo, é amplamente produ-

zido nos Estados Unidos ou Influenciado pelos programas, agências e empresas de origem norte-americana". (Imperialismo e Cultura - Otávio Ianni - p. 52)

As cadeias publicitárias são controladas em sua maioria por empresas dos Estados Unidos. Nessa indústria cultural, destacam-se as revistas norte-americanas que exercem influência decisiva em alguns setores da opinião pública latinoamericana. Por exemplo: as revistas "Seleções", "Visão" e "Life" alcançaram grandes tiragens em alguns países latino-americanos, como o Brasil, Argentina e México.

"Os efeitos da dependência cultural na vida dos latino-americanos não são a consequência de uma "invasão" dirigida por uma potência "inimiga"; mas a consequência de um opção feita por suas próprias classes dominantes, em nome do desenvolvimento nacional." (Idem - p. 55)

A indústria cultural produzida dentro do imperialismo assume as características para as quais foi criada: manutenção do sistema capitalista e das relações de dominação não só de uma classe pela outra dentro de um mesmo país, mas a submissão dos países periféricos àqueles que mantêm o poder central dentro do sistema internacional.

"Assim sendo, a indústria cultural do imperialismo está organizada para manipular, sob as mais variadas formas, as pessoas, os grupos e as classes sociais subalternas. Mas essa manipulação não se limita a este ou àquele aspecto dessa indústria. Realiza-se em múltiplas e continuadas formas, implicando vários graus de repressão do pensamento. As pessoas, grupos e classes sociais alcançados por essa indústria são induzidos a pensar e a expressar-se principalmente nos termos e segundo os objetivos dos que a controlam. Todo um conjunto de possibilidades de pensamento

e expressão é esquecido, proibido ou reprimido. A própria maneira de transmitir informações e interpretações, além da seleção de umas e outras, induz as gentes a um modo de pensar e expressar-se alienado." (Imperialismo e Cultura - Otávio Ianni - p. 56)

Os autores da Escola de Frankfurt (Alemanha - 1930) denunciaram o caráter **repressivo da cultura burguesa** que havia sido percebido desde a época de formação do capitalismo. "E reaparece no pensamento europeu no século XX, com novo vigor, precisamente pelo agravamento do caráter **manipulativo e repressivo** da cultura burguesa na época do capitalismo monopolista." (Idem - p. 61)

(Texto extraído do livro Imperialismo e Cultura de Otávio Ianni)

A INDÚSTRIA CULTURAL

No texto anterior, vimos qual é a produção da indústria cultural: filmes, programas de rádio e televisão, jornais, revistas, livros, histórias em quadrinhos, distribuição de notícias e fotografias, produção de livros escolares, propaganda, etc. Pela nossa experiência diária sabemos como é farto esse material, produzido em grande quantidade, para atender principalmente às necessidades de **informação** e **lazer** de todas as faixas da população, crianças, jovens, adultos de ambos os sexos.

Dentre os autores que estudaram os problemas relacionados à indústria cultural, destacamos os da Escola de Frankfurt (Alemanha da década de 30), que criaram este nome para o fenômeno da cultura de massa e puderam perceber algumas das suas características, por exemplo: a **semelhança** e a **repetição** para que não haja esforço por parte dos consumidores; existe **inovação** somente na parte técnica, os conteúdos são continuamente repetidos; as conexões lógicas são feitas de modo que não haja esforço intelectual, daí o absurdo das seqüências, a falta de nexo: não há coerência pois os roteiristas encontram uma saída para cada situação. Pensamos nas nossas novelas... Há necessidade permanente de **efeitos novos** que permanecem ligados ao **velho esquema** para reforçar a autoridade do que foi transmitido.

A cultura de massa procura desenvolver uma linguagem sua, com vocabulário próprio, usada com descontração e liberdade; o objetivo é apresentar o seu conteúdo de modo **natural**; a rotina disfarçada em **natureza**.

Os estudiosos questionam também o fator **divertimento** e **lazer** que é atribuído à indústria cultural: de que modo? Atualmente uma grande maioria das pessoas estão submetidas ao **trabalho**

mecanizado, quer dizer, um trabalho repetitivo, feito mecanicamente, sem a participação das faculdades humanas de inteligência, imaginação, sensibilidade, criatividade, etc. Então, as pessoas procuram formas de lazer para absorver-se e desligar-se do trabalho mecânico que geralmente é causa de muita insatisfação. Ao procurar o lazer na comunicação de massa, encontram de novo formas mecânicas e alienadas de relacionamento com a cultura; o prazer, que lhes é prometido constantemente, é sempre adiado, de modo que as pessoas se sentem frustradas novamente. O trabalho e o lazer são ambos a continuação um do outro.

A **violência** dos meios de massa, principalmente nos filmes e desenhos animados, tem a finalidade de acostumar o espectador com a violência, para que ele não estranhe a violência que vai encontrar nas ruas no cotidiano.

Como disse o autor alemão Brecht, não é fácil fazer o **desmascaramento** da linguagem da indústria cultural e buscar sob a aparente **universalidade** da cultura burguesa as verdades de cada classe social: a cultura do povo, por exemplo, não aparece na indústria cultural, é negado ao povo não só ver as suas raízes culturais expressas nos principais meios de massa, como também provoca a destruição da cultura popular.

Na vida política podemos afirmar que, dentro destas condições em que se transmite a cultura de massa, gerando **apatia e conformismo**, é difícil praticar a **democracia**.

Os dois últimos textos: " O Imperialismo Cultural na América Latina e a Comunicação de Massa" e "A Indústria Cultural" foram organizados como preparação do aluno para a última etapa do trabalho de pesquisa.

Enquanto as pesquisas se desenvolvem fora da sala de aula, durante as aulas realizamos um trabalho de revisão das normas ortográficas, por considerarmos de fundamental importância o domínio das normas de escrita pelo aluno que está iniciando o colegial, embora não coloquemos a ênfase do nosso trabalho nos aspectos formais da linguagem conforme tivemos oportunidade de observar na parte anterior desta dissertação.

Para os professores que tiveram uma formação intelectual semelhante à minha, isto é, onze anos de estudo de latim, outros sete anos de Gramática Histórica, outros tantos de Filologia Românica, é muito difícil enfrentar o ensino da língua portuguesa, principalmente da ortografia e da morfologia, para os alunos de hoje que não tiveram nenhuma iniciação ao Latim e ao Grego. Para mim, é muito importante recorrer à origem das palavras quando tenho alguma dúvida quanto ao modo de escrevê-las: acho difícil ensinar a ortografia sem recorrer às origens. Entretanto, tenho procurado enfrentar o problema trabalhando com o significado das palavras ao mesmo tempo que a ortografia para evitar e excessiva mecanização.

Quando se estudam as normas da escrita, surge naturalmente o problema dos padrões da linguagem: o culto e o popular; a visão crítica norteia o trabalho, mostrando ao aluno o papel que a língua desempenha numa sociedade dividida em classes: a classe dominante exerce a sua dominação inclusive através dos conteúdos ideológicos da língua e também das normas lingüísticas que constituem o padrão culto, como requisito necessário para o acesso ao curso superior e a determinadas profissões que exigem um processo de longos anos de escolaridade. As classes populares são barradas ao processo de ascensão social por vários mecanismos, inclusive o da língua.

Vemos, portanto, com os alunos do 1º colegial, as normas de acentuação gráfica, as normas de ortografia em geral; as outras normas de sintaxe, como crase, a concordância, regência, colocação são estudadas no 2º colegial

Quanto às pesquisas realizadas neste bimestre pelos alunos, têm a finalidade de conscientizá-los do modo como se exerce o imperialismo cultural na prática, estudando os diversos grupos econômicos que produzem a indústria cultural, a que grupos sociais ela se destina, qual a mensagem que veicula, etc.

Entre os vários roteiros apresentados aos alunos, conforme o setor escolhido para a realização do trabalho de pesquisa e análise, escolhemos um deles que se refere à novela de televisão e às histórias em quadrinhos, relacionados à Rede Globo de Televisão e à Abril Cultural.

- 1) Levantamento de dados sobre o grupo econômico que faz o produto cultural escolhido pela equipe.
- 2) Análise do material:
 - a) história do gênero no Brasil
 - b) como ele se apresenta
 - c) como são os textos propriamente ditos
 - d) como são as imagens (a técnica)
 - e) análise dos valores que eles veiculam
 - f) a quem se destina, qual a penetração que têm no meio jovem
 - g) conclusão: como você relaciona a cultura de massa com a situação da América Latina?

Estes trabalhos desenvolvidos pelos alunos foram interessantes na parte de pesquisa, pois os alunos conseguiram muitos dados sobre as duas grandes empresas: Abril Cultural e Rede Globo. Sobre a Abril Cultural, por exemplo, além dos dados relativos

à sua origem e crescimento no Brasil, o grande número de empresas associadas a ela hoje, como: Embalarte Indústria e Comércio Ltda., uma firma produtora de embalagens fundada em 1961; as Centrais Frigorificadas S.A. - CEFRI, que fez em 1973 associação com o capital e "know-how" suecos; a Abril-Tec voltada para publicação de revistas e periódicos destinados aos homens de negócio, com informações sobre a economia e o desenvolvimento das 500 maiores empresas do país; o Círculo do Livro com 650.000 sócios em todo Brasil e mais de 600 títulos publicados, com 20% de participação de autores nacionais.

A análise da linguagem da indústria cultural manifesta em diversos meios de massa como a televisão, a história em quadrinhos, é apresentada ainda de modo incipiente pelos alunos, que percebem nelas algumas de suas características discutidas em classe e estudadas nos textos: 1º) o apelo ao consumo é uma das mais evidentes 2) personagens fortemente enraizados no individualismo, no espírito capitalista e imperialista, dominando a todos através do dinheiro, como o tio Patinhas, o mais antigo personagem editado no Brasil. 3) o desejo de imitação que as personagens inspiram no público, principalmente nos jovens; as roupas, os penteados, os modos, expressões linguísticas são imediatamente copiadas a partir dos programas de televisão. 4) a perfeição técnica que alcançou a televisão no Brasil, bem como as edições de revistas: a estilização das histórias em quadrinhos e das imagens visuais em geral. 5) a ausência de conflitos entre as classes sociais que convivem harmonicamente entre si. 6) os meios de massa sufocam a cultura dos povos latino-americanos em benefício de uma cultura superficial e estereotipada.

Alguns grupos de alunos optaram por fazer pesquisas relacionadas com a música; livremente decidiram visitar emissoras de rádio e entrevistar comunicadores do rádio, fazer levantamento de programas musicais para avaliar a porcentagem de música brasileira e estrangeira colocada na programação diária.

As conclusões de todos os grupos são comunicadas oralmente para a classe e os trabalhos escritos são entregues para avaliação. Nestas apresentações orais procuramos retomar os pontos fundamentais sobre os quais se apóia o nosso trabalho, fazendo a síntese com a maior profundidade possível dos assuntos abordados no nosso curso. Retomamos a questão: Qual o papel da literatura? E da comunicação de massa? Qual delas tem papel libertador que faz a sociedade avançar? Como distinguir o progresso, a modernização do verdadeiro desenvolvimento social e cultural?

4.F) CONCLUSÕES

Neste último capítulo pretendo retomar alguns aspectos desta dissertação a fim de situá-los melhor dentro do processo onde nasceram e se desenvolveram, procurando clarear certas incoerências na aplicação do método que são as contradições vivas da própria realidade educacional.

É preciso destacar primeiramente que não se trata de uma "experiência pedagógica", em que se escolhe um certo grupo de alunos, uma certa classe ou um determinado número de alunos de variadas escolas para realizar com eles, dentro de parâmetros bem definidos e precisos, um trabalho pedagógico ou uma coleta de dados e sobre eles aplicar um método de estudo.

Esta proposta nasceu do dia-a-dia da sala de aula em muitas classes ao mesmo tempo, com dificuldades de todos os tipos, as provenientes da estrutura escolar limitada e deficitária em que a rede pública mergulhou há quase duas décadas e se deteriora a cada ano que passa; as dificuldades de ordem pessoal, as limitações na elaboração do material mimeografado para ser entregue aos alunos e na manutenção do ritmo de leitura dos textos produzidos por eles. Como este trabalho, a princípio, visava apenas resolver os problemas da sala de aula, a possibilidade de fazer a dissertação de mestrado surgiu bem depois, em 86; a interrupção do curso de Pós-Graduação por motivos econômicos, quase me fez acreditar que eu não voltaria a retomá-lo. De modo que a concepção do trabalho tem muitas falhas e a realização tem lacunas involuntárias em muitos pontos; por exemplo, faço a caracterização dos alunos de 1º colegial em 81 e apresento a avaliação

dos alunos ao curso de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em 84. No decorrer destes anos, sem ter uma visão clara de como iria encaminhar a dissertação, acabei perdendo materiais importantes, outros nem sequer guardei; entretanto, a caracterização dos alunos de 1º colegial continua válida em muitos aspectos, principalmente quanto à origem sócio-econômica dos alunos.

Comungando as mesmas idéias de muitas outras pessoas ligadas à universidade e ao ensino público de que é preciso uma tomada de posição do professor frente à situação de crise em que se encontra a sociedade e a educação brasileiras, resolvemos levar a sério uma prática nova na sala de aula. A prática aglutinadora no nosso caso foi o "Estudo do Espaço Social" que congregou esforços de vários professores de disciplinas diferentes, especialmente os de História, Geografia, Química e Português. Por isto, nesta dissertação ocorrem freqüentemente sujeitos que se alternam: nós, quando me refiro ao grupo de professores e eu, quando falo em meu próprio nome.

Embora as escolas experimentais da década de 60 tenham utilizado o "Estudo do Meio" como recurso pedagógico integrador de disciplinas, no nosso caso há pontos fundamentais de diferenciação entre eles. Há publicações como "Repensando a História", feita através da ANPUH de São Paulo, em que a profa. Circe M. F. Bittencourt em seu artigo "História como Meio" expõe idéias bastante esclarecedoras sobre o assunto:

"É importante assinalar que não nos preocupamos com a integração de conteúdo, experiência de trabalho conhecida nas escolas vocacionais e no Colégio de Aplicação da USP, mas sim com a integração metodológica, uma vez que, das nossas discussões, apresentávamos objetivos educacionais comuns. A escolha do Estudo do Meio

para nossas áreas de estudo foi, portanto o resultado da necessidade que tínhamos de um ensino voltado para uma análise da realidade, comum para os professores envolvidos". (*)

Tendo como ponto de partida o "Estudo do Meio" ou "O Estudo do Espaço Social", o nosso trabalho evoluiu para uma visão de conjunto do curso de 1º ano colegial com uma metodologia voltada para a realidade.

Outro ponto fundamental é que não se realizou nenhum estudo com conteúdo pronto; todos os assuntos foram pesquisados em livros, jornais, revistas ou na realidade da infra-estrutura. Todas as pesquisas continham um roteiro como ponto de partida e as exposições de conclusões e as discussões em classe aprofundavam o conhecimento do assunto e resolviam as dúvidas.

Dessa forma, pensamos fazer do trabalho pedagógico não uma repetição ou reprodução mecânica do conhecimento mas a própria criação do conhecimento, uma vez que exige do aluno a ligação entre a realidade e os conhecimentos abstratos da ciência tradicional que ele adquire na sala de aula; caminho difícil, obscurecido pela ideologia e que não está pronto em lugar algum. Professor e aluno readquirem a sua condição de sujeitos do ato de aprender, porque neste tipo de trabalho, o professor só pode aprender. O crescimento de ambos é muito grande em relação ao conhecimento crítico, isto é, aquele que não é condicionado pelo modo de produção capitalista através da sua ideologia, mas que visa justamente fazer a análise crítica da realidade presente, com a maior profundidade possível para o 2º grau.

Por estes motivos, o meu propósito é apresentar aqui a concepção de um trabalho que pretende ser crítico à pedagogia tra

(*) Bittencourt, Circe M. Fernandes - "História como Meio". ANPUH - 101.

dicional e ao tecnicismo iniciado a partir da lei 5692, que trouxe como consequência técnicas pedagógicas que aproveitam os recursos mais banais da comunicação de massa; questionamos a maneira como o conhecimento é passado aos alunos através dos livros didáticos, de forma fragmentária, descaracterizado do seu tempo histórico, de como foi produzido, constituindo um corpo de conteúdo acadêmico e hermético aos alunos das classes populares e de certos extratos da classe média; questionamos a transmissão do conhecimento a partir de uma **óptica de classe social**: a quem a escola serve? Ao Estado Capitalista para a manutenção da sociedade de classes?

Quisemos abrir então um fenda neste bloco monolítico que é, em geral, o ensino de Língua e Literatura no curso de 2º grau. Sabemos que, na prática, muitos professores já trabalham em maior ou menor profundidade na desmontagem deste bloco que já deve estar bem descaracterizado, mas teoricamente estes trabalhos são poucos; principalmente os trabalhos que estão fundamentados na prática da sala de aula.

O método utilizado procurou sempre transmitir o conhecimento inserido no seu contexto mais amplo, enraizado na história da sociedade brasileira e latino-americana.

Uma perspectiva muito mais eficaz deste trabalho seria construí-lo a partir dos textos escritos pelos alunos; entretanto, não seria possível pela falta de material.

Outro dado que mencionei de relance foi a aplicação deste plano em três, quatro e até cinco classes de 1º colegial num mesmo ano letivo; minha carga horária semanal foi sempre de 30 horas e além das classes de 1º ano, tive sempre outras, geralmente 2ºs e 3ºs do magistério. Apliquei a mesma metodologia aos cursos do magistério o que fez o volume de trabalho aumentar es-

pantosamente em alguns períodos. Não se pode esquecer que o curso se produzia enquanto estava sendo realizado, não havia preparação prévia, textos prontos, infra-estrutura escolar para serviços de datilografia e mimeografia; tudo era feito imediatamente antes das aulas. Houve momentos muito difíceis pelo acúmulo de trabalho; o acompanhamento de todas as leituras extra-classe de todas as classes provocava um grande desgaste mental. A existência de um número razoável de horas-atividade para o professor de Língua e Literatura é fundamental, porque sem produzir textos o aluno não progride e ler textos dos alunos é um trabalho cansativo e demorado. Por mais hábil que seja o professor, pelo menos 5 a 10 minutos ele ocupa para a leitura de um texto de aluno e pode demorar mais se fizer levantamento das dificuldades e anotar observações na folha do aluno. Este trabalho deveria ser remunerado, por isso muitos professores desanimam e não lêem os trabalhos dos alunos.

Outro fator importante que ajuda a entender melhor este curso para o 1º ano é a compreensão de como ele está inserido no conjunto do curso colegial; este curso geralmente tem um caráter acadêmico e propedêutico na maioria das escolas particulares e mesmo em algumas escolas públicas com clientela de classe média, pode ser visto de outra forma, constituído de duas etapas:

1º) Formada pelos 1ºs e 2ºs anos do curso em que o aluno não está preocupado com o vestibular, tem receptividade maior para empreender um caminho de descobertas voltadas para o mundo social; são anos de formação em que o trabalho pedagógico é lento e seguido passo a passo pelo professor através de discussões, pesquisas, produções de textos, etc. No 1º ano, a literatura de 1930 e a literatura latino-americana posterior a 1950. No 2º ano, o século passado: Romantismo, Realismo-Naturalismo, Parna-

sianismo-Simbolismo, o enraizamento destas tendências culturais na história dos povos ocidentais e sua transposição para o Brasil.

2º) Etapa formada pelos 3ºs anos do curso de 2º grau: revisão de toda a literatura incluindo a Idade Média e o Classicismo. Um estudo mais aprofundado do Modernismo e suas fases; o Modernismo supõe uma visão mais interiorizada do ser humano cuja dimensão mais profunda é difícil de ser percebida pelos alunos de 1ºs e 2ºs anos. Os problemas de linguagem no Modernismo adquirem requintes e matizes que expressam uma problemática complexa do ponto de vista filosófico, sociológico e psicológico.

O curso colegial encarado desta maneira mantém o seu caráter propedêutico porque aborda todos os assuntos que o aluno deve conhecer para o seu ingresso na Universidade, porém vai mais longe, trabalha a formação crítica do aluno, estudando alguns temas de Língua e Literatura com visão histórica e sociológica.

Quanto ao trabalho de estudo de texto desenvolvido em sala de aula poderia ter incluído outros inúmeros textos de autores da época, como Jorge Amado e outros latino-americanos, dependendo do tempo que se tem disponível; entre os textos sobre a comunicação de massas, poderia ter incluído algum do Mattelart sobre a interpretação das histórias em quadrinhos.

Este projeto pode ser enriquecido de outras maneiras, como análise de textos jornalísticos, comparação de textos com a mesma notícia em jornais diferentes, análise da linguagem jornalística sob o ponto de vista da argumentação e seqüência lógica do assunto, juntamente com a questão sintática do período, a coordenação e a subordinação de orações; estudo de notícias jornalísticas de importância no momento, por exemplo: a Constituinte.

A educação brasileira no decorrer da sua história teve um caráter elitista, quer pela incapacidade de as instituições escolares atenderem a todos que estavam dentro da faixa de escolaridade elementar e aos adultos, quer pela preocupação em certos períodos com a qualidade do ensino em detrimento da sua expansão. Durante os períodos em que "o entusiasmo pela educação" predominou, para usar uma expressão citada pelos historiadores, todos os analistas mostram como os órgãos governamentais não assumiram a responsabilidade de criar efetivamente escola pública para todos, mas transmitiram o encargo para o entusiasmo dos voluntários que quisessem trabalhar em educação através de campanhas. Nos períodos em que predominou o "otimismo pedagógico" também a escola foi elitista por se preocupar com a qualidade do ensino em detrimento da quantidade de estabelecimentos escolares.

No livro do prof. Evaldo Vieira "Estado e Miséria Social no Brasil" de Getúlio a Geisel, à p. 215, lemos:

"com toda a parafernália ideológica e com toda a tecnocracia educacional, a Educação no Brasil tem apresentado informes pouco dignos de otimismo. Ao contrário, a população estudantil de 1º grau caiu de 95,25% (em 1964) para 87,78% do seu total (em 1975). Tal diminuição pode ser atribuída à expansão da alfabetização ou à atuação do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Certamente não é o que a realidade permite ver. Levando-se em conta o período de mais de 11 anos, a percentagem de estudantes no 2º grau subiu pouco mais que o dobro (3,58% em 1964, para 8,04% do total em 1975). Principalmente em razão do movimento estudantil, houve maior evolução das matrículas no ensino superior. Entre 1964 e 1968, apogeu daquele movimento, as matrículas não tinham crescido sequer duas vezes (1964: 142.386; 1968: 278.295), nas Universidades. Somente a partir de 1969, as matrículas no ensino superior aumentaram significativamente. Ou seja: elas conseguiram avançar pouco mais de 2 vezes e meia (de 342.886 para 951.264), entre 1969 e 1975.

Ademais, a participação do Ministério da Educação e cultura no orçamento federal desceu de 7,60% (em 1970), para 4,31% (em 1975), recuperando-se um pouco em 1978, com 5,20%. Deve-se notar igualmente a transformação do custeio do ensino no país. No caso do Estado de São Paulo, 93% das vagas no ensino superior são pagas, enquanto apenas 7% delas são gratuitas. Enfim, é preciso dizer que o analfabetismo aumenta no Brasil, conquanto se divulgue o contrário. Por exemplo: no Estado de São Paulo, aumentaram as crianças analfabetas de 5 a 9 anos entre 1973 (49,1%) e 1976 (54,1%), embora tenha diminuído neste período a percentagem dos que não sabem ler e escrever, dos 5 anos em diante em (1973: 18,5% e 1976: 17,2%). Mas nos Estados do Maranhão, da Paraíba, de Pernambuco, de Sergipe e da Bahia, os analfabetos cresceram dos 5 anos em diante, entre 1973 (45,1%) e 1976 (50,1%). Eis, pois, a expansão do analfabetismo." (*)

No Estado de São Paulo, embora tenha ocorrido o aumento significativo do número de escolas no final da década de 60 e na primeira metade da década de 70, ainda estamos longe de um verdadeiro processo de **democratização**, por vários motivos: a) o número de escolas da rede ainda não é suficiente para todos; b) as escolas existentes, principalmente as de periferia das grandes cidades, estão sobrecarregadas com muitos períodos e número excessivo de alunos; c) as condições de trabalho para os professores são deficitárias gerando grandes dificuldades para o ensino; d) ausência de verdadeiros canais de democratização entre os professores da rede e a burocracia estatal; e) a pirâmide educacional ainda continua bastante acentuada; de acordo com dados recentes da Secretaria da Educação para cada 100 alunos que entram na 1ª série de 1º grau, a metade chega ao término do curso e menos de 20 alunos chegam ao término do 2º grau, ; f) o ensino oferecido às classes trabalhadoras é de má qualidade: do ponto de

(*) Vieira, Evaldo - "Estado de Miséria Social no Brasil" de Getúlio a Geisel - Cortez Editora - 2ª edição.

vista **acadêmico** está longe de acontecer realmente na prática, parece mais uma caricatura do acadêmico; e está longe também de ser **popular**, isto é, de acordo com os interesses das classes proletárias.

Podemos questionar o rótulo de **democratização** que vem sendo aplicado ao Ensino no Estado de São Paulo após a lei 5692.

Democratização chamamos ao acesso das classes trabalhadoras ao conhecimento que permite à classe dominante exercer e manter a sua dominação e não simplesmente ao ato de recolher os alunos ao prédio físico escolar, geralmente em péssimas condições simplesmente para servir de abrigo, quanto mais para acontecer nele o processo educativo. Tirar as crianças proletárias da rua para que não se tornem marginais e para que não forcem o mercado de trabalho antes do tempo previsto pelo governo, não é por si mesma uma medida democratizadora. Hoje as nossas escolas públicas não ensinam nem mesmo a ciência tradicional, a mesma utilizada pela classe dominante no exercício da dominação.

As classes proletárias competir com os mais favorecidos na busca da ciência tradicional é impossível; prometer isto a elas é uma mentira do educador. Somente uma nova organização do Estado no Brasil poderia interferir a esse ponto no ensino público e garantir a sua qualidade e um bom nível para todos. Esta mudança, não cremos que seja possível nem mesmo com a Constituinte que está em curso no país, pois não é do interesse do Estado. Porém, o que está ao alcance do professor a nível pessoal e de grupos é justamente um ensino que não visa abordar todos os conteúdos do 1º e 2º graus, mas aquilo que for possível com uma metodologia crítica para atingir profundamente a realidade e desmascará-la, mostrando o comprometimento da ciência tradicional com a dominação exercida sobre as classes proletárias.

O ensino que interessa às classes proletárias para sua libertação, não é o das ciências ditas tradicionais; nem o que enfatiza as técnicas de aprendizagem quer sejam elas relacionadas com a expressão do subjetivo e a reconstrução da ciência pelo método da "descoberta", quer se relacionem com a análise de sistemas, com a instrução programada como vemos nos dias de hoje o ensino alastrar-se, qual vegetação superficial, sem raízes.

O ensino que corresponde aos anseios da classe trabalhadora supõe, de um lado, técnicas que permitam a expressão livre do aluno mas associadas a um conteúdo crítico, criador, em que o aluno e o professor façam um caminho da realidade para a ciência tradicional através de uma perspectiva crítica e novamente da ciência para a realidade. Neste conteúdo estão envolvidos todos os aspectos do método: a ligação da realidade do educando ao todo político-econômico-social, à situação histórica em que se insere o nosso presente e o nosso passado; a realidade particular e o todo social; a organização da infra-estrutura social e da ideologia que camufla a divisão de classes; e todas as contradições resultantes de tal situação na sociedade de classes.

Um único assunto estudado em profundidade dentro deste método abre horizontes incomparáveis para os alunos e firma sua base na realidade; entretanto, é preciso sempre dar oportunidade para que o aluno se expresse a fim de que o seu crescimento aconteça de acordo com as suas possibilidades. Se assim não for, não se consegue realizar nada e o professor pode, simplesmente, sufocar o aluno com a massa considerável de conhecimentos críticos.

A tarefa histórica do educador no momento presente consiste em criar condições e oportunidades para que o aluno cresça no seu conhecimento da realidade, formando a consciência crítica e perceba simultaneamente qual o destino da classe trabalhadora

no processo de transformação da sociedade brasileira (*); como deve ser a sua atuação numa prática democrática na sala de aula e fora dela.

A prática pedagógica assim compreendida, por si só já é transformadora na medida em que transforma as pessoas nela envolvidas e tem possibilidade de transformar professores e alunos em seres atuantes não só dentro do contexto escolar como na própria sociedade.

(*) Ver nota nº 4 no final da dissertação.

NOTA 1

Para desenvolvermos o trabalho com a literatura em sala de aula, destacando o período da década de 30 no Brasil e o período pós 50 na América Latina, sentimos necessidade de apoiá-lo sobre fundamentos teóricos bem definidos; como a proposta pretende construir com o aluno um estudo de língua e literatura dentro de uma perspectiva marxista, portanto, a partir de uma visão de classe social, decidimos utilizar para isso os textos de Lukács e Goldmann sobre a estética marxista aplicada à arte e à literatura. Estes textos serviram como orientação para a abordagem de textos literários em sala de aula e de leitura extra-classe, com discussão posterior e trabalho escrito. Algumas idéias destes textos foram passadas aos alunos durante as discussões e na preparação dos roteiros desenvolvidos por eles. É claro que algumas simplificações foram feitas, pois estas teorias levadas até as últimas consequências são extremamente complexas; entretanto, procuramos respeitar a profundidade do método dentro do limite de compreensão e capacidade de pesquisa dos alunos de 1ª colegial.

Lukács, pensador húngaro que esteve temporariamente na Alemanha e na Rússia, escreveu este artigo em 1945 para o livro "Ensaio sobre Literatura" intitulado: "Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels". Nele, Lukács chama a atenção para a forma peculiar destes escritos que não chegaram a constituir um livro organizado nem mesmo um ensaio, mas foram extraídos de cartas e anotações de conversas e de trabalhos dedicados a outros temas. Apesar disso, encontramos uma unidade conceitual orgânica e sistemática a respeito dos problemas capitais da literatura.

Dois pontos de vista decorrem da teoria de Marx: 1º) o sistema marxista não se desliga jamais do processo unitário da história. Por ciência histórica entende a evolução da natureza, da sociedade, do pensamento como um processo único, procurando descobrir as leis gerais e particulares específicas de determinados períodos. 2º) a unidade indestrutível entre o absoluto e o relativo; a verdade absoluta possui seus próprios elementos relativos ligados ao tempo, lugar e circunstâncias; a verdade relativa enquanto reflexo do real adquire uma validade absoluta.

Como consequência dessa concepção, o marxismo rejeita o isolamento dos ramos particulares da ciência tal como se organizam no mundo burguês. Nenhum ramo da ciência ou da arte possui história autônoma que resulte puramente de sua dialética interior. A evolução de todos os ramos do saber é determinada pelo conjunto de toda a história da produção social; esta é a base verdadeiramente científica para se estudar as transformações e o desenvolvimento que ocorrem em cada campo singularmente considerado.

Muitos marxistas vulgares interpretam esta teoria de maneira mecânica, sem levar em consideração o intrincado processo de interações cujo centro é o fator econômico, isto é, o desenvolvimento das forças sociais e produtivas. Marx e Engels não negam a relativa autonomia dos campos particulares da atividade humana (por exemplo: o direito, a ciência, a arte). Negam a possibilidade de compreensão total destes campos sem levar em conta o desenvolvimento histórico no seu conjunto. Portanto, a gênese e o desenvolvimento da literatura fazem parte do processo geral da sociedade. A estética marxista e a história marxista da literatura se apresentam como campos de aplica

ção do materialismo histórico e do materialismo dialético.

Através do materialismo histórico podem ser explicadas a gênese da arte e da literatura, as leis do seu desenvolvimento, as suas transformações, as linhas de ascensão e queda no interior do processo do conjunto. Lukács expõe alguns princípios básicos do materialismo histórico, cujo princípio diretor é a base econômica considerada como infra-estrutura. As ideologias, e a literatura e a arte estão colocadas entre elas, pertencem às super-estruturas que estão em conexão com as infra-estruturas das quais aparecem como efeito. Para Lukács essas relações não são unívocas, nem o processo das suas conexões é mecânica; há uma reciprocidade de influências entre a base e as super-estruturas.

Uma das consequências mais importantes desta orientação metodológica é o papel desempenhado pelo sujeito criador no desenvolvimento histórico. Cada campo do plano ideológico se desenvolve de maneira autônoma de acordo com o trabalho do sujeito criador, por esse motivo as pessoas que se ocupam do campo ideológico muitas vezes têm a impressão de que estão num terreno completamente autônomo.

Uma outra consequência importante da concepção marxista da história é que o desenvolvimento das ideologias não acompanha mecanicamente o grau de desenvolvimento econômico da sociedade. As sociedades mais evoluídas do ponto de vista econômico, podem não ser do ponto de vista filosófico, literário e artístico. Marx cita o exemplo da sociedade grega, pouco evoluída do ponto de vista econômico mas altamente evoluída do ponto de vista artístico, literário e filosófico.

Ao se fazer o estudo de um período literário ou de um autor, não se pode substituir a análise do processo históri

co concreto por análises superficiais e deduções gerais, transferindo conceitos aplicados a um determinado lugar e tempo a um outro que não tem as mesmas características.

Segundo Marx, o sistema capitalista é o grau mais e levado do ponto de vista econômico no processo evolutivo das sociedades divididas em classes, embora este sistema de produção seja desfavorável ao desenvolvimento da literatura e das artes. No capitalismo as relações inter-humanas e entre sociedade e natureza aparecem coisificadas, ocultando assim a sua verdadeira essência, a relação entre homens. Este mecanismo, fe tichização ou reificação, precisa de um trabalho mental próprio do método dialético para desmontá-lo, colocando a nu as categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, preço, etc.) que determinam a vida cotidiana dos homens.

Todo verdadeiro artista é partidário do princípio do Humanismo (estudo apaixonado da natureza humana do homem) e abomina a exploração do homem pelo homem, própria da sociedade capitalista. Os grandes artistas percebem a corrupção causada pelo dinheiro; segundo Shakespeare, o dinheiro é a divindade visível, a transformação das qualidades naturais no contrário delas; é a alcoviteira universal, o rufião que corrompe os ho mens e os povos. É o poder alienado (aquilo que não posso fazer como homem, consigo com o dinheiro). No mundo dominado pelo dinheiro, a hostilidade à arte se manifesta na divisão ca pitalista do trabalho. Este tema exigiria um estudo mais aprofundado que não é o caso deste ensaio.

O princípio do Humanismo (herança dos grandes movimentos democráticos e revolucionários precedentes) é a reivin dicação de um desenvolvimento harmônico e integral para o ho mem. A sociedade capitalista, com sua hostilidade à arte e à

cultura, provoca o fracionamento da totalidade concreta em especializações abstratas.

Os anticapitalistas românticos reconhecem este estado de coisas mas procuram refugiar-se numa sociedade mais primitiva, posição que assume características reacionárias. Marx e Engels não negaram o caráter progressista do sistema capitalista de produção, mas desmascararam sempre os seus aspectos desumanos. Eles exaltam a passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista para mostrar o caminho da libertação dos trabalhadores e fazem cobrança aos escritores do seu tempo para que tomem posição frente aos efeitos envilecedores da divisão capitalista de trabalho. Marx critica severamente os escritores que dão as costas aos problemas sociais e se adaptam à superfície da sociedade capitalista, falseando a realidade.

Há um outro grupo de problemas relativos à concepção marxista da arte cujo estudo levou Lukács à formulação da teoria do reflexo, atualmente muito questionada pelos críticos marxistas.

Marx parte da seguinte indagação: por que a arte e a epopéia gregas até hoje despertam em nós um gozo estético e são modelos inigualáveis? Para solucionar esta questão, Marx levanta outros dois grandes problemas: que significação possui o mundo assim representado, do ponto de vista da evolução da humanidade? E de que modo o artista representa um dos seus estágios, no quadro geral dessa evolução?

Estas questões foram estudadas em íntima conexão com os princípios do materialismo dialético e a partir daí criou-se a teoria do reflexo como uma das suas teses fundamentais.

A obra de criação artística é uma forma de reflexo do mundo exterior na consciência humana, embora constitua um campo à parte dentro do materialismo dialético, com características próprias e normas diversas de outros campos que a teoria abrange.

Algumas das características da teoria do reflexo:

1º) ela não é nova em literatura, Shakespeare a ela se refere e para Aristóteles era o problema central da sua estética. Os grandes escritores de todos os tempos se apoiaram neste teoria para realizar as suas obras: a reprodução artística da realidade, como critério da grandeza literária. Ao contrário do que muitos pensam, o marxismo tem capacidade para absorver as grandes produções do passado, não aceitando a idéia vanguardista de que deve rejeitar o passado completamente.

2º) a estética marxista rejeita qualquer idéia de naturalismo e de independência absoluta das formas artísticas. O realismo estético deve ser entendido como representação fiel do real na sua totalidade, distanciando-se da cópia fotográfica e do puro jogo vazio.

A respeito da prática naturalista Lukács mostra como o fenômeno e a essência se unem aí de maneira mecânica. A verdadeira arte visa o maior aprofundamento e a máxima compreensão; aprofunda-se na busca daqueles elementos mais essenciais que se acham ocultos sob a capa dos fenômenos. A verdadeira arte fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento. Marx e Engels manifestaram sempre preferência por escritores como Shakespeare e Balzac; mesmo as novelas fantásticas representam momentos culminantes da literatura realista porque nelas as forças essenciais aos fenômenos são postas em relevo.

39) o problema da objetividade: a estética marxista realça a objetividade mais radical do conhecimento e da representação estética e o papel indispensável do sujeito criador; somente os maiores e mais perseverantes gênios da criação artística conseguem atingir este processo. A objetividade da estética marxista não significa neutralidade em face dos fenômenos sociais; o artista, ao perceber a direção e o ritmo dos processos e o seu caráter, assume uma posição que nada tem a ver com a impassibilidade diante de todo e qualquer movimento social. Por outro lado, não se pode negar também a subjetividade do artista nas grandes obras de arte, onde ele exprime as suas opiniões, desejos, aspirações, etc.

Marx e Engels sempre se exprimiram com ironia a respeito dos chamados romances de tese, principalmente quando o escritor violenta a realidade objetiva, deformando-a; "a tese deve brotar da situação e da ação sem que a ela se faça referência de maneira explícita".

De acordo com a teoria do reflexo dialético, quais são as tendências fundamentais em função das quais os artistas devem assumir posição? Lukács responde que são os grandes problemas do progresso do gênero humano. Parece surgir daí uma contradição: todos os grandes escritores deveriam ter uma visão de mundo progressista ou uma política de esquerda. E isto não acontece; Engels aborda profundamente o problema, mostrando que Balzac era legalista e admirava a nobreza decadente, mas nas suas obras os verdadeiros heróis são personagens da burguesia que se afirmava; isto é considerado como uma vitória do realismo em arte. Devemos distinguir estes grandes escritores daqueles que estão em guerra contra o progresso.

Balzac defende a integridade do homem durante a as

censão capitalista iniciada na França na época da Restauração, porque o mesmo progresso traz em si uma dilaceração e uma de formação que Balzac repele em nome da integridade humana.

A vitória do realismo só se realiza quando a artis ta estabelece uma relação profunda e séria com uma corrente pro gressista da evolução humana. Não se pode colocar num pedestal escritores medíocres por obra de suas convicções políticas ou reabilitar escritores de maior ou menor habilidade, mas rea- cionários.

São qualidades que andam juntas nos grandes escrito res: realismo autêntico e humanismo; o princípio unificador é a preocupação com a integridade do homem. A dilaceração do ho mem causada pelo sistema capitalista provém da divisão do tra- balho nas sociedades divididas em classes, a cisão entre cida de e campo, a divisão entre trabalho físico e trabalho espiri tual, a exploração e a opressão do homem pelo homem, a parcela rização do trabalho nas condições da ordem capitalista de pro dução; estes são processos econômicos materiais.

O mérito da dialética materialista é o de mostrar como será possível salvaguardar a integridade humana, modifican do as bases materiais da sociedade. O humanismo socialista tor na possível à estética marxista a unificação do conhecimento histórico e do conhecimento artístico; resolve o problema da u nidade entre o valor estético permanente da obra de arte e o processo histórico do qual a obra de arte não pode ser separa- da.

O MÉTODO DIALÉTICO SEGUNDO GOLDMANN: O TODO E AS PARTES

Trata-se de um texto escrito por Goldmann, como introdução à sua obra "Le Dieu Caché" onde estuda os "Pensamentos" de Pascal e as quatro tragédias de Racine: "Andromaque", "Britannicus", "Bérénice" e "Phèdre". Procura mostrar o conteúdo e a estrutura destas obras à luz de uma análise materialista e dialética. Na introdução aborda a questão teórica do método.

O autor nos mostra como a dialética tem pontos de partida diferentes do racionalismo e do empirismo, sendo que em ambos o pensamento científico avança em linha reta sem ter que voltar normal e necessariamente aos problemas já resolvidos. No pensamento dialético é diferente. O conhecimento percorre caminhos que oscilam entre as partes e o todo, a fim de se esclarecerem mutuamente. A obra de Pascal representa o início do pensamento dialético no Ocidente ultrapassando o atomismo racionalista ou empirista. Entre Pascal e Descartes há uma profunda diferença na maneira de encarar o conhecimento; para este último é possível conhecer as partes através de certos princípios, uma vez que não podemos conhecer o infinito; para Pascal é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como conhecer o todo sem conhecer as partes. Esta é a relação dialética que Goldmann aplica no seu estudo da filosofia e da literatura. Quando uma obra literária adquire a sua verdadeira significação? Quando é integrada no conjunto de uma vida e um comportamento, sendo que na maior parte das vezes não se trata do comportamento de um autor, mas de uma classe social.

Compreender uma obra, através somente da personalidade de seu autor, é impossível, pois nem sempre a intenção e

a significação subjetiva de uma obra para seu escritor coincide com a sua significação objetiva.

Goldmann discute a questão da biografia como explicação para a obra do escritor; mostra que os dados biográficos, por mais exaustivo que seja o seu estudo, serão sempre um instrumento complementar, nunca o fundamento da explicação.

O método positivista trabalha somente com o texto, como o Estruturalismo, por exemplo; ou com o texto inserido na biografia do autor. O método positivista não possui um critério objetivo que lhe permita julgar a importância dos diferentes textos e de sua significação no conjunto da obra. Os resultados deste método são duvidosos.

Goldmann propõe não só a inserção do texto no conjunto da obra do autor, a inserção da obra na sua biografia e, longe dos métodos filológicos que se limitam apenas ao texto imediato, avançar no sentido da compreensão dos grupos sociais dos quais ele faz parte. O método filológico apresenta dois grandes obstáculos: 1º) a distinção entre o essencial e o acidental; 2º) a significação de um texto está longe de ser certa e unívoca.

Um mesmo fragmento pode ter significações diferentes de acordo com o contexto histórico em que se acha integrado. Para demonstrar a validade do contexto histórico e das classes sociais como totalidades autônomas capazes de explicar satisfatoriamente os fatos intelectuais e literários, Goldmann lança mão de vários argumentos.

Para se definir a significação de um texto ou fragmento é preciso integrá-lo no conjunto coerente da obra. O exemplo é encontrado em Pascal a respeito das Sagradas Escrituras, cuja interpretação deveria ser feita de tal forma que to

das as passagens contrárias concordassem entre si. Esta é a coerência da obra. O mesmo método pode ser aplicado para o entendimento dos autores. O sentido de um elemento depende do conjunto coerente da obra literária. Goldmann ressalta que este critério de coerência se aplica tão somente às grandes obras, na maior parte dos casos, aos textos essenciais da obra dos autores. Portanto, este critério traz implícita a questão do valor estético das obras, mas mesmo assim é subjetivo e arbitrário. Por isso, o autor nos apresenta um conceito que pode realmente se tornar um instrumento objetivo para análise das obras: a noção de visão de mundo. Este conceito foi empregado primeiramente por autores não dialéticos, mas foi Georg Lukács quem o empregou mais precisamente.

A visão de mundo, segundo Goldmann, é um instrumento conceitual de trabalho para compreender as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos. Exemplifica através da obra de Pascal, Racine e Kant; é possível fazer uma aproximação entre elas, apesar das diferenças individuais de seus autores; a visão trágica é precisamente a "visão de mundo" que faz a ligação entre as suas obras. Este conceito corresponde parcialmente ao fenômeno que os sociólogos tentam descrever há dezenas de anos, com a expressão "consciência coletiva".

Goldmann critica a psicologia apontando como um de seus grandes defeitos a sua maneira de encarar o indivíduo como sujeito absoluto, sendo que os outros homens são considerados objeto de sua ação e de seu pensamento. Ele contesta esta visão da psicologia, inclusive a de Piaget, e contrapõe a ela a visão dialética da existência do nós; o sujeito da ação é um grupo, um Nós, que o fenômeno da reificação da sociedade tenta encobrir. Cada indivíduo está engajado em diversos grupos

diferentes, família, associações econômicas, profissionais, intelectuais, religiosas, porém o mais importante deles são as classes sociais; nelas há um fundamento econômico importante para a vida ideológica dos homens.

Há portanto, dois aspectos a serem considerados: não basta que os grupos tenham interesse econômico comum, é preciso que eles tenham uma expressão no plano ideológico também semelhante: uma visão do homem, de suas relações sociais, de como a sociedade deve se organizar; aspirações, sentimentos, idéias que unam os membros de um grupo, que neste caso pode chamar-se de classe social. O conceito de visão de mundo se liga ao de classe social. Os grandes escritores exprimem melhor esta consciência coletiva que poderemos designar como consciência de classe.

Na página 21 de "Dialética e Cultura" assim se expressa Goldmann: "Toda grande obra literária ou artística é expressão de uma visão de mundo, um fenômeno de consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível na consciência do pensador ou do poeta".

Por meio do método dialético, aplicando o conceito de visão do mundo ao texto, é possível identificar o essencial nas obras e a significação dos elementos parciais no conjunto da obra.

Este método que já foi empregado por autores não dialéticos, teve uma contribuição importantíssima do materialismo dialético, o fundamento positivo e científico do conceito de visão do mundo pela integração do pensamento dos indivíduos ao conjunto da vida social e pela análise da função histórica das classes sociais.

A CRÍTICA MARXISTA E AS TEORIAS DE LUKÁCS E GOLDMANN

A edição portuguesa de "Marxismo e Crítica Literária" de Terry Eagleton é um livro que aborda os temas mais polêmicos, levantados por Lukács e Goldmann, em relação à literatura. A teoria do reflexo de Lukács e o estruturalismo genético de Goldmann são questionados nesta obra que pode ser considerada pedagógica pela simplicidade da forma e relevância dos temas apresentados.

A respeito da teoria do reflexo, Eagleton questiona os aspectos mecanicistas, que podem estar implícitos na palavra reflexo, supondo uma reprodução fotográfica da realidade pela obra de arte. Muitos autores marxistas consideram, como ele, imprópria esta nomenclatura e estéril a utilização da metáfora reflexo (= espelho) no plano teórico. Criada nos anos 30 e 40 a teoria de Lukács se apóia na teoria epistemológica do reflexo de Lenine: "Toda a apreensão do mundo exterior é apenas um reflexo dele na consciência humana".

Tanto para Lukács como para Lenine, o verdadeiro conhecimento "é um reflexo mais profundo e englobante da realidade objetiva do que o aparentemente dado". (p.67)

Isto significa que o espírito humano é capaz de uma percepção das categorias subjacentes aos dados aparentes; portanto, a consciência passa a ser considerada como uma atividade, uma força ativa, uma intervenção criadora no mundo, não um simples reflexo dele.

Segundo a concepção de Leon Trotski, "a criação literária e artística é uma alteração, uma deformação e uma transformação da realidade de acordo com as leis específicas da arte".

Pierre Macherey leva mais longe ainda esta concepção de literatura, afirmando que ela é essencialmente deformação e não imitação. Nisto, está mais próximo do formalismo russo do que propriamente do marxismo. Brecht também faz analogia entre a literatura e um "espelho seletivo" com certos pontos escuros e refrações.

Para o nosso trabalho em sala de aula, formulamos com os alunos a seguinte questão para ser respondida por eles nas discussões orais e trabalhos escritos: Que elementos do capitalismo e da sua ideologia, de acordo com as características que ele reveste na realidade latino-americana, encontramos nas obras literárias brasileiras de 1930 e nas latino-americanas após 1950?

Para responder a esta pergunta, os alunos procuram relacionar os aspectos do subdesenvolvimento brasileiro e latino-americano aos textos lidos e estudados por eles; em que figuram com freqüência: o autoritarismo da classe dominante, o atraso das populações, a exploração do homem pelo trabalho principalmente o do campo, exploração das riquezas naturais latino-americanas pelas empresas multinacionais, o problema da fome e da miséria.

Um outro tema dentro da teoria de Lukács é a ênfase no sujeito criador graças ao qual o desenvolvimento relativamente autônomo dos vários setores do conhecimento humano é impulsionado. Lucien Goldmann não coloca tanta ênfase no sujeito criador e sim nos grupos sociais e nas classes sociais que, possuindo uma visão de mundo própria da sua situação dentro da sociedade, podem expressá-la de forma artística, através dos artistas, que são os seus expoentes mais capazes e mais sensíveis para realizar esta transposição.

Goldmann estabelece uma homologia entre a estrutura

do pensamento do grupo a que o escritor pertence e a estrutura do texto literário. O seu trabalho mais famoso para demonstrar a aplicabilidade do seu método foi o estudo a respeito da nobreza togada no século XVII na França.

Terry Egleton aponta algumas deficiências na concepção teórica de Goldmann que ele considera hegeliano na sua maneira de entender a consciência social como expressão direta de uma classe social.

Para nós, a concepção de Goldmann no seu todo é impraticável, como aplicação ao ensino de 2º grau, pelas dificuldades e eruditismo que exige. Mas o seu método enfocando a classe social em lugar do sujeito criador é importante e perfeitamente compreensível pelos alunos.

Do ponto de vista pedagógico, o método marxista atende a uma proposta que está de acordo com as nossas convicções: isto é, a não fragmentação da realidade como objeto do conhecimento humano para o aluno. Diante das tendências behavioristas dos dias de hoje, fragmentando o conhecimento, mecanizando as relações inter-humanas, ideologizando todas as formas de comportamento humano como medidas de controle da sociedade para ocultar as desigualdades sociais, a nossa postura foi sempre crítica. Esses procedimentos na verdade não podem interessar ao professor que quer praticar uma educação democrática. Nem interessa às classes trabalhadoras um estudo da literatura como um corpo hermético de conhecimentos inacessíveis, complicados; pelo contrário, ao realizarmos o estudo da literatura ligada ao seu contexto histórico dentro da ótica da classe trabalhadora, ressaltando os aspectos da realidade que são compreensíveis para os alunos, estamos ao mesmo tempo trabalhando em profundidade com as categorias dialéticas que o

nosso tempo exige e proporcionando à classe trabalhadora aqueles instrumentos de análise teórica para que ela perceba os seus interesses de classe e possa avançar nas propostas que nascerão de sua consciência de classe.

NOTA 2

O texto de Marilena Chauí abrange a noção de ideologia, a noção de crítica enquanto contradiscurso e uma análise das categorias ideológicas: objetividades, crise, organização.

Este artigo se baseia em a Ideologia Alemã de Marx na questão referente à origem da ideologia cujo surgimento é explicado como aquele momento em que os homens tomam consciência do aparecer social, naquelas sociedades onde já exista divisão do trabalho em manual e intelectual.

Existem as sociedades históricas propriamente ditas e as sociedades históricas em sentido amplo porque temporais, nascem, vivem, perecem, transformam-se internamente; às históricas no sentido forte ocorre o fenômeno da ideologia como uma necessidade para explicar e justificar a sua existência, uma vez que não pode recorrer a explicações míticas ou teológicas.

Essa sociedade não pode, a não ser através da ideologia, justificar a sua petrificação do tempo, a ambigüidade com que vê a sua existência temporal. A origem da sociedade depende da ação dos sujeitos sociais e políticos, isto não pode ser demonstrado claramente e a questão torna-se complexa do ponto de vista teórico; a prática que dá origem à vida social é a mesma dos sujeitos que são instituídos por ela. Várias explicações surgem para explicar a passagem dos indivíduos de seres naturais a seres políticos reunidos sob o direito civil. Exemplos: de Rousseau "Discursos sobre a origem das desigualdades entre os homens", de Hegel o Direito Objetivo e de Marx, o advento da vida social pela divisão do trabalho.

Segundo a concepção marxista, o advento das sociedades históricas "precisa ser pensado como um trabalho, no senti

do forte do termo" (*Cultura e Democracia - Marilena Chauí, p. 17*) As sociedades históricas, além de enfrentar o problema da sua auto instituição precisa explicar também a origem do poder político; como nasce no seu interior, resultado da ação dos homens e vai alojar-se num ponto que parece estar fora e acima da sociedade: o Estado. A partir daí, surge a Lei, fundadora do político, mas também fundada por ele.

"Surge, agora, um corpo de representações e de normas através do qual os sujeitos sociais e políticos se representarão a si mesmos e à vida coletiva. Esse corpo de representações e de normas é o campo da ideologia no qual os sujeitos sociais e políticos explicam a origem da sociedade e do poder político; explicam as formas de suas relações sociais, econômicas e políticas; explicam as formas "corretas" ou "verdadeiras" de conhecimento e ação; justificam, através de idéias gerais (o Homem, a Pátria, o Progresso, a Família, a Ciência, o Estado), as formas reais da desigualdade, dos conflitos, da exploração e da dominação como sendo, ao mesmo tempo, "naturais" (isto é, universais e inevitáveis) e "justas" (ponto de vista dos dominantes) ou "injustas" (ponto de vista dos dominados)."

Através da ideologia, o aparecer social é considerado como o ser social. A sociedade cria um campo imaginário (não no sentido de irrealidade ou fantasia) mas no sentido de um conjunto coerente e sistemático de imagens e representações tidas como capazes de explicar e justificar a realidade concreta.

A aparência é tomada como o ser do social. O processo oculto pelo qual uma sociedade se produz e se conserva aparece sob a forma da ideologia.

No segundo passo, a ideologia faz coincidir o discurso sobre o real, isto é, as representações elaboradas sobre

o social e o político com aquilo que o social e o política se riam em sua realidade; neste ponto o corpo das representações sociais e políticas (o imaginário) será vinculado à justificação do poder separado, isto é, a legitimação do Estado Moderno. Através da criação do Estado Moderno o ponto de vista particular da classe dominante aparece como sendo universal, isto é, de todas as classes.

A criação da ideologia se acha vinculada ao advento do Estado Moderno que é uma instância que se representa a si mesmo, separada do social e que proporciona à sociedade aquilo que lhe falta: unidade, identidade, homogeneidade.

A unidade é justamente uma das qualidades que o Estado Moderno deve apresentar; uno, indiviso, localizado e visível, ocultando assim a realidade da divisão da sociedade em classes e a luta de classes. Tem por função ocultar as contradições, os conflitos e os antagonismos que consituem a sociedade, fazendo uma inversão entre o "de direito" e o "de fato". "De direito" a sociedade não está dividida, tanto que tem um único poder estatal que dirige toda a sociedade e lhe dá homogeneidade. As divisões que "de fato" existem são justificadas pela ideologia como resultado da atuação de "homens injustos" (maus patrões, maus governantes, etc.). O discurso do poder precisa ser um discurso ideológico para ocultar a divisão, a diferença, a contradição.

A ideologia do estado nacional é o instrumento de dominação para unir todas as forças sociais, propiciar a ilusão da comunidade indivisa e montar a lógica da identificação social para escamotear o conflito. O discurso ideológico como construção imaginária, além de ser um corpo de representações para explicar o real, deve fornecer também um corpus de normas

coerentes para orientar a prática.

É característica fundamental do discurso ideológico ter espaços em branco, lacunas graças às quais não diz tudo e por isso mesmo é coerente e poderoso; daí retira a sua força, exercendo-a sobre os dominados. Se retirarmos a lógica lacunar do discurso ideológico, ele se autodestrói. O discurso que, partindo do próprio interior do discurso ideológico, lacunar, desdobrasse todas as suas contradições, seria o contradiscurso ou discurso crítico.

Entre os pensadores houve uma discussão a respeito da seguinte questão: o discurso lacunar = ideológico se oporia ao discurso pleno = ciência. Essas idéias, entretanto, foram contestadas e o texto mostra que o discurso crítico é aquele que se opõe ao discurso ideológico, é o seu negativo. O exemplo citado a respeito do discurso crítico é o trabalho de Edgar de Decca, publicado em livro: "O Silêncio dos Vencidos". Neste texto sobre a Revolução de 30, o autor nos mostra a prática política do Bloco Operário e Camponês entre 1926 e 1929 cujo projeto não foi levado a termo porque foi sufocado por uma contra-revolução dirigida pela burguesia, que procurou varrer da memória histórica o projeto político do BOC e impor a história dos dominantes. Este livro constitui um contradiscurso justamente porque constrói um outro discurso que desmonta o ideológico sobre a Revolução de 30.

Citando Claude Lefort, o texto nos explica os termos maquiavélico e maquiavelismo que são sempre citados em política, conservando-se assim centenas de anos após a sua origem no século XIV. O homem maquiavélico é aquele que, além de deter o poder total sobre a ação e os agentes políticos, é capaz de levar o seu adversário à auto-destruição. Por que se

tornou possível esta representação? Maquiavel foi o primeiro pensador político que não apóia o poder político sobre a transcendência divina, nem sobre a bondade ou perversidade da Natureza, nem sobre as luzes da Razão. O poder político se garante tão somente pela ação do sujeito político no momento oportuno. Maquiavel foi o primeiro a definir a cidade pela divisão interna, isto é, o desejo dos grandes de oprimir e comandar e o desejo do Povo de não ser oprimido nem comandado. O jogo político é entendido como uma lógica de forças e não como exercício da violência pura, sendo que o sujeito político tem como garantia a sua própria ação. O contradiscurso deve justamente desvendar o sujeito maquiavélico sob a imagem maquiavélica.

Um outro ponto importante da ideologia é o ocultamento da gênese das idéias; através da ideologia, as idéias dominantes aparecem separadas dos indivíduos dominantes como se constituíssem um corpo em que elas se engendrassem umas às outras, independentemente de qualquer determinação não-ideal. As idéias dominantes de uma época são as idéias da classe dominante dessa época; a sua peculiaridade consiste em aparecer não desta forma mas revestida de generalidade e universalidade. Trata-se portanto do particular com aparência de universal.

Como a ideologia encontra forças para manter-se, uma vez que não se fundamenta sobre o real?

Segundo o texto de Marilena Chauí, isto acontece porque a ideologia se relaciona ao caráter imediato da experiência, fazendo com que a realidade concreta não seja percebida, isto é, o processo pelo qual o social e o político se formam. Portanto, o caráter imediato e abstrato da experiência reforça a ideologia.

Um outro fator importante, que decorre também da ex

periência imediata é a exigência metafísica dos sujeitos sociais e políticos que vivem nas sociedades onde há divisão de classes e divisão entre a sociedade e o poder do Estado. Neste caso, a ideologia proporciona uma resposta ao desejo metafísico de identidade e ao temor metafísico da desagregação. Na sociedade capitalista parece que cada coisa e cada um tem o seu lugar "natural", seu sentido, seu papel e sua finalidade. A ordem no mundo da produção capitalista apresenta-se como uma lógica da própria realidade. A racionalidade econômica que se manifesta no planejamento e na burocracia empresarial e estatal faz com que a realidade apareça como racional, idêntica, identificável, previsível e controlável. Daí a força da ideologia. Para opor a isto um contra-discurso é preciso encontrar o vínculo entre a racionalidade e objetividade.

A identidade e a homogeneidade são as duas idéias básicas desenvolvidas pela ideologia para legitimar a dominação da classe dominante. Por identidade entende-se a imagem unificada da sociedade e a imagem do Estado como um representante homogêneo da sociedade no seu todo. Desta forma a ideologia processa dois ocultamentos: o da divisão social e o do exercício do poder de uma classe sobre as outras. A ideologia realiza essa tarefa através do uso de certos signos fixos e constantes para obscurecer as contradições e anular a percepção da historicidade. Para a ideologia é necessário impedir que as classes subalternas percebam que o social e o político instituem-se a cada passo. O perigo da história é neutralizado pelas noções de: progresso e desenvolvimento. A noção de progresso traz consigo a idéia da existência de algo em estado de larva no princípio e que se desdobra e se desenvolve, de tal forma que camufla a verdadeira concepção de história: a de

criação e transformação da realidade. Segundo a idéia de desenvolvimento, existe a suposição de um ponto fixo, perfeito, que é o ponto terminal para o qual a história deve caminhar normativamente. As noções de progresso e desenvolvimento retiram do conceito de história o inédito e a criação por colocar algo antes do processo (o germe) e depois do processo (o desenvolvido); os autoritarismos têm vínculos estreitos com a ideologia porque supõem tarefas que se devem realizar a qualquer preço. A idéia do destino se liga a situações como esta.

As várias esferas da vida social e política são elevadas à categoria de essências e são fixadas para sempre: O Homem, a Natureza, a Família, o Trabalho, a Empresa, a Organização, a Escola, para garantir a permanência e a reprodução da ideologia.

As contradições por si só não podem vencer o imaginário ideológico. A classe dominante em geral não é sensível às contradições, mas se isto chegar a ocorrer, não quer dizer que chegou o fim da ideologia, simplesmente é o momento de substituir uma ideologia por outra e certamente a classe dominante já dispõe de recursos para isso.

O discurso ideológico pretende não só ser um discurso sobre as coisas, porém coincidir com as próprias coisas, considerando-as como racionais, que a racionalidade existe no real. De que maneira a racionalidade ideológica se manifesta? Através do saber científico e da objetividade.

Na sua última parte, o texto de Marilena Chauí aborda a questão ideológica do discurso científico. A racionalidade ideológica se manifesta tanto no discurso lacunar como no saber científico. Tem por finalidade camuflar contradições, substituir o real por uma forma de representação, sem levar em

conta quem elabora e porquê. Ao passar do empirismo (fatos dados) ao formalismo (construção de modelos) permanece a crença na objetividade, entretanto o tratamento aos dados é descontextualizador e imobilizador. O Formalismo é a crença no axioma, no "constructus", cuja verdade assim como a dos fatos no empirismo não é questionada.

A ciência não pretende, como o discurso social e político, falar as próprias coisas, mas distanciar-se do mundo e apresentar-se como "construção formal e coerente" que irá se aproximar dos dados reais por meio de conceitos e modelos.

É esse distanciamento entre a representação e a coisa que é apontado como o divisor de águas entre o cientista e o homem comum. À medida que a ciência se torna mais e mais um artificialismo, ela põe a nu uma face da ideologia que não era possível conhecer antes, quando a ciência pretendia falar sobre o real.

A ciência invadiu todos os domínios de nossa vida e reclama para si o direito de explicar todo o real, pretendendo em tudo ter a última palavra.

Para a ciência e para nós que, graças a ela, compartilhamos a crença de que o real é racional e transparente, basta apenas aprimorar procedimentos científicos, melhorar metodologias e aparelhamentos tecnológicos para atingir a racionalidade total que é a própria realidade.

Mas se não é possível negar a racionalidade do real, é imprescindível pôr a nu o que a ciência considera racional. Isto porque ao considerar o contraditório como irracional, a ciência da mesma forma que a ideologia, está afirmando a não-história.

A ideologia tem como finalidade a manipulação, mas

agora a ciência está-lhe mais próxima do que nunca, pois irá lhe oferecer a imagem de um objeto manipulado e inteiramente manipulável, já que produzido pelas próprias operações científicas.

A ciência apresenta, então, como um discurso anônimo, sem autor e sem produtor, não necessitando de suportes humanos que criam e recriam o real. O mundo tem uma racionalidade que não é a sua, mas de sua representação, não é necessário que alguém o pense, ele está aí posto como racional em si e por si.

Entretanto essa objetividade da ciência é sempre o ponto de vista do poder e do saber como ato de dominação, pois o observador submete-se às coisas para depois submetê-las.

A ciência realiza a determinação completa ao tomar a realidade como objeto de conhecimento. É que conhecer torna-se um ato de poder - poder dominar, esgotar o objeto tanto na teoria como na ação. Para tanto a ciência procura determinar todas as propriedades positivas do objeto - propriedades que o fazem ser tal qual é (ou não será melhor dizê-lo, como é visto pela ciência). Em seguida exclui todas as determinações que, por serem intrinsecamente contraditórias, fariam o objeto mover-se, ter um tempo de existência e de destruição. Aquelas propriedades positivas, representam agora um objeto imóvel, morto, e a ciência só interessa articulá-las mecânica, funcional e estruturalmente. A objetividade além de ser o exercício do poder do sujeito do conhecimento é também a promoção da morte.

Daí chegar-se à lei do objeto, que por ser morto, permite cálculo, previsão e manipulação. Em sua abstração e racionalidade fria, as leis têm um papel muito preciso - permitem controlar e instrumentalizar todo o real.

Desta forma a racionalidade, elaborada a partir da morte do objeto, cumpre melhor as finalidades da própria ideologia tradicional, impedindo a reflexão interna do objeto, substituído apenas por suas propriedades positivas. Assim, a ciência realiza melhor as finalidades da ideologia, participando com ela da racionalidade que permite a manipulação da sociedade como do objeto.

Este texto de Marilena Chauí, embora trate da questão da ideologia de uma maneira sintética (pode ser complementado pelo seu livrinho: *O que é Ideologia* da coleção *Primeiros Passos*) é muito importante porque chama a nossa atenção para um aspecto muito sério das sociedades modernas que é o da racionalidade técnica e sua funcionalidade no exercício da dominação. É justamente este tema que tratamos na leitura extraclasses do 4º bimestre, referente aos livros: Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley; 1984 de George Orwell; A Muralha Verde de Zamiatin. Em todas estas obras de ficção, a problemática levantada pelos seus autores é semelhante: a racionalidade técnica da sociedade industrial e seus efeitos controladores sobre as pessoas: "A rarefação da linguagem e do pensamento" (Desregulagens - Laimert Garcia dos Santos, p.44). a abolição da História, o controle da Natureza, o sistemismo que instaura o reino do equilíbrio e da estabilidade como a forma requintada da opressão; um mundo "onde o peso da racionalidade não aparece apenas em manifestações externas da organização social, marcando profundamente a estrutura psíquica dos indivíduos, apresentando-se como a mola mestra do processo de enunciação dos números." (Idem, p.47)

Para avaliar as leituras realizadas pelos alunos, basta uma pergunta: Você gostaria de habitar o Admirável Mun-

do Novo? As respostas em forma de redação são sempre muito longas com inúmeras razões para abominar uma sociedade organizada e controlada daquela forma.

Estas obras, claro, mostram o extremo de uma situação que tem os seus esteios na nossa organização social de características industriais e tecnológicas.

(Cultura e Democracia - Marilena Chauí - Ed. Moderna, 1ª edição)

NOTA 3

Neste artigo, a intenção dos autores é apresentar a indústria cultural como um sistema coerente, ao contrário de algumas teses sociológicas que apontam para o caos cultural que teria ocorrido nas sociedades industrializadas, após a perda de apoio na religião objetiva, o desaparecimento dos últimos resíduos pré-capitalistas, o desenvolvimento técnico ligado a uma extrema especialização.

Para demonstrar que existe um sistema por trás da aparência caótica da indústria cultural nas sociedades de massa, os autores iniciam apontando as características que o constituem: o ar de semelhança dos vários setores entre si: filmes, rádio, semanários, a arquitetura, a montagem de feiras industriais, os edifícios, os projetos urbanísticos, em tudo podemos observar a racionalidade técnica; os complexos bem organizados visam atender a uma população que procura os grandes centros urbanos para o trabalho e o lazer; em tudo a mesma marca: a falsa identidade do universal e do particular.

Na indústria cultural percebe-se claramente a sua ideologia, o lucro, que começa a ficar evidente pois os seus dirigentes não se preocupam tanto em esconder o seu esqueleto, sempre o mesmo em todo sistema de economia concentrada. Tudo aquilo que é empacotado como arte, na verdade são negócios.

Há sempre explicações tecnológicas para os interessados; poucos centros de produção e recepção difusa dos meios de massa; clichês e manipulações; a técnica encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes. A racionalidade técnica é a racionalidade do próprio domínio, o caráter repressivo da sociedade que se auto-alienam.

Comentando a passagem do telefone ao rádio, os autores mostram que o telefone é liberal porque não retira do usuário a parte de sujeito, mas o rádio mais democrático porque atinge a todos, autoritariamente os sujeita a programas idênticos nas várias estações.

Todas as manifestações de capacidade que o público apresentar serão encaminhadas aos caçadores de talento e imediatamente domesticadas. Os consumidores são reduzidos a material estático, divididos em grupos de acordo com a renda para melhor manipulá-los. Um controle rigoroso sobre tudo que vai ser divulgado, inclusive as adaptações das grandes obras primas da arte e literatura, faz pensar que nem mesmo os construtores de catedrais devem ter examinado os temas dos vitrais com tanta desconfiança e rigor como os chefes da hierarquia cinematográfica fiscalizam a produção dos seus estúdios. Os mínimos detalhes são modelados segundo a sua receita.

A indústria cultural tem como sua antítese a arte de vanguarda e fixa uma linguagem, sintaxe e léxico próprios.

Os velhos esquemas sempre se repetem exigindo a necessidade permanente de efeitos novos para reforçar a autoridade do que já foi transmitido. Tudo é estigmatizado de maneira profunda para ser imediatamente aprovado e reconhecido. Os comunicadores que usam o jargão com tanta facilidade, liberdade e alegria são chamados de matadores; são eficazes na medida em que o ideal da naturalidade se afirma imperiosamente pela técnica aperfeiçoada que reduz a tensão entre a imagem e a vida cotidiana. Em todas as manifestações da indústria cultural a rotina aparece disfarçada em natureza. Todas as violações cometidas por Orson Welles no exercício da profissão lhe são perdoadas pois elas reforçam a validade do sistema.

O idioma produzido pelos atores e diretores deve ser tecnicamente condicionado e deve ter a característica da simplicidade, nisto deve consistir a sua habilidade e competência. A linguagem cotidiana deve controlar o que eles dizem e o modo como dizem. O idioma da cultura de massa superou a diferença entre genuíno e artificial. "Por artificial poderia ser definido um estilo que se impõe do exterior sobre os impulsos relutantes da figura." (p.167)

O estilo da indústria cultural é a negação do estilo porque não precisa se afirmar sobre a resistência do material. A conciliação entre o universal e o particular faz desaparecer a tensão dialética entre os dois polos, de maneira que os extremos se tocam: o universal substitui o particular e o particular substitui o universal.

A indústria cultural absolutiza a imitação, o seu segredo é a submissão à hierarquia social. A respeito da palavra cultura, os autores atribuem um significado que supõe enquadramento, classificação e administração. As grandes obras não se ajustam a esse conceito; somente a "administração" industrializada é adequada a este conceito de cultura.

O conceito de cultura orgânica, oposto por alguns filósofos da personalidade à massificação, se refere à indústria cultural e é ironicamente realizada pela "administração" quando pretende comandar todos os ramos da produção espiritual, governando todos os momentos da vida dos homens durante o trabalho e fora dele. O seu estilo é inflexível. Os seus conteúdos e as suas categorias têm origem na sociedade liberal e permanece ainda a sua tendência para o liberalismo em abrir caminho para os mais capazes. A indústria cultural surgiu nos países industriais liberais e aí os seus meios característicos se

desenvolveram: o cinema, o rádio, o jazz, as revistas.

A produção do sempre igual mantém relações com o passado, excluindo o novo, tudo aquilo que ainda não foi experimentado. E para que nada mude, o ritmo e o dinamismo da produção mecânica devem triunfar. As idéias existem no céu da cultura em número fixo e imutável.

O amusement já existia muito antes da indústria cultural, constituído dos mesmos elementos que ela.

A indústria cultural faz a transposição da arte para a esfera do consumo. A arte burguesa sempre excluiu a classe inferior e a indústria cultural tem a mesma característica de aparente universalidade; mas a arte verdadeira permanece fiel à universalidade. A arte séria foi negada àqueles que têm de batalhar pela existência e a arte leve representa a má consciência social da arte séria. A indústria cultural faz a conciliação das duas esferas, uma acolhe a outra. Os dois elementos inconciliáveis da cultura, isto é, a arte e o divertimento foram reduzidos a um falso denominador comum. A repetição é a totalidade da indústria cultural. As suas inovações consistem em melhorar o processo de reprodução de massa, a técnica, onde os conteúdos são repetidos e esvaziados.

Segundo Adorno, o poder social da cultura de massa se exerce mais pelos estereótipos criados e impostos pela técnica do que pelas velhas ideologias. O fundamento desta indústria é o divertimento, seu princípio básico; a sua tendência é eliminar tudo que não estiver de acordo com ele.

O amusement é o prolongamento do trabalho nas sociedades capitalistas; ele é procurado como um meio de fugir dos efeitos do trabalho mecanizado, porém ele acaba sendo tão mecanizado quanto o trabalho. Tanto no trabalho quanto no diverti-

mento o que acontece é a sucessão automática de operações regulares. No divertimento, o prazer cede lugar ao enfado, pois para continuar prazer não deve exigir esforço algum, daí que a indústria cultural deve utilizar apenas as associações habituais. Toda conexão lógica que exija esforço intelectual deve ser evitada.

Os desenhos animados há anos atrás eram expoentes da fantasia contra o racionalismo; apresentavam ações coerentes que se resolviam nos instantes finais; agora apenas confirmam a vitória da razão tecnológica sobre a verdade. O exercício da destruição se revela desde as primeiras seqüências e o objetivo do espetáculo divertido é acostumar o espectador com o novo ritmo, o mau trato contínuo, a quebra da resistência individual é a condição de vida nesta sociedade. O prazer da violência contra o personagem transforma-se em violência contra o espectador, o divertimento transforma-se em tensão. Por isso os autores levantam esta questão a respeito da indústria cultural: duvidam de que ela preencha realmente a função de divertimento. A indústria dos divertimentos não torna a vida mais humana para os homens.

Analisando a questão do desejo e sua manipulação pela indústria cultural, eles afirmam que ela priva continuamente os consumidores daquilo que lhes promete. As exhibições sexuais a que o espectador está exposto excitam o seu desejo não sublimado e depois o sufocam. Não há outro meio senão desenvolver o hábito da privação masoquista. Nisto é inteiramente diferente da arte onde não existe exibicionismo, mas sublimação estética: representar a satisfação na sua própria negação.

A indústria cultural realiza o triunfo sobre o belo através do humor. Deve-se rir diante das privações bem sucedi

das, fato que nada tem de risível; o riso é o instrumento da fraude sobre a felicidade. Os meios de massa usam-no como receita contínua. A lei suprema é que nunca se chegue ao que se deseja e disso deve-se rir com satisfação. Todo efeito do aparato erótico é sempre oferecer uma coisa ao espectador e privá-la dela. Prometendo a fuga à vida cotidiana, oferece sempre como paraíso a própria vida cotidiana. Daí a sensação de que não se pode oferecer-lhe resistência e o espectador tem que se contentar com a resignação.

"A mistificação não está no fato de a indústria cultural manipular as distrações, mas sim em que ela estraga o prazer, permanecendo voluntariamente ligada aos clichês ideológicos da cultura em vias de liquidação". (p.180)

Realizando a fusão entre a cultura e a diversão à custa da depravação daquela e espiritualização forçada desta, a indústria cultural toma o lugar dos bens superiores e reduz a verdade à mentira envolta em retórica. Isto se dá para que ela possa dominar com maior segurança os impulsos humanos e assim realizar a catarse, ou purificação das paixões, a que se referia Aristóteles.

O princípio burguês e iluminista do amusement se manifesta na ação exercida brutalmente sobre as necessidades dos consumidores, com a possibilidade de produzi-las, guiá-las, discipliná-las e até de retirar-lhes o divertimento. A necessidade do divertimento foi produzida pela própria indústria que paga a publicidade e faz a afinidade entre negócio e divertimento. Divertir-se é estar de acordo. Na base do divertimento está a impotência. Finge tratar as pessoas como sujeitos pensantes, na verdade quer combater a interioridade e desabitua-las ao contato com a subjetividade.

Trata o homem como ser genérico, substituível como indivíduo e isto começa a ser experimentado com o tempo. Em vez da idéia de dificuldade e esforço, cada vez mais faz penetrar a idéia de prêmio. Pretende desvincular a idéia de esforço da de sucesso e mesmo a fortuna burguesa não tem qualquer relação com o trabalho. Acaso e planificação, sorte ou azar, tudo per deu qualquer significado econômico. Existe a crença de que o próprio acaso pode ser planificado e que há espaço para as re lações espontâneas entre as pessoas. A indústria se interessa pelos homens apenas como seus clientes e empregados, em qual-
quer dos casos como objetos.

A nova ideologia da comunicação de massa tem por ob jeto o mundo como tal; usa o culto do fato; belo é tudo o que a câmara reproduz. A natureza considerada como antítese salu-
tar da sociedade, como consequência dos mecanismos de depredação, é absorvida e enquadrada na sociedade. A mobilização da natureza e da técnica juntas tem a finalidade de mostrar um es tilo de vida moderno, sadio, contra o bolor da sociedade libe ral com os seus aposentos mornos e felpudos.

A ideologia vazia também aborda a questão da previ-
dência social. Na Alemanha hitlerista havia uma regra que po-
de bem ser a da indústria cultural: "Ninguém terá frio ou fo-
me, quem o fizer vai acabar num campo de concentração".

Aqueles que não conseguem providenciar os meios ne cessários para sua vida vão ter que assumir os trabalhos mais humildes e morar nas favelas. A indústria cultural reflete a assistência social administrada pelos mais capazes. A sua in-
sistência na boa vontade é uma maneira de confessar os males que a sociedade produz.

Neste ponto o texto faz uma ligação com o trágico.

Segundo os autores, a cultura de massa enfrenta virilmente o trágico, mas o registra de maneira planificada. O puro amusement não poderia fornecer a substância trágica, por isso a indústria cultural busca os empréstimos da arte. Uma vez que ela nunca aprofunda a verdade, apresenta sempre a vida na sua superfície ideológica, o trágico serve para dar uma dimensão mais profunda da vida, com cínico pesar; torna interessante o tédio da felicidade consagrada e tem o seu lugar preciso na rotina.

"A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários bem como os costumes bárbaros. A cultura industrializada dá algo mais. Ela ensina e infunde a condição em que a vida desumana pode ser tolerada." (p.189,190)

Todos devem mostrar que se identificam sem a mínima resistência com os poderes aos quais estão submetidos. O jazz, com seu ritmo sincopado, escarnecendo dos seus tropeços e elevando-os à condição de norma, é um sinal desta sujeição, assim como o galante cortejador da jovem herdeira cai de smoking na piscina.

"A passividade do indivíduo é que o qualifica como elemento seguro". (p.191)

Antigamente o que constituía o trágico era a oposição do indivíduo à sociedade. Hoje, o trágico desaparece dissolvido na falsa identidade de sociedade e sujeito que se manifesta na aparência fraudulenta do trágico. A liquidação do trágico confirma a liquidação do indivíduo. Na indústria cultural o indivíduo realmente não existe. Cria-se uma pseudo-individualidade, pois o indivíduo só é tolerado na medida em que aceita sem reservas as regras do jogo.

Na sociedade burguesa o princípio da individualidade sempre foi contraditório. A conservação dos indivíduos den-

tro das classes mantém a todos na condição de meros seres gené
ricos. "A indústria cultural pode fazer o que quer da indivi-
dualidade porque nela sempre se reproduziu a íntima fratura da
sociedade." (p.191)

Seria enganoso esperar que esta situação se torne
insuportável para as pessoas e que necessariamente o sistema
deva se estilhaçar. Há vários séculos, a sociedade se preparou
para isto, a indústria cultural é uma conclusão.

O tipo ideal da publicidade, que representa o gos-
to dominante, ilustra muito bem o dito socrático segundo o
qual o belo é útil na indústria cultural o bom, o belo é o que
tem bom preço.

Na sociedade burguesa, a obra de arte sempre esteve
ligada aos pressupostos da economia mercantil, daí o seu carã-
ter de mercadoria que não pode ser negado nem ocultado dentro
da própria obra de arte.

"Adequando-se por completo à necessidade, a obra de
arte priva por antecipação os homens daquilo que ela deveria
procurar: liberá-los do princípio da utilidade. Aquilo que se
poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é
substituído pelo valor de troca, em lugar do prazer estético
penetra a idéia de tomar parte e estar em dia, em lugar da
compreensão, ganha-se prestígio". (p.195)

Por exemplo, a execução de uma peça de um grande ar
tista no rádio. Os ouvintes escutam-na de graça. Mesmo que as
suas partes não sejam interrompidas pela propaganda, ganham co
mercialmente os produtores que financiam as estações. Neste
ponto os autores insistem muito sobre o poder do rádio graças
à época em que o texto foi escrito (1947), a televisão se di
vulgou posteriormente. A propósito do rádio, destaca o seu ca

ráter autoritário que pode ser exercido mais eficazmente por não cobrar taxa do seu público ouvinte (nas Américas).

Fazem uma profunda reflexão sobre a natureza dialética da cultura como mercadoria. A cultura funde-se com a propaganda; em ambas as contradições chegam a ser paradoxais; a cultura está sujeita às leis de troca mas não é trocável. A propaganda é tanto mais onipotente quanto mais absurda, mesmo onde a concorrência não existe como antes na sociedade competitiva.

"A publicidade é hoje um princípio negativo, um aparelho de obstrução, tudo que não porta o seu selo é economicamente suspeito. A publicidade universal não é em absoluto necessária para dar a conhecer os tipos a que a oferta já está limitada. São indiretamente ela serve à venda. O abandono de uma praxis publicitária corrente por parte de uma única firma é uma perda de prestígio, e na realidade, uma violação da disciplina que a trinca determinante impõe aos seus. Durante a guerra, continua-se a propagandear mercadorias que não estão mais à venda, somente a fim de expor e de deixar à mostra o poder industrial." (p.199)

"A publicidade torna-se a arte por excelência como Goebbels, com seu faro, já soubera identificá-la." (p.200)

O caráter da montagem da indústria cultural adapta-se à propaganda. Técnica e economicamente, propaganda e indústria cultural mostram-se fundidos. "Numa e noutra, sob o imperativo da eficiência, a técnica se torna psicotécnica, técnica do manejo dos homens. Numa e noutra valem as formas do surpreendente e todavia familiar, do leve contudo incisivo, do especializado e entretanto simples; trata-se sempre de subjugar o cliente, representado como distraído ou relutante." (p.200)

Na última parte do ensaio, os autores abordam a questão da linguagem e da comunicação de massa.

A linguagem serve para reforçar o caráter publicitário da cultura; quanto mais os seus signos são transparentes na transmissão do objeto, tanto mais, ao mesmo tempo, se tornam opacos e impenetráveis. A desmistificação da linguagem, como elemento do todo processo iluminista, inverte-se em magia.

"A palavra racionalizada tornou-se uma camisa de força para o desejo mais ainda que para a mentira." (p.201)

"A cegueira e o mutismo dos dados a que o positivismo reduz o mundo, atinge mesmo a linguagem que se limita ao registro daqueles dados. Assim os próprios termos se tornam impenetráveis, adquirem um poder de choque, uma força de adesão e de repulsão que os torna parecidos com seu extremo oposto, às fórmulas mágicas." (p.201)

O próprio nome que mais se liga à magia, hoje sofre uma transformação química. Transforma-se em etiqueta arbitrária e manipulável, cuja eficácia pode ser calculada, mas mesmo por isso dotado de uma força e de uma vontade própria como a dos nomes arcaicos." (p.201)

Todas as expressões linguísticas utilizadas neste trecho para exemplificar as suas idéias e os seus conceitos estão em alemão e se referem à época do Nazismo.

Para finalizar, aborda a questão da reificação dos sentimentos e das reações secretas das pessoas que pretendem fazer de si mesmas um aparelho adaptado ao sucesso, correspondendo ao modelo oferecido pela indústria cultural.

("A Indústria Cultural - O Iluminismo como mistificação de massas" - Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, in Teoria da Cultura de Massa - Org. Luis Costa Lima)

NOTA 4

A obra de Marx se interrompe justamente no momento em que aborda a determinação das classes. Para Lukács, como em Marx, a sociedade de classes deve ser definida pelo lugar que elas ocupam no processo de produção.

Neste ensaio, Lukács coloca a questão da consciência de classe e a sua função na luta de classe. Está subdividido em cinco capítulos. No capítulo I retoma a questão discutida por Engels: as forças motrizes precisam ser definidas, isto é, as forças que põem em movimento povos inteiros e classes inteiras através de uma ação durável que resulta numa grande transformação histórica. A essência do marxismo científico conta em reconhecer a independência das forças motrizes reais da história com relação à consciência psicológica que os homens têm dela.

Retoma Marx em sua análise ao pensamento burguês quando mostra que os homens vêem uma espécie de natureza nessas forças e que nelas e nas leis naturais que as unem, distinguem leis naturais "eternas". Marx se opõe ao dogmatismo da filosofia clássica alemã e à economia de Smith e Ricardo; a crítica marxista consiste em destruir o caráter fixo, natural das configurações sociais e mostrar que elas estão submetidas ao devir histórico e portanto, ao declínio histórico também. A história seria então a "histórias destas formas, de sua transformação", enquanto formas da reunião dos homens em sociedade; formas, que a partir das relações econômicas objetivas, dominam todas as relações dos homens entre si, a relação dos homens com eles próprios, com a natureza, etc.

O pensamento burguês procura mostrar sempre a imuta

bilidade das coisas, a apologia da ordem de coisas existente. Daí surge um dilema: ver a história como tarefa insolúvel (suprimir o processo histórico e aprender nas formas presentes de organização as "leis eternas da natureza"); ou eliminar do processo da história tudo que tem um sentido e ater-se à pura individualidade das épocas. Deste modo não há como explicar a origem das configurações histórico-sociais e suas leis aparecem como imutáveis.

Marx resolve o dilema, mostrando que na realidade ele não existe. Na sociedade burguesa considera-se a história de uma maneira formalista e racional. O movimento da sociedade, que é o seu próprio movimento, adquire para eles, a forma de um movimento das coisas, ao controle das quais se submetem ao invés de controlá-las. Marx se opõe a esta posição e expressa o seu pensamento na Crítica da Economia Política. O capital para Marx, não é uma coisa, mas uma relação social entre pessoas mediatizada pelas coisas.

Eliminar a coisidade, reconduz à relação de homem a homem e nisto consiste a objetividade, a objetivação da sociedade humana numa etapa de sua evolução.

Ao suprimir este dilema, surge uma outra questão bastante discutida por Lukács que é o papel histórico desempenhado pela consciência; parece que ela não é decisiva nas transformações históricas.

A ciência histórica burguesa crê encontrar no indivíduo histórico empírico (homem, classe ou povo) e na sua consciência dada empiricamente (psicologia individual e psicologia das massas) o concreto da história; mas está longe dele, porque não leva em consideração a sociedade como totalidade concreta, a organização da produção e a divisão da sociedade em

classes. Ao ignorar isto, considera concreto algo completamente abstrato. Não são relações de indivíduo para indivíduo, mas de operário para capitalista, rendeiro e proprietário fundiário, etc. O estudo concreto supõe a referência à sociedade como totalidade.

Há uma oposição entre consciência verdadeira (quando se leva em consideração a totalidade concreta, isto é, as relações de produção e a divisão da sociedade em classes) e a falsa que dentro desta relação se apresenta como incapaz de atingir os objetivos que ela mesmo se fixou. Através da referência à totalidade concreta supera-se a simples descrição e atinge-se a categoria de possibilidade objetiva. Descobrem-se os pensamentos dos homens em relação à sua situação objetiva. Em todas as sociedades é possível estabelecer uma tipologia cujo caráter é determinado pela posição dos homens no processo de produção.

A situação racional adequada que deve ser atribuída ou adjudicada a uma situação típica determinada no processo de produção, é a consciência de classe. Esta consciência não é a soma nem a média do que pensam, sentem, etc. os indivíduos que formam a classe, tomados um a um. E no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última análise, por esta consciência e não pelo pensamento do indivíduo, etc.; esta ação só pode ser conhecida a partir desta consciência. É necessário indagar: 1º) se esta distância é diferente segundo as classes, segundo as diferentes relações que elas mantêm com a totalidade econômica e social de que são membros, em que medida esta diferenciação é suficientemente grande para que dela decorram diferenças qualitativas. 2º) Qual a função histórica prática da consciência de classe?

Antes porém, temos que perguntar: em que medida é possível perceber a totalidade da economia de uma sociedade, em quaisquer circunstâncias, a partir de uma determinada posição no processo de produção? De fato, há muitas limitações e preconceitos ligados a uma situação vital que sujeita os indivíduos e os impede de ultrapassar os limites colocados pela estrutura econômica da sociedade.

Trata-se portanto de uma inconsciência. A falsidade e a ilusão contidas numa tal situação de fato, não são qualquer coisa de arbitrário, mas, pelo contrário, a expressão mental da estrutura econômica objetiva. Por exemplo: o valor ou o preço da força de trabalho adquire o valor ou o preço do próprio trabalho; na escravatura, até a parte do trabalho que é paga aparece como não o sendo.

Se esse trabalho de reflexão e de conhecimento da sociedade como um todo não puder ser feito, então esta classe nunca poderá desempenhar o papel de intervir na marcha da história como fator de conservação ou de progresso, mas terá sempre um papel subalterno. Tais classes estão destinadas à passividade. Quando uma classe manifesta vocação para a dominação, isto significa que é possível organizar o conjunto da sociedade em conformidade com os seus interesses de classe, a partir desses interesses, a partir da consciência de classe. A questão decisiva é saber: que classe neste momento preciso dispõe de tal capacidade e de tal consciência de classe? Isso não elimina a violência da história. Muitas vezes as próprias condições da afirmação dos interesses de uma classe são geradas por meio da mais brutal violência; muitas vezes nas questões de violência, nas situações em que as classes se defrontam numa luta de vida ou de morte, que os problemas da consciência de classe

constituem os momentos finalmente decisivos.

O que importa é: em que medida elas podem se tornar conscientes das ações que devem executar e executam efetivamente para conquistar e para organizar a sua posição dominante?

Uma outra questão importante é a seguinte: até que ponto a classe em luta pelo poder realiza conscientemente ou inconscientemente, com uma consciência correta ou uma consciência falsa as tarefas que lhe são impostas pela história? O destino de uma classe depende da sua capacidade em discernir com clareza e resolver os problemas que lhe impõe a evolução histórica em todas as suas decisões práticas.

A economia baseada na escravatura causaria necessariamente a ruína da sociedade antiga. Na burguesia atual os problemas se manifestam com muita evidência. No início, a burguesia foi capaz de levar a luta contra a sociedade absolutista e feudal mas depois revelou-se incapaz de resolver os problemas e de levar até o fim essa ciência de classe. No período de transição possuía uma consciência clara a respeito das leis da economia que depois torna-se imaneente, isto é, uma espécie de lei natural que repousa na ausência de consciência dos que nela tomam parte.

Toda sociedade pré-capitalista não revela com plena clareza os interesses de classe, porque os seus elementos econômicos se unem aos políticos, religiosos, etc. Só com a dominação burguesa se torna possível uma ordem social em que a estratificação da sociedade tende à pura e exclusiva estratificação em classes. Há uma diferença profunda de organização entre sociedade capitalistas e pré-capitalistas. Do ponto de vista econômico, qualquer sociedade pré-capitalista é menos coe-rente.

Quanto mais fraco é o papel da circulação das mercadorias na vida da sociedade no seu conjunto, quanto mais cada uma das partes vive uma autarquia econômica, menos a coesão organizacional da sociedade e do Estado tem fundamento real na vida geral da sociedade. Uma parte da sociedade tem vida natural independente do destino do Estado.

Lukács faz uma série de observações a respeito das sociedades pré-capitalistas e ao modo de produção asiático. Interroga, sempre apoiado nos textos de Marx, se seria possível às classes desta sociedade, de algum modo, a possibilidade objetiva de ascender à consciência do fundamento econômico das suas lutas? Nas páginas seguintes responde citando Engels que: "As verdadeiras forças motrizes que estão por trás dos móveis atuando na história nunca poderiam, pois, aceder à consciência, sequer como consciência simplesmente adjudicada, nos tempos pré-capitalistas e mantiveram-se na verdade, ocultas por detrás dos móveis como forças cegas da evolução histórica". (p. 73)

"Com o capitalismo, com o desaparecimento da estrutura de estados e com a constituição de uma sociedade com articulações puramente econômicas, a consciência de classe acedeu a um estado em que pode tornar-se consciente." (p.73)

A burguesia e o proletariado são as duas únicas classes puras da sociedade. Lukács destaca o caráter incerto, estéril da evolução da atitude das outras classes (pequeno-burgueses, camponeses); vem do fato de não se basear no processo de produção capitalista, mas está ligado a vestígios da sociedade dividida em estados. Essas classes não procuram fazer a sociedade evoluir, mas sim retroceder, ou não chegar ao seu pleno desenvolvimento. O seu interesse manifesta-se em função de

questões parciais da sociedade e não da estrutura de conjunto da sociedade. A pequena-burguesia é uma classe de transição entre os interesses das duas outras classes, procura atenuar a oposição entre elas, entre salário e capital, transformando-a em harmonia. As finalidades que existem somente na sua consciência, assumem formas cada vez mais vazias, mais distantes da ação social; puramente ideológicas. O autor faz a análise da atuação da pequena-burguesia em diversos momentos da história. Por exemplo: os camponeses proprietários, a sua consciência de classe reveste uma forma ideológica de conteúdo mais instável que a das outras classes.

A relação de oposição entre consciência de classe e interesses de classe revela-se tanto nas classes proprietárias camponesas como na própria burguesia. A situação da burguesia é trágica na medida em que não abateu de todo ainda o seu antecessor, o feudalismo, e já tem que lutar contra um novo inimigo: o proletariado.

O capitalismo é o primeiro modo de produção a penetrar a sociedade por completo, portanto, a burguesia poderia adquirir a partir daí uma consciência atribuída ou adjudicada da totalidade do processo de produção. Entretanto isto não acontece; os economistas burgueses apegam-se a questões secundárias do processo de produção, contradição entre o capital como propriedade privada e a sua função econômica objetiva. De acordo com o Manifesto Comunista, o capital não é uma força pessoal, é uma força social. Força social cujos movimentos são dirigidos pelos interesses individuais dos possuidores de capitais. A função social do capital se realiza acima das suas cabeças, para além das suas vontades, sem que eles tenham consciência do processo que ela própria realiza como um mecanismo

exterior, submetido a leis objetivas.

Os limites objetivos da produção capitalista tornam-se os limites da consciência de classe da burguesia. O capitalismo, ao contrário das antigas formas de dominação "naturais e conservadoras", é uma forma de produção revolucionante por excelência, daí a sua contradição interna; esta necessidade de os limites econômicos do sistema permanecerem inconscientes manifesta-se como contradição interna e dialética na consciência de classe. A forma mais gritante da "Falsa consciência" exprime-se na ilusão de que os fenômenos econômicos são conscientemente dominados.

A sociedade capitalista procura ocultar e mistificar a verdadeira origem da mais-valia. O fato central desta sociedade é a luta de classes. Na luta de classes todas estas forças que estão ocultas e cuja manifestação é superficial, manifestam-se intensamente na sociedade capitalista. A luta de classe é o fato fundamental da vida histórica. No início se manifestava por violentas explosões espontâneas; à medida que este princípio inconscientemente revolucionário é elevado pela teoria e pela praxis do proletariado à consciência social, a burguesia vê-se ideologicamente obrigada à defensiva consciente. A "falsa consciência" da burguesia torna-se falsidade da consciência. A contradição objetiva torna-se subjetiva; o problema teórico transforma-se em comportamento moral que influi em todas as tomadas de posição práticas de classe, em todas as situações e questões vitais.

Como a burguesia pretende dominar toda a sociedade e organizá-la de acordo com os seus interesses, necessariamente teria que criar uma doutrina coerente da economia, do Estado, da Sociedade que supõe uma visão-de-mundo e desenvolver e tor-

nar consciente para si a sua própria vocação para dominar e organizar. É preciso portanto, adquirir uma consciência tão clara quanto possível, em cada questão particular, dos seus interesses de classe e isto se torna fatal quando essa mesma consciência clara se estende à totalidade. A dominação da burguesia é dominação de uma minoria e exercida no seu interesse de modo que a manutenção do regime burguês depende de que as outras classes mantenham uma consciência de classe confusa. Para isso, cria a doutrina que coloca o Estado acima dos interesses de classe.

As contradições internas desta forma de organização social são crescentes, de modo que resulta a seguinte opção: ou fechar-se a esta compreensão crescente ou reprimir em si todos os instintos morais para poder aprovar moralmente a ordem social em virtude dos seus interesses.

A combatividade de uma classe é maior quanto mais fê na sua própria vocação. Toda a ciência burguesa do século XIX fez os maiores esforços para mascarar os fundamentos da sociedade burguesa (teorias sublimes sobre a essência da História, do Estado, etc.) em vão. A partir do final do século a ideia de organização consciente se fez necessária, como a planificação da economia, última tentativa para salvar o capitalismo. Toda a cultura da classe burguesa como expressão da existência da mesma classe entrou numa grave crise. A classe burguesa está em decadência, luta na defensiva; perdeu irremediavelmente a força para dirigir.

No combate pela consciência, cabe ao materialismo histórico um papel decisivo. Burguesia e proletariado são classes correlatas. O mesmo processo envolve as duas classes, embora visto do lado da burguesia se apresenta como uma desagrega-

ção e para o proletariado como uma acumulação de forças, embora apareça também sob a forma de uma crise. No plano ideológico, a lenta agonia da burguesia, o aumento de consciência do proletariado e aumento de força. "A verdade é para o proletariado uma arma portadora da vitória, e tanto mais seguramente quanto não recua perante nada." (p.83)

A ciência burguesa combate o materialismo histórico com raiva de desespero; quando colocada ideologicamente neste terreno, está perdida. Para o proletariado, a justa compreensão da essência da sociedade constitui fator de força de primeira ordem, porque tal compreensão constitui, sem dúvida, a arma pura e simplesmente decisiva. Esta é a função ímpar da consciência na luta de classe do proletariado que escapou aos marxistas vulgares. Estes se apóiam num mesquinho realismo político em vez do grande combate sobre os princípios e as questões últimas do processo econômico objetivo. Os marxistas vulgares colocam-se ao nível da consciência de classe da burguesia.

O proletariado, segundo Lukács, parte da situação política e econômica do momento, não se atém aos acontecimentos históricos, por não ser meramente movido por eles, constituindo assim a essência das forças motrizes, influenciando no processo central da evolução social. A superioridade do proletariado sobre a burguesia é intelectual e organizacional; vem do fato de considerar a sociedade como um todo coerente, agir de uma forma central, modificando a realidade; para a sua consciência de classe teoria e praxis coincidem; lança na balança da evolução a sua ação como fator decisivo.

"O reino da liberdade, o fim da pré-história da humanidade significam que as relações objetivadas entre os ho-

mens, a reificação começa a ceder lugar ao Homem. Quanto mais o processo se aproxima do seu termo, mais importância adquire a consciência que o proletariado tem da sua missão histórica, isto é, a sua consciência de classe, e tanto mais fortemente esta consciência de classe há de determinar cada uma das suas ações, porque o poder cego das forças motrizes não conduz automaticamente a sua finalidade, superação de si, senão enquanto esta finalidade não se encontrar ao seu alcance. Quando o momento da passagem ao "reino da liberdade" é objetivamente dado, isso manifesta-se justamente no plano objetivo, pelo fato de essas forças cegas impelirem para o abismo de uma forma verdadeiramente cega, com uma violência continuamente crescente aparentemente irresistível, e de só a vontade consciente do proletariado poder preservar a humanidade de uma catástrofe. Por outras palavras: quando a crise econômica final do capitalismo tiver começado, o destino da revolução (e com ele o da humanidade) dependerá da maturidade ideológica do proletariado, da sua consciência de classe." (p.84 e 85)

"O proletariado para libertar-se deve suprimir a sociedade de classes; a sua ideologia é o próprio objetivo e a arma por excelência. Toda a tática sem princípios degrada o materialismo histórico à condição de uma trivial ideologia, força o proletariado a um método de luga burguês (ou pequeno burguês); priva-o das suas melhores forças, atribuindo a sua consciência de classe o papel de uma consciência burguesa, simples papel de acompanhamento ou de freio, em vez da função motriz inerente à consciência proletária." (p.85)

A relação entre consciência de classe e situação de classe é mais simples quanto maiores os obstáculos que se opõem à realização desta consciência, pois a ela própria falta unida

de. O processo de evolução da sociedade é unitário, mas não se apresenta como uma unidade perante a consciência dos homens, principalmente para o homem nascido no seio da reificação capitalista das relações, considerando-o como um meio natural; parecem-lhe uma multiplicidade de coisas e de forças independentes umas das outras.

A cisão mais forte que trouxe maiores consequências para a luta de classes é a separação entre luta econômica e luta política. Marx mostrou que é próprio de qualquer luta econômica transformar-se em luta política e vice-versa. Esse desvio tem origem na dualidade: objetivo parcial e objetivo final (dualidade dialética da revolução proletária).

A História coloca o proletariado diante da tarefa de uma transformação consciente da sociedade, surge então na sua consciência de classe a dualidade da contradição dialética: o interesse imediato e o objetivo final, o momento isolado e a totalidade. O momento isolado concreto é imanente à sociedade capitalista presente, está sujeito à suas leis, à sua estrutura econômica. Integrando-se no conjunto, ligando-se ao objetivo final é que se torna revolucionário. Essa dialética é transferida para a consciência do próprio proletariado em vez de ser um processo objetivo que se desenrola fora da consciência. A vitória revolucionária do proletariado não é a realização imediata do ser dado da classe, segundo Marx, a superação de si. Mesmo na falsa consciência do proletariado, mesmo nos seus erros, há uma intenção que se orienta para a verdade.

Consciência de classe não é a consciência psicológica da massa (no seu conjunto), mas o sentido tornado consciente da situação histórica da classe. O interesse individual momentâneo pode ter uma dupla função: ser um passo na direção

desse objetivo ou ocultar esse mesmo objetivo. As alternativas possíveis dependem exclusivamente da consciência de classe do proletariado e não da derrota ou da vitória nas lutas particulares. Marx já observara o perigo que representa a luta sindical puramente com objetivos econômicos. Os proletários não de vem lutar contra efeitos que não curam a própria doença.

A origem de todo o oportunismo consiste em se partir dos efeitos e não das causas; no interesse particular e não na luta final; confundir o estado de consciência psicológica efetiva dos proletários com a consciência de classe do proletariado.

A força e a superioridade da consciência de classe consiste em perceber a sua unidade como evolução de conjunto da sociedade por trás dos sintomas dissociadores do processo econômico.

O fundamento econômico das crises mundiais é um fenômeno que, certamente, tem uma unidade, entretanto não é assim que aparece no espaço e no tempo, manifestando uma série de fenômenos separados nos diversos países e nos vários setores diferentes da produção de cada país. A sociedade capitalista é incapaz de se elevar acima dos detalhes e sintomas do processo econômico; o reflexo desse processo na consciência psicológica imediata dos trabalhadores tem um caráter isolado; a possibilidade e a necessidade de superar esta consciência existem hoje e é sentida instintivamente por camadas cada vez mais vastas do proletariado. Só a consciência do proletariado pode mostrar como sair da crise do capitalismo.

Marx afirmou que o proletariado tem que se tornar uma classe não só face ao capital mas também para si próprio. "Os próprios pacifistas e os humanistas na luta de classes

que, voluntária ou involuntariamente, trabalham para entravar este processo já de si tão longo, tão doloroso e sujeito a tantas crises, ficariam horrorizados se compreendessem quantos sofrimentos impõem ao proletariado ao prolongarem esse ensinamento da experiência, pois o proletariado não pode fugir à sua vocação." (p.91)

"Enquanto produto do capitalismo, o proletariado está necessariamente submetido às formas de existência do seu produtor. Estas formas de existência são a desumanidade e a reificação. O proletariado é, pela simples existência, a crítica e a negação dessas formas de vida. Mas até que a crise objetiva do capitalismo esteja consumada, até que o próprio proletariado tenha conseguido discernir completamente esta crise ao atingir a verdadeira consciência de classe, é a simples crítica da reificação e, como tal, apenas negativamente, ascende acima do que nega. Quando a crítica não ultrapassa a simples negação de uma parte, quando, pelo menos, ela não tende para a totalidade, então, não pode ultrapassar o que nega, como por exemplo no-lo mostra o caráter pequeno-burguês da maior parte dos sindicalistas." (p.92)

Marx, em suas pesquisas filosóficas, refutou as diversas teorias erradas da consciência (a idealista da escola hegeliana e a materialista de Feurbach). A consciência, para ele como para Lukács, é imanente à evolução histórica real. Fala das dificuldades para ultrapassar o pensamento utópico e como ele prejudica a luta do proletariado. Em seguida, aborda a questão da graduação da consciência do proletariado. "A teoria objetiva da consciência de classe é a teoria da sua possibilidade objetiva." (p.94)

O proletariado só se realiza suprimindo-se, levando

até o fim a sua luta de classe e instaurando assim a sociedade sem classes. Para alcançar este objetivo, a ditadura do proletariado é uma fase. A sua luta deve dirigir-se contra o inimigo exterior - a burguesia e contra si mesmo, isto é, contra os efeitos devastadores do sistema capitalista sobre a sua consciência de classe. O proletariado conseguirá a verdadeira vitória quando superar em si estes efeitos. A autocrítica não deve fazer o proletariado recuar, deve ser o seu elemento vital.

CRÍTICA AO TEXTO DE LUKÁCS SOBRE A CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A obra de Lukács "História e Consciência de Classe" foi escrita em 1920 em meio às lutas de classe que se desenvolviam na época; por isso traz as marcas do seu tempo, a visão não muito clara a respeito de alguns problemas do marxismo, como a consciência de classe, que somente a partir do conhecimento de alguns textos de Marx, publicados mais tarde, e do próprio desenvolvimento social, puderam ser compreendidos com uma nova luz. No final de sua vida, o próprio Lukács se colocou numa posição crítica frente a este texto, uma das concepções centrais da sua obra.

O autor deste ensaio, Adan Schaff, procura mostrar a importância da formulação dos problemas que a obra de Lukács suscita, para os quais cada época pode tentar encontrar as soluções. Ele aborda a questão da consciência de classe neste ensaio.

Parte de um ponto de vista semântico, duas acepções para a expressão consciência de classe; 1) a consciência de uma classe possui em condições concretas de tempo e de lugar. 2) a consciência dos interesses de uma classe, portanto, qual o comportamento social que ela deve assumir em condições concretas de tempo e de lugar.

A consciência dos interesses de classe supõe uma teoria e uma ideologia que aparecem ligadas a uma ação, pois nas questões sociais existe sempre um objetivo explícito que é a ação; a formulação teórica assume um papel secundário.

Estes dois modos de entender a consciência de classe podem ser nomeados de maneira diferente, retomando a terminologia de filosofia clássica alemã: a classe em si e a classe para si.

"Uma classe em si é formada na base da relação dos seus membros com os meios de produção e a partir dos interesses econômicos e sociais desses membros, será uma classe em si até que a consciência da sua situação e dos seus interesses de classe se tenha propagado pelos seus membros e estes a tenham aceito; neste segundo estágio se transforma em classe para si." (p. 10)

Uma classe pode agir de maneira contrária aos seus interesses, por desconhecê-los, ocorrendo isto geralmente quando a classe ainda se encontra em formação ou mesmo em outras circunstâncias, como é o caso do proletariado atual, que muitas vezes é levado a agir de acordo com a ideologia dominante, contrariando os seus interesses de classe. Tudo que reforça a ideologia, como por exemplo, a idéia de unidade, solidariedade da nação, etc. dificulta e enfraquece o surgimento da consciência de classe, isto é, dos interesses de classe no seio da classe trabalhadora.

Mostra ainda como a formação da consciência de classe, no sentido de interesse de classe, não pode surgir espontaneamente na classe trabalhadora. A sua formação deve partir de fora, dos intelectuais num primeiro momento e depois do partido revolucionário, para fazê-la penetrar no movimento operário espontâneo.

Existe uma relação dialética importante entre a consciência de classe, no sentido de como ele é realmente em condições de tempo e lugar e a outra que significa conhecer os seus interesses de classe como base de ação. A primeira, como é realmente e a segunda, como deveria ser de acordo com o partido revolucionário.

Analisando o pensamento dos militantes revolucioná-

rios da década de vinte, o autor deste ensaio faz algumas observações a respeito da obra de Lukács. Chama a atenção para o fato de Lukács se concentrar nas conclusões que destacam "a independência das forças motrizes da história em relação à consciência real dos homens que a fazem." (p.14)

Lukács distinguia os dois tipos de consciência, tanto que menciona diversas vezes a consciência psicológica e a atribuída, porém se concentra exclusivamente na segunda e chega mesmo a chamá-la de inconsciência porque é "a reação racional que, numa situação de classe determinada, todos os membros da classe teriam tido se pudessem entender perfeitamente a estrutura de toda a sociedade." (p.16)

Procura esclarecer de uma vez por todas que não se pode confundir ideologia de classe, o marxismo por exemplo, com a consciência do proletariado, pois ambas as acepções estão contidas na expressão "consciência de classe".

É importante destacar a relação entre elas, principalmente o papel da ideologia de classe na formação da consciência de uma classe para que se torne uma classe para si. Para que uma classe tome consciência da ideologia que trata dos seus interesses é preciso que os seus membros experimentem estados psicológicos definidos no sentido de tomar consciência dos interesses da classe.

O segundo ponto de que trata este artigo é a questão colocada por Lukács: Qual é a função da consciência de classe na luta de classes? Retoma o problema colocado por Lukács e reafirma a importância das duas acepções anteriormente mencionadas, pois que elas se ligam organicamente. "Para se conduzir esta luta de modo consciente e efetivo, é necessariamente preciso compreender a situação e, a partir dessa compreensão, e

laborar um programa de ação; por outras palavras, é necessário possuir uma teoria e uma ideologia adequadas." (p.20)

"É evidente que essa consciência dos interesses de classe pode revestir diversas formas e alcançar diversos graus de maturidade, elevando-se no seu mais alto nível a essa forma teórica e ideológica de que já falamos." (p.20)

Mas, para o processo de transformação da sociedade, é necessário que as duas consciências se identifiquem, isto é, a consciência empírico-psicológica do proletariado e a consciência teórico-ideológica. A interiorização da teoria é necessária se quisermos que ela tenha uma ação social efetiva. Na luta de classes precisamos insistir nos dois significados da consciência de classe e quando se trata da teoria marxista, portanto do movimento operário, dá-se muita importância ao problema de como introduzi-la na consciência das massas elevando o nível da sua consciência empírico-psicológica.

Antes de finalizar o seu artigo, aborda ainda dois problemas relacionados com este assunto: o primeiro é o abandono da questão da interiorização do marxismo na consciência das massas como resultado de uma interpretação fatalista das teses do materialismo dialético; a segundo é o surgimento de tendências sectaristas e voluntaristas no movimento operário. Marx e Lênin não desprezaram o papel do fator subjetivo na luta de classes e combatiam o materialismo chamado econômico, fatalista, em que a base e a super-estrutura não estão numa relação dialética interna.

Subestimando o papel da consciência empírico-psicológica na luta de classes, surgirão movimentos sectaristas que poderão estar associados ao dogmatismo ou a uma falsa interpretação do marxismo.

Lênin alertou para o perigo da teoria da espontaneidade das massas e contra o perigo do vanguardismo "que é a eventualidade do partido se destacar das massas cuja consciência não tenha ainda evoluído relativamente aos modelos da ideologia revolucionária." O sectarismo pode ter origem numa atitude dogmática embora os dois fenômenos não se identifiquem; isto ocorre quando "a autoridade reconhecida predomina sobre os fatos empíricos"; outro caso é aquele em que "verdades definidas em abstrato servem de guia à ação sem que sejam tomadas em consideração as condições concretas de lugar e de tempo, que podem invalidar as proposições gerais e elípticas". (p.25) "O dogmatismo consiste em ater-se a opiniões bem definidas, à ortodoxia que sempre possui um dado sistema de referência, ortodoxia essa que é tomada como objeto da fidelidade do sistema." (p.25)

O autor avalia os prejuízos causados por estes erros de atitude e de formulação teórica para a história do movimento operário; como o dogmatismo, o sectarismo, o vanguardismo voluntarista e mesmo a falta de democracia no interior dos partidos revolucionários.

Para finalizar, apresenta a sua conclusão que ele mesmo reconhece como muito simples, sem nenhuma originalidade; os ideólogos dos anos 20 identificaram a consciência da classe operária com a ideologia marxista com efeitos muito negativos para a história do movimento operário, como mencionamos anteriormente. É necessário pois, dar "toda a importância que for merecida ao conhecimento da consciência efetiva da classe operária e à formação dessa consciência no espírito da ideologia revolucionária."

Para nós, professores da rede estadual, é muito im

portante conhecermos as teorias a respeito da consciência de classe, pois os nossos alunos fazem parte da classe trabalhadora como filhos de trabalhadores assalariados, que em geral ganham até dez salários mínimos, ou, em menor número, eles próprios como trabalhadores de escritórios, de indústrias, etc.

Ao iniciarmos o nosso trabalho com os 1ºs colegiais em 1981, desconhecíamos a teoria da consciência de classe, tínhamos uma noção intuitiva a esse respeito em virtude de conhecermos outros aspectos da teoria marxista; colocamos como objetivo e como método pedagógico o conhecimento da realidade através do estudo da língua e da literatura, mas à medida que o nosso caminho se fazia, percebemos que trabalhávamos dentro de uma ótica de classe, a do proletariado, e que era preciso aprofundar os nossos conhecimentos para atuar de maneira melhor na formação da consciência dos nossos alunos.

Os textos teóricos nos alertaram para um perigo que vínhamos sentindo ao trabalhar com a questão da comunicação de massas e a ideologia, que por ser muito abrangente, incluindo aspectos do cotidiano, pode parecer ao aluno adolescente um conhecimento que sufoca em vez de libertar; sentimos grandes dificuldades em lidar com o aspecto subjetivo da consciência de classe cuja avaliação não pode ocorrer de maneira formal, mas através de discussões orais principalmente; nos textos escritos os aspectos subjetivos tendem a se tornar mais raros e menos espontâneos; as pesquisas sobre os dados objetivos predominam.

(Georg Lukács - História e Consciência de Classe)

(Adan Schaff - Sobre o Conceito de Consciência de Classe)

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, Cortez Editora, São Paulo, 1981.
- CÂNDIDO, Antonio. Para gostar de ler - volume V (prefácio), Editora Ática, São Paulo, 1980.
- _____. e CASTELLO, J. Aderaldo. Presença da literatura brasileira, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia, Editora Moderna, São Paulo, 1981.
- _____. O que é ideologia? Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 4ª edição, 1981.
- EAGLETON, Terry. Marxismo e crítica literária, Edições Afrontamento, Porto, 1976.
- MARX, Karl e ENGELS, Frederic. La Ideologia alemana, Ediciones Pueblos Unidos, Montevideo, co-editora Ediciones Grijalbo, Barcelona, 1972.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978.
- FREINET, Celestin. O método natural de gramática, Dinalivro, Lisboa, 1978.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, Cortez Editora, 15ª edição, 1986.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin, Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.
- GOLDMAN, Lucien. Dialética e Cultura, Paz e Terra.

- KONDER, Leandro. Fontes do pensamento político - Lukács, L. e P M Editores, Porto Alegre, 1980.
- LUKÁCS, Georg. Ensaio sobre literatura, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
- _____. História e consciência de classe, Publicações Escorpião, Porto, 1974.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. A Sedução da barbárie, Editora Brasiliense, 1982.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil, Editora Vozes, São Paulo, 1980.
- ROSSI, Clovis. O que é jornalismo, Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 1980.
- DOS SANTOS, Laymert Garcia. Desregulagens, Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.
- SAVIANI, Demerval. Escola e democracia, Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, Cortez Editora, 3ª edição, São Paulo.
- SCHAFF, Adan. Sobre o conceito de consciência de classe, Publicações Escorpião, Porto, 1978.
- VASQUEZ, Adolfo Sanchez. Filosofia da Praxis, Editora Paz e Terra, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1977.
- _____. As idéias estéticas de Marx, 2ª edição, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- VIEIRA, Evaldo. Estado e miséria social no Brasil - de Getúlio a Geisel, 2ª edição, Cortez Editora, 1985.

ARTIGOS

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. "A indústria cultural - o iluminismo como mistificação de massas" in Teoria da cultura de massas, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.
- BRECHT, Bertold. "As cinco maneiras de dizer a verdade", in Cadernos de Opinião.
- CÂNDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento" in América Latina em sua literatura, Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.
- _____. "A personagem do romance" in A personagem de ficção, Editora Perspectiva, 1972.
- SAER, Juan José. "A literatura e as novas linguagens" in América Latina em sua literatura, Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.
- SAVIANI, Dermeval. "Análise crítica da organização escolar brasileira através das leis 5.540 e 5.692/71" in Educação Brasileira Contemporânea - Organização e Funcionamento, Editora McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. "História com o Meio" - ANPUH pg. 101.

DOCUMENTOS

- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Guias Curriculares do 1º Grau, 1976.
- _____. Guias Curriculares do 2º Grau, 1976.
- SISTEMA DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO - CIE - CENTRO DE INFORMAÇÕES EDUCACIONAIS

LIVROS INDICADOS PARA LEITURA EXTRA-CLASSE AOS ALUNOS DO 1º
COLEGIAL

- 1) Graciliano Ramos: São Bernardo
Vidas Secas
- 2) José Lins do Rego: Menino do Engenho
Fogo Morto
Usina
Doidinho
- 3) Jorge Amado: Mar Morto
Cacau
Suor
Seara Vermelha
Jubiabá
Capitães de Areia
- 4) Raquel de Queiroz: O Quinze
- 5) Manuel Scorza: Bom dia para os defuntos
- 6) Vargas Lloza: Pantaleão e as Visitadoras
- 7) Garcia Marquez: Relato de um naufragado
Cem anos de Solidão
Crônica de uma Morte Anunciada
Ninguém escreve ao coronel
- 8) Juan Rulfo: Pedro Páramo
- 9) Eduardo Galeano: Dias e Noites de Amor e de Guerra
- 10) Moema Wieszner: Se me deixam falar...
- 11) Ernesto Sábato: O túnel
- 12) Aldous Huxley: O admirável mundo novo
- 13) George Orwell: 1984
- 14) Eugêne Zamiatine: A muralha verde

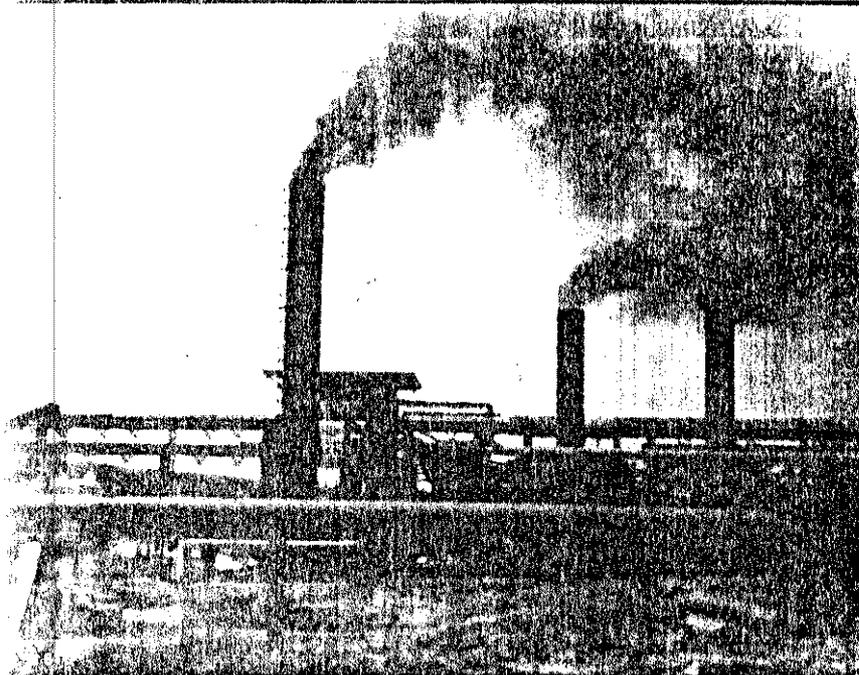
VIVENTES DO PIRA

Ano 1

SEXTA, 1 DE NOVEMBRO DE 1984

nº1

São Paulo



Caldeiras - FOTO - Cristina M. Almeida.

"UMA FAZENDA DE CAFÉ TRANSFORMOU-SE NUMA USINA DE AÇÚCAR"

Uma fazenda de café transformou-se numa usina de açúcar, graças à família Ometto e hoje a produção diária é de 1.300.000 litros de álcool e 300.000kg de açúcar.

"OCULDIÇÕES DE TRAFICANTES"

Falta de proteção policial em traficantes.

"O AÇÚCAR LEVANTOU O CORFO"

Como nosso organismo aproveita o açúcar.

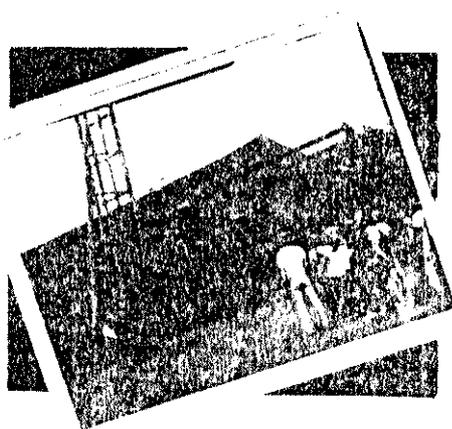
"A POLUIÇÃO DO RIO PIRACICABA"

Nossa entrevista com os moradores de Piracicaba sobre a poluição do rio e o seu histórico



ÍNDICE

Editorial.....pág.2	Notícias.....pág.4,5
Entrevistas...pág.2 e 3	Reportagem...pág.5
Tempo.....pág.2	Crônica.....pág.6
Comentário Político pág.4	



"A POLÍTICA DO AÇÚCAR E DO ALCOÓL"

OPEP aumenta o preço do petróleo constantemente.

DIRETORES RESPONSÁVEIS:

- Andréa Camargo Regatão;
- Cristina M. de Almeida;
- Lúcia A. Dias;
- Nanci Niachi;
- Orlando;
- Sidinícia Angélica Hilário.

A

VIVENTES DO PIRA

"Um Jornal à serviço da Escola"

ESTUDO DO MEIO

O Estudo do Meio é a forma de mostrar aos alunos a realidade de perto, as condições de trabalho de uma indústria, e a vida em geral dos trabalhadores.

Ver como a indústria contribui para a poluição das cidades vizinhas.

Para nós editores, sentimos que o Estudo do Meio feito na cidade de Piracicaba, na Usina Costa Pinto foi uma visão do real, de perto sem precisar se basear em livros.

Deixou de ser uma coisa ABSTRATA.

O TEMPO

Tempo encolado na região de Piracicaba entre a máxima de 32 à 34 graus.

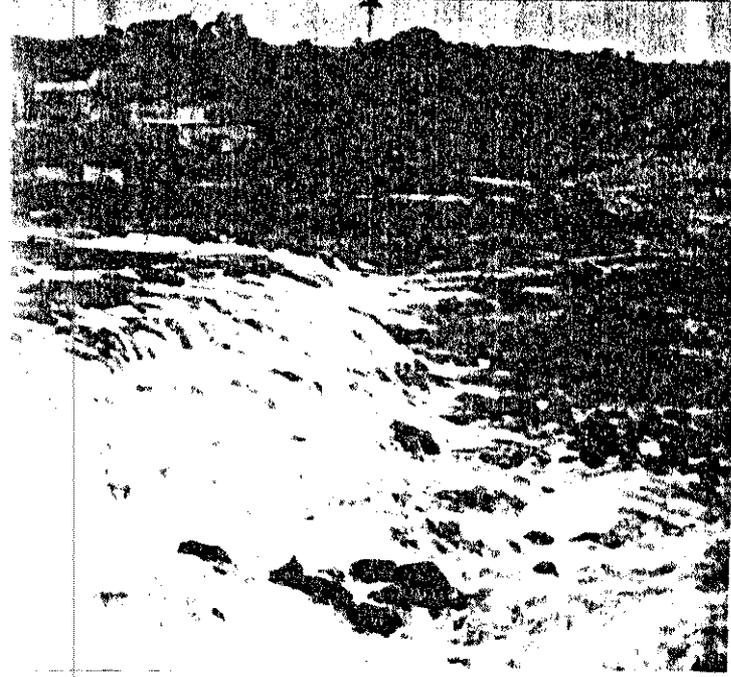
"A NOIVA DA COLINA"

Mais ou menos 0% do rio Piracicaba é poluído só que há 10 anos o rio era tão claro que todo mundo o chamavam de "A LOIJA DA COLINA".

Tiragem: 5

"A POLUIÇÃO DO RIO PIRACICABA"

(histórico e entrevista)



Antes, o salto de Piracicaba (rio de Piracicaba), não via sido ligado a Itá. Em 1727, por ter aberto um "picadão" de Itá ao Salto do rio Piracicaba, obteve Felipe Cardoso uma sesmaria (6.600 m, de terras) que circundavam o porto do rio, situado nas proximidades do salto cerca de 1 km rio abaixo.

Daí em diante

começaram a se congregarem ao torno do salto de Piracicaba muitos sertanejos, posseiros e possuidores de cartas de sesmarias.

A estrada de Cuiabá, contudo não deu os resultados esperados, tendo sido por carta régia de 1730, voltando ao abandono. Em 1766, o Capitão General D. Luís Antônio Corrêa Barbosa fundou uma povoação no foz do rio Piracicaba, no Tietê, a fim de facilitar o transporte de víveres e munição para as tropas da vila militar de Iguatemi, recém, instalada nas montanhas do Paraguai encarregado do policiamento e defesa das zonas divisórias do país.

Mas a povoação se tornou nas imediações do Salto do rio Piracicaba, à margem direita 90km distante do foz, por ser lugar mais apropriado, onde já estavam estabelecidos muitos sertanejos.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS—Um dos pontos de atração da cidade de Piracicaba é o Salto do rio ou melhor, o Mirante de sua margem direita, de onde se descortina belo panorama, que

vai da ponte sobre o rio até a volta da rua do porto, numa extensão de cerca de 3km donde se avista todo o casario da rampa forte que sobe o rio até o centro da cidade.

ENTREVISTA

Entrevistado: Sr. Antônio
Repórter: Nanci J.

—O senhor acha que é a usina a principal, causadora de poluição do rio Piracicaba?

—Sabe, depois da usina tem mais ou menos 40 cidades que despejam seus esgotos no rio e a cidade de Piracicaba é a última que pega a água do rio.

—Quer dizer que pode ser também as cidades que causam a poluição?

—Sim, pois deu no noticiário que a água tinha mais de 60% de esgoto e só 40% de água boa.

—Quais são os peixes que existem no rio de Piracicaba?

—Mandi, piabá, curibatá, cascudo,

cont.
dourado, há muito pouco.

__E antigamente?

-Tinha piranha, e para pegar 8 à 10 dourados dos grandes, levava apenas meia-hora.

__Existe piracema?

-Sim, o seu tempo é em agosto, época da chuva até em janeiro. E há pouca desova.

__Pode-se pescar na época da piracema?

-Não de tarrafa, mas de vara de pescar, pode. Há também alguma pesca com tarrafa clandestinamente, isto é, escondido dos fiscais.

__Por que de vez em quando morre bastante peixe?

-Devido à ter muitas usinas de açúcar, pois ela para fazer a lavagem de suas máquinas usa um ácido e depois solta no rio e isso mata muitas peixes.

__O senhor sabe o nome dessa substância que a usina solta?

-É ácido, mas o nome científico eu não sei.

__Houve mudanças no rio nos últimos anos?

-Nestes últimos 10 anos, houve dia que não se podia nem se chegar perto do rio por causa do mau cheiro. Se eu ia tomar banho, eu saía fedendo, pois moro perto do rio.

__Houve alguma enxente no rio?

-Fevé há uns 2 anos, duas enxentes carregadas e inundou até a rua do porto, e nesse ano não teve enxente.

__Qual a utilização do rio, fora a pesca?

-Pode-se tirar areia do rio, porque tem muito porto de areia. E existe uma usina hidrelétrica (USIMIR).

Entrevistado: Sr. Joaquim

__O senhor sabe porque o rio de Piracicaba é poluído?

-Eu acho que a causadora é a usina.

__Faz tempo que o senhor mora aqui. E o rio sempre foi assim poluído?

-Faz, mas antigamente o rio não era assim. Ele dava gosto de se ver.

Daí, quando começaram a aparecer as usinas, o rio também começou a po-

luir.

__Atualmente pode se pescar no rio?

-Pode, mas há muito pouco peixe.

__Não tem perigo de entrar na água, to e, pegar doença?

-Não, pois a população está acostumada.

Entrevistado: Sra. Manuela

__A senhora sabe de onde vem a poluição do rio?

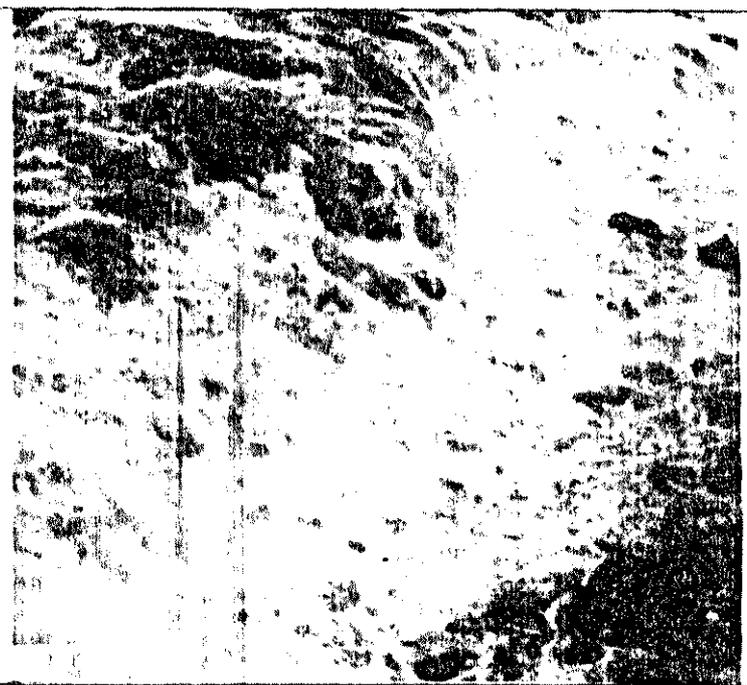
-Mais ou menos, eu acho que vem das fábricas e usinas, mas o nome das usinas eu não sei.

__Faz tempo que o rio está poluído?

-Não muito. Há 1 ano ele quase secou, mas sobreviveu.

__O que a senhora acha dessa poluição?

-É uma pena, mas ele ainda é a beleza da cidade e no tempo da seca nós quase ficamos sem ele. O povo colaborou para res-tá-lo.



"EXPLORANDO MAIS UM"

Na seção de engarrafamento há mão-de-obra de menor, o que não devia ser permitido, pois, apesar de tudo é um trabalho cansativo.



"O AÇUCAR NO NOSSO CORPO".

O Organismo humano retira do açúcar a energia de que precisa para funcionar. Além disso, usa o açúcar para assimilar indispensáveis, como as gorduras e as proteínas. O açúcar é portanto, uma espécie de "combustível", essencial ao funcionamento do corpo humano.

O açúcar que o organismo usa para transformar em energia é a glicose. Ela pode ser recebida diretamente dos alimentos que a contenha ou produzida no corpo a partir dos carboidratos-compostos que as plantas fabricam no processo da fotossíntese e que existem na maioria dos alimentos, principalmente nas farinhas e nos doces.

Todas as plantas produzem carboidratos. Mas a cana-de-açúcar e certo tipo de batata-doce contém grande quantidade de sacarose, que é o açúcar de uso comum. Outros tipos de açúcar podem ser extraídos do leite (a lactose) e do milho (a maltose).

"2ª USINA"

Em Piracicaba há uma usina francesa desativada, que é um ponto de visita da cidade, só que o maior interesse dos governantes sobre a usina é que se ela desaparecer, será colocada no local uma indústria e essa poluirá o rio.

"A POLÍTICA DO AÇUCAR E DO ALCOOL".

Nos últimos anos, os países exportadores de petróleo, principalmente no Ocidente, que é carente em recursos petrolíferos passaram a dominar a exportação do petróleo.

Com a fundação do estado de Israel em 1948, foi instalado, pela ONU, a pedido de Ben-Gurion, começa o atrito entre Israel e todo o mundo árabe.

A guerra dos seis dias que foi em junho de 67, fez com que o mundo árabe usasse o petróleo como arma contra Israel e seus aliados, mas a guerra que surgiu efeito foi a guerra Yom Kipulo (1973), no qual a Arábia Saudita suspendeu as exportações para os países de maior consumidores de petróleo EUA (consumidor de petróleo do mundo) e os outros países Árabes OPEP, acompanharam a arábia, suspenderam os fornecimentos de petróleo para os países necessitados, para que os EUA não mandassem armas para Israel. Então terminada a guerra dos 13 dias (Yom Kipulo), no qual tanto o mundo árabe como Israel, gastaram a base de 250 milhões de dólares por dia na guerra. Os países da OPEP passaram a aumentar o preço do petróleo constantemente alegando altos gastos com a guerra, então o mundo Ocidental, incluindo o Japão, ficaram alarmados, com isso procuraram fontes alternativas de energia. O Brasil por sua vez, além de pagar por petróleo no seu território, pois na época não produziam 40.000 barris diários começou a incentivar o plantio da cana-de-açúcar para conseguir o álcool Etilíco ou combustível, para substituir um dos componentes do petróleo e com isso incentivar a produção de carro e álcool.

O carro a álcool no início, não foi bem aceito, devido a falta de várias adaptações nos motores, mesmo assim, a produção do álcool foi aumentando mas precisava

umentar o preço do álcool para manter a diferença do preço da gasolina.

O Petróleo, como é importado em dólar, mesmo que a OPEP não aumente o preço de seu produto, no Brasil continua aumentando, para fazer o câmbio do cruzeiro com o dólar.

AÇUCAR

O Brasil, sendo um dos principais produtores do mundo e exportador, e os EUA sendo o maior importador do açúcar brasileiro, quando o preço perde na bolsa de Cereais de New York, o governo brasileiro, precisa aumentar o preço no mercado interno, para compensar a perda do preço no comércio internacional.

Aumentando o preço no mercado interno, é obrigado aumentar o preço do álcool, e aumenta a gasolina para aumentar o preço da porcentagem de diferença entre o álcool e a gasolina, mesmo que o mundo árabe não aumente o preço da gasolina.

Com isso, levamos a respirar a infraestrutura, devido o custo das fontes energéticas sobre a produção e consumo de energia, isto é, fazer com que os países ricos em recursos petrolíferos possam aumentar o preço do petróleo, porque eles dependem dos bens de consumo e em particular, do (s) bens alimentícios por seu consumo.

Dólar-Fria

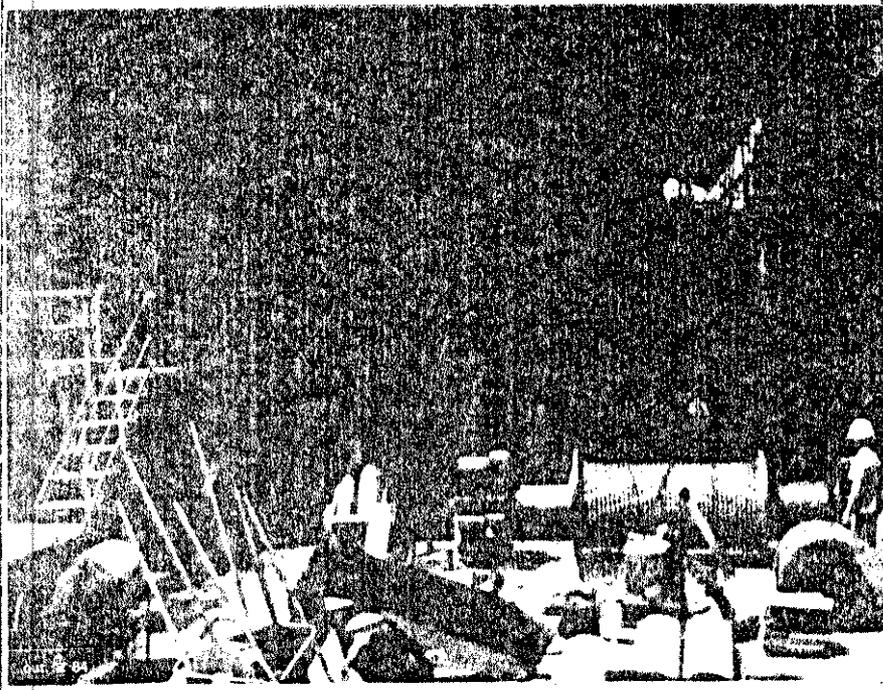
Os latifundiários nas grandes plantações de cana-de-açúcar, não querem do Brasil a responsabilidade dos trabalhadores permanecerem nas suas fazendas, contratando os trabalhadores nas cidades próximas.

"CONDIÇÕES DE TRABALHO"

As condições de trabalho da usina não são muito satisfatórias para os trabalhadores. O que prova isso é a explosão que houve a algum tempo nas caldeiras.

Para as pessoas há falta de proteção, como luvas, protetores de olhos e roupas adequadas.

Apesar das condições de trabalho ser desfavoráveis a usina é um dos únicos meios de trabalho, por isso, os trabalhadores aceitam quase todas essas condições.

"CRS NA USINA"

Na região da Usina, era uma fazenda de café (Usina Costa Pinto).

Há cerca de 70 anos, o nome Ometto chegou em Piracicaba (1888). Começaram fabricando pinga. Em 1936 surgiu a usina chamada Costa Pinto. A primeira safra foi em 1936 e 1937, com 6.015 sacas de açúcar. Em 1964, a usina Costa Pinto comprou a usina Tamandupá. Em 1972, a usina S. Francisco do Kilombo. Hoje a produção de álcool diária é de 1.140m³.

A usina tem uma área de 13.160ha, que equivale de 15 à 20 milhões por hectare.

Área Agrícola-45.000ha.

A Usina Costa Pinto, está localizada nos municípios de Piracicaba, São Pedro, Charqueada, Ipeuna e Rio Claro.

Sua capacidade atual atinge 1,5 milhões de sacas por ano de açúcar e 9,6 milhões de litros de álcool.

Produção anual: - álcool-safra -
(previsão) 83/84-135.814 milhões (litros)
84/85-160.000 " (litros)
- açúcar
83/84-2.044 milhões de sacos
de 50 K

84/85-2.135 milhões de sacos de 50K, sendo que chega à usina, mais ou menos 1.000 caminhões de cana por dia.

Produção de álcool: diária é de 1.200.000 litros de álcool e 900.000 Kg de açúcar e 200.000 safras de maio a dezembro, também é variável.

Número de trabalhadores: na parte industrial-administração 2.000 (na safra).

Salário: variável

Tipos de contrato de trabalho: supletivo e de sacco.

Sindicatos: sindicato de trabalhadores de Piracicaba, Sindicato de trabalhadores de Piracicaba, Sindicato de trabalhadores de Piracicaba.

Indústria: Indústria de açúcar, Indústria de açúcar, Indústria de açúcar.

Comércio: Comércio de açúcar e álcool.

Relação com o I.A.A.: ele é o órgão fiscalizador do açúcar e do álcool, ele estabelece as cotas, vê a região, fiscaliza o laboratório (pagamento da cana).

Preços dos produtos: é o governo que estabelece os preços dos produtos, quando aumenta o álcool. O açúcar também é mais ou menos pelo comércio exterior varia muito com a bolsa de New York, Londres.

A quem pertence a Usina: pertence à quem tem maiores ações. É uma sociedade anônima. É uma questão de voto.

Ano de fundação: 1.936.

Relação com o I.A.A.: ele é o órgão fiscalizador do açúcar e do álcool, ele estabelece as cotas, vê a região, fiscaliza o laboratório (pagamento da cana).

Preços dos produtos: é o governo que estabelece os preços dos produtos, quando aumenta o álcool. O açúcar também é mais ou menos pelo comércio exterior varia muito com a bolsa de New York, Londres.

A quem pertence a Usina: pertence à quem tem maiores ações. É uma sociedade anônima. É uma questão de voto.

Ano de fundação: 1.936.

"EXPORTANDO JÁ"

Você sabia que tanto o açúcar denegado como o açúcar comum produzidos na usina são exportados para grande parte da Europa e para o Japão.

"O PILEQUE DO FUNDÃO"

Sempre tem um que foge as regras estabelecidas pela escola.

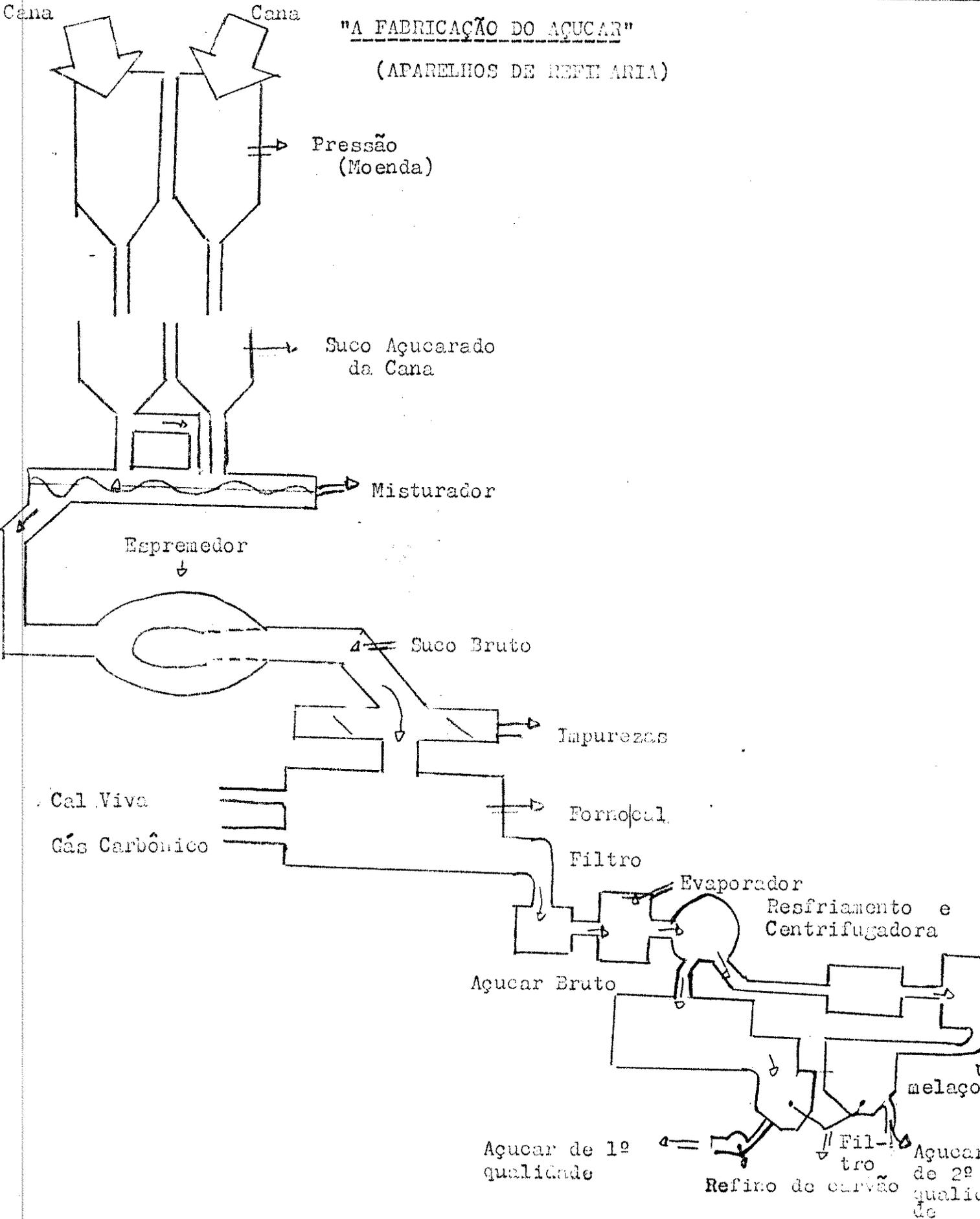
Na viagem apareceu um distinto ca-
rinha com essas qualidades.

Bem, estava tudo debaixo dos panos isto é, as garrafinhas de "mé" e vinho estavam guardadas na bolsa do

distinto.

No começo da viagem, nós estávamos t
dos concentrados nas explicações da pro
fessora e do técnico na usina, mas na
volta começou a esquentar, ficar "escur
nho" e ...

A garrafinha foi passando, passando,
mas tudo o que é bom dura pouco.



cont.

"A FABRICAÇÃO DO AÇUCAR"

Para fabricar o açúcar, é preciso primeiro extrair o caldo da cana ou beterraba. Os caules da cana são cortados e espremidos em moendas. A beterraba é cortada em fatias e colocada na água quente, onde então se forma o caldo. Extraído o caldo, o processo é basicamente o mesmo, para a cana ou para a beterraba.

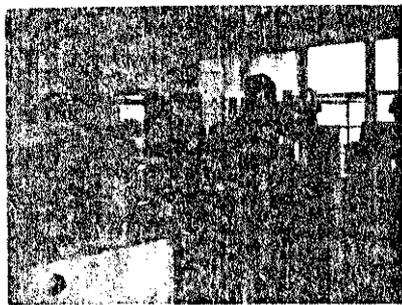
O caldo, depois de purificação de outras substâncias, é aquecido e, com a evaporação da água, transforma-se num xarope, formado por cristais de açúcar e melago. Uma máquina centrífuga separa esses componentes. Os cristais, que nessa fase são escuros, podem ser consumidos diretamente ou descoloridos, sendo submetidos a uma nova purificação (com pó de carvão), o processo de refinação que produz o açúcar branco.

O melago serve para fabricar bebidas e também alimentos para o gado.

O bagaço e outros resíduos da produção do açúcar de cana são aproveitados na fabricação de álcool, glicerina e celulose

"SACAROSE"

Para se pagar o produtor da cana além de pesado é testado o nível de sacarose do caldo.

"A VIAZINHA"

Kilometragem: 154.270-6:25h

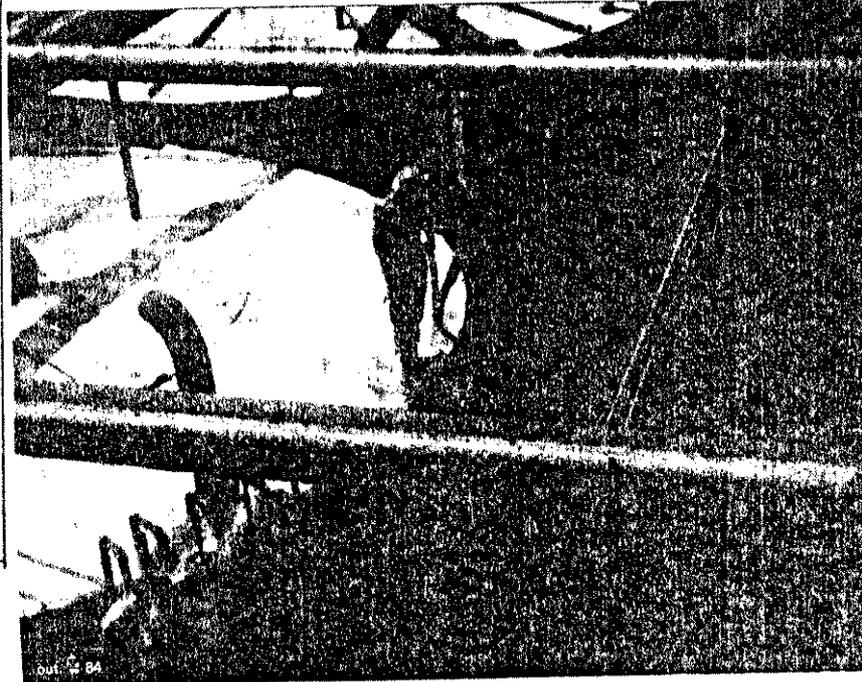
Entramos no canal do rio Pi-

nheiros, na margem direita. O rio Pinheiros é afluente do rio Tietê.

Passamos pelo Cebolão-Anel Rodoviário que liga as principais rodovias de São Paulo que é: Castelo Branco que vai para a região oeste do estado, junto ao rio Paraná.

Em seguida, entramos na marginal do rio Tietê que vai dar na Via Dutra e saímos depois na Via Anhanguera. Passamos pela margem esquerda do rio Tietê, Indústria Maizena, Rodovia dos Bandeirantes, Pico do Jaraguá, Parque Anhanguera, já é área rural. O relevo se modifica. Plantação-Eucalipto (Companhia Melhoramentos), muita área verde. Depois região de Cajamar, Etti-produtos alimentícios. Jundiá-População 258.000 hab. Região de muitos sítios.

Kilometragem: 154.339, há mudança de solo, relevo e vegetação. As colinas são mais suaves. No início do séc. XIX essa área foi ocupada pela cana na época da independência do Brasil. Aqui o gado é para corte (zelre). Cidade de Campinas-Habitantes-664.000, cidade indústria Universidades-Unicamp e a PUC. Presença de Favelas. Kilometragem: 154.371. Tem muitas multinacionais. Faixas de terra roxa. Plantações--Arroz, feijão, milho. Agrícola: O relevo não é acidentado, a vegetação, o solo e a ocupação que o homem faz, se modifica. É uma área de indústria de tecidos e de ligação, os caminhões transportam cana e madeira. O corte da cana é de maio a outubro. Na estrada tem indústrias de pinga, Indústria Romi, Município de Piracicaba-População-214.794 Indústria: Tatuzinho. Rodovia do açúcar (poucos carros). Atravessamos o rio de Piracicaba, Faculdade de Agronomia, Odontologia. Indústrias: MOTOCANA, DEDINI, IAA, MEESA, SANTIN, JORETA, ABIN.



DIÁRIO DO CAMPO

Ano 1 - Nº 01

Segunda - 12 de novembro de 1984



BÓIAS-FRIAS

QUEM SÃO?

Um trabalhador bóia-fria precisa ter direitos iguais a qualquer outro trabalhador. Somente agora é que esses trabalhadores estão reivindicando seus direitos e conseguindo adquiri-los.

pag. 12

PROCESSO DO AÇÚCAR E ÁLCOOL pag. 6 a 7	RODOVIAS PAULISTAS VIA ANHANGUERA pag. 8a9
A POLUIÇÃO NO RIO PIRACICABA pag. 11	USINA COSTA PINTO : CAPITAL E HISTÓRIA pag. 3

16 páginas	
Com.econômico	3
Crônica	14
Diversões	15a16
Economia	6a7
Editorial	2
Entrevista	4a5
Nota	14
Notícia	11
Reportagem	8a9
Rep.política	12a13

ÁLCOOL — " UMA BOA PROPOSTA ? "

O grande incentivo dado pelo governo para a produção de álcool para ser utilizado como combustível substituto do petróleo, provocou uma transformação técnica nas usinas produtoras, assim como melhorias no cultivo da cana-de-açúcar proporcionando maior produção.

A técnica manual nas usinas está sendo substituída por aparelhagens mais modernas, uma tecnologia mais avançada onde os computadores exercem importante papel.

A grande produção da cana-de-açúcar associada ao complexo mais sofisticado do processo de produção proporciona maiores lucros para os empresários e contribui para a receita federal.

Se, por um lado a produção de açúcar e álcool traz benefícios para o país, por outro lado, e sendo o fator preponderante e negativo dessa produção, acarreta poluição prejudicando o meio ambiente e provoca a desigualdade social onde as relações trabalho/produção não são equivalentes quanto aos lucros. E, portanto não possibilitando condições de vida iguais para todos.

A poluição provocada pelas usinas atingem, principalmente dois setores: um deles é a poluição ecológica, que destrói os rios e também a fauna e a flora da região; a outra é a poluição sonora, que prejudica a saúde dos trabalhadores dentro da usina e também o cultivo intenso da cana empobrece o solo, tornando a terra improdutiva.

A mão-de-obra empregada na usina é restrita e, com algumas exceções com pouca especialização; isso devido à automatização que provoca que a maioria dos trabalhadores desconheça o processo de produção do qual participam.

Se dentro da usina a mão-de-obra empregada é pequena, na grande plantação de cana ela atinge um grau elevado possibilitando emprego para muitos moradores da região e também pessoas de outros locais. São os chamados bóias-frias que mesmo tendo um trabalho e recebendo salários não conseguem atingir um nível de vida condizente com o que produzem e com os lucros que proporcionam.

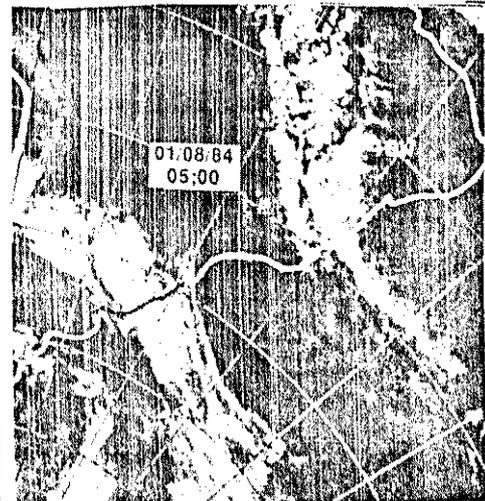
O cultivo da cana-de-açúcar exige um grande espaço territorial para suprir as necessidades de matéria-prima produtoras do álcool. Isso acarreta outro problema social a medida que incorpora as pequenas plantações de subsistência de diversas regiões, expulsando os agricultores de suas terras, transformando-os em trabalhadores rurais assalariados ou operários marginalizados nos grandes centros urbanos.

O problema da substituição de combustível no nosso país precisa ser repensado dentro do projeto do álcool, levando em conta todos os fatores que influem na viabilidade de sua utilização.

O FINE

HCJT

A fotografia do satélite NOAA-7 mostra uma frente fria estacionária na Bahia, acompanhada de chuvas esparsas. A nova frente fria está localizada no Rio Grande do Sul e Paraguai, deslocando-se para Nordeste, acompanhada de chuvas esparsas. Os ventos de Norte a Noroeste que precedem a chegada desta frente fria causam forte aquecimento nos Estados Centro-Sul do Brasil. A previsão para hoje, na Capital, é de tempo bom, com aumento de nebulosidade, e temperatura em elevação, oscilando entre 13 e 26 graus (a máxima ontem foi de 24 e a mínima de 11 graus). Para o litoral do Estado, está previsto tempo bom e temperatura em ligeira elevação (a máxima em Santos ontem foi de 31 graus). Ventos do quadrante Norte, fracos a moderados. Para o interior do Estado está previsto tempo bom e temperatura estável, com máximas de até 31 graus. Ventos de Norte a Oeste, moderados.



IMIGRANTES FUNDARAM A USINA COSTA PINTO

A Usina Costa Pinto junto com outras usinas faz parte de um conglomerado pertencente a uma sociedade anônima - usina da Barra, São João, Iracema, Sta. Bárbara, Jáiba, Monte Alegre.

Ela foi fundada por uma família de imigrantes, os Ometto, que detêm ainda uma parte da usina, os quais chegaram ao Brasil em 1888 (em 1967 foi formado o grupo Pedro Ometto, conglomerado de várias empresas).

As primeiras terras adquiridas por eles eram essencialmente agrícolas, seis alqueires formando a fazenda Água Santa. Em 1914 montaram seu primeiro engenho de aguardente, cana destilada. Em 1932 começaram a primeira usina de produção de açúcar e em 1938 fundaram a segunda, que é a Costa Pin

to, cuja primeira safra em 1936/37 foi de 6015 sacas de açúcar. O capital da usina foi ampliado com a compra de outras usinas como a Tamandupá em 1966 e a São Francisco do Quilombo em 1972.

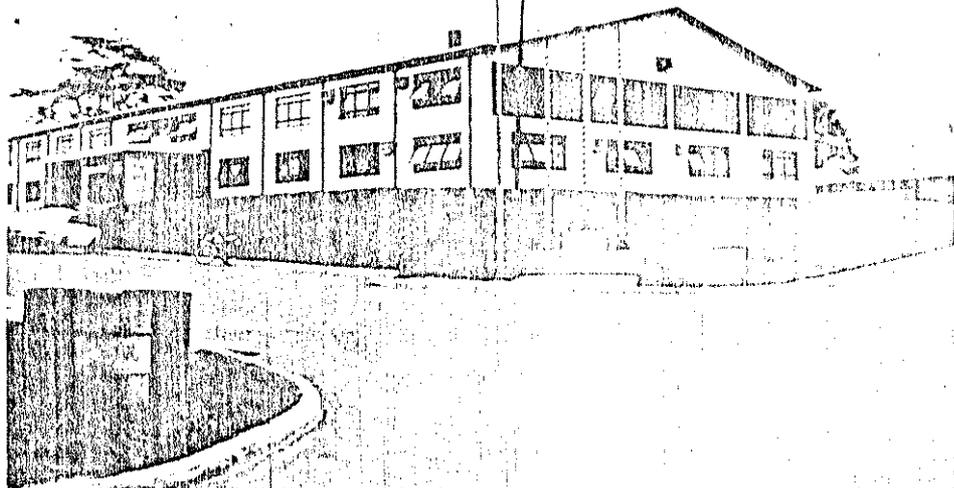
Com o projeto do Pró-álcool houve um grande crescimento na usina; a partir de 1976 sua produção vem desenvolvendo-se com um grande aumento da produção de álcool:

1974/75 - 7732 milhões de litros

1983/84 - 135814 milhões de litros

1984/85 - 160000 milhões de litros (previsão).

Além das usinas o capital é constituído por terras de plantação de cana-de-açúcar; equipamentos para a produção e um capital de giro (dinheiro).



Entrevista:

ENTREVISTA COM UM DOS SUPERVISORES DE SEGURANÇA
DA USINA COSTA PINTO

Essa entrevista realizou-se com o objetivo de obter informações sobre a parte administrativa da Usina Costa Pinto.

A entrevista se deu entre um supervisor de segurança da usina e o nosso correspondente.

P - A quem pertence a usina?

R - A usina pertence a uma sociedade anônima, com grupos acionistas, mas a maior parte está com Isaltina Silveira Melo.

P - Qual a extensão da propriedade?

R - A área industrial, nós temos mais ou menos 200 000 m² de áreas construídas, agrícola eu não sei quanto tem.

P - Quais os tipos de cultivos?

R - O tipo de cultivo é cana, e temos também uma percentagem de cereais que é obrigado por lei ter, conforme a quantidade de terra existente, uma plantação de cereais.

P - Qual a origem da usina? Ano de fundação?

R - A usina Costa Pinto foi fundada em julho de 1936. Aqui era indústria de café e depois quando os Barcenais compraram dos Bachs começou a se produzir mais o açúcar, aí os Ometto compraram e ficou o que é hoje, o grupo dos Ometto e Silveira Melo.

P - Qual o período de safra?

R - O período de safra vai de maio à novembro, às vezes até dezembro.

P - Quando é o período de plantação de cana? Há rotação de culturas?

R - Não para, o processo então tem cana de ano, cana de ano e meio e cana de dois anos. Corta, deixa crescer novamente, cana de rescorte e às vezes essa cana vai dar até três cortes. Para dar três cortes depende do solo. Normalmente, quando há preparação do solo, vem a adubação atrás, às vezes, tem a adubação verde também eo processo do solo; acaba de cortar esse ano, então ela vai deixar de produzir até o ano que vem ou até outra safra; pode levar até ano e meio para ser cortada novamente. Ela não fica parada não.

P - Há presença de técnicos nas plantações?

R - Tem técnicos em todas as áreas, tanto agrícola como industrial. Temos técnicos agrícolas, engenheiros agrônomos, agrimensores, desenhistas, topógrafos, tudo. Aqui dentro da usina, temos engenheiros na grande parte de produção de açúcar e álcool; moenda, caldeiras, laboratórios.

P - Qual o número de trabalhadores da usina?

R - Não sei.

P - Qual o salário médio?

R - Não sei. Não tenho idéia.

P - E na sua área?

R - Salário médio; como nós trabalhamos em quatro supervisores gira em torno de 400 000, médio.

P - Quais os tipos de contrato de trabalho?

R - Existem dois contratos, todos regulamentados pela CLT. Existem os contratos de safras, que no período da safra são contratados trabalhadores e quando termina o período, vão embora; e existem os contratos normais, que são os empregados permanentes.

Entrevista:

tes que também podem ser demitidos ou eles mesmos pedir a demissão.

P - Qual a ligação com sindicatos?

R - Existe a ligação com o sindicato da alimentação do Estado de São Paulo. A minha área também, apesar da minha função não ser reconhecida - segurança - no Brasil, mas nós trabalhamos numa área do sindicato da alimentação. Aquelles que têm funções específicas, como engenheiro, têm sindicatos específicos.

P - Como é o comércio do açúcar e do álcool? Quem compra?

R - Quem compra é o Brasil todo, uma área do Brasil todo. No exterior há também exportação, o Japão compra, os Estados Unidos compra; não sei bem quais são os países, Europa e a própria América Central.

P - Qual a relação com o Pró-álcool?

R - Existe uma relação com o Pró-álcool na construção dessas usinas e destilarias e até na compra de alguns caminhões, tonéis de álcool, depósitos de álcool. O Pró-álcool financia.

P - Qual a relação com o I.A.A. (Instituto do Açúcar e Alcool)?

R - As usinas são regulamentadas pelo I.A.A. Ele coordena.

P - Quem regulamenta a produção?

R - O I.A.A. Eles determinam se as quotas estão liberadas para fazer o álcool e o açúcar. Determina a quantidade para se fazer.

P - Como é feito o transporte do açúcar e do álcool?

R - É feito por caminhões, ou às vezes, por ferrovias que vão até Santos. Mas a maioria é rodoviário.

P - O preço dos produtos é variável? Quais as razões?

R - Não sei dizer. Quem sabe é o I.A.A., onde os preços são tabelados.

**Daqui, a Dantas faz chover
em qualquer parte do país.
Mesmo quando o serviço
meteorológico informa
o contrário.**

IRRIGAÇÃO

IRRIGAÇÃO
E EQUIPAMENTOS

DANTAS SUCLE CIA S/A

DANTAS

IRRIGAÇÃO
ASPIRADO
GOTEJAMENTO

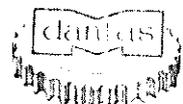
Irrigação Dantas - A transformação da água

Irrigação por Gotejamento

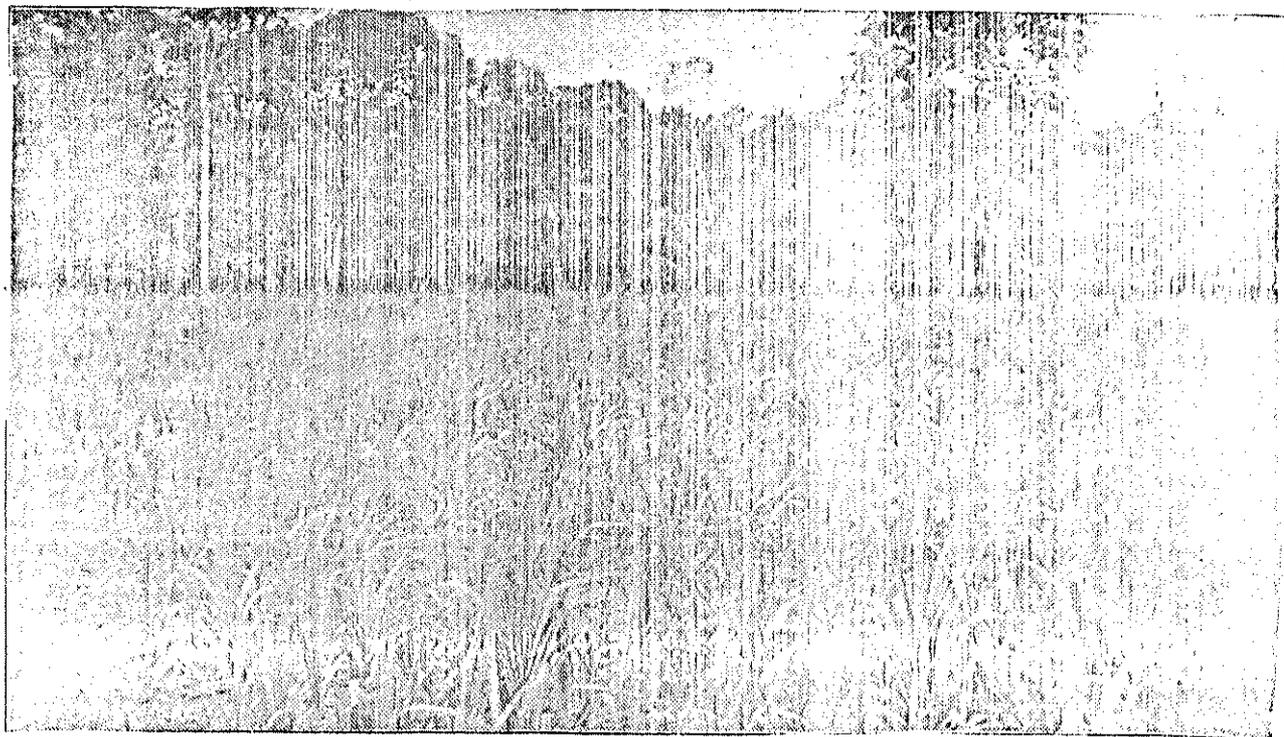
Sistemas:

- Fluxo turbulento
- Auto-regulável
- Micro aspersão

Princípio de funcionamento
São equipamentos que fornecem
água diretamente à raiz da planta
formando um bulbo húmido.



Dantas - Indústria e Comércio S.A.
Rod. Presidente Castelo Branco, km. 24
Tels.: 421-5122 (PABX) - 421-4011 (PBX)
Caixa Postal: 04 - CEP: 00.000
Telex: 4011 33397 (RUA BR) 4011 33426 (DAN)
Alphaville - Barueri - SP

PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR EM ÁLCOOL E AÇÚCAR

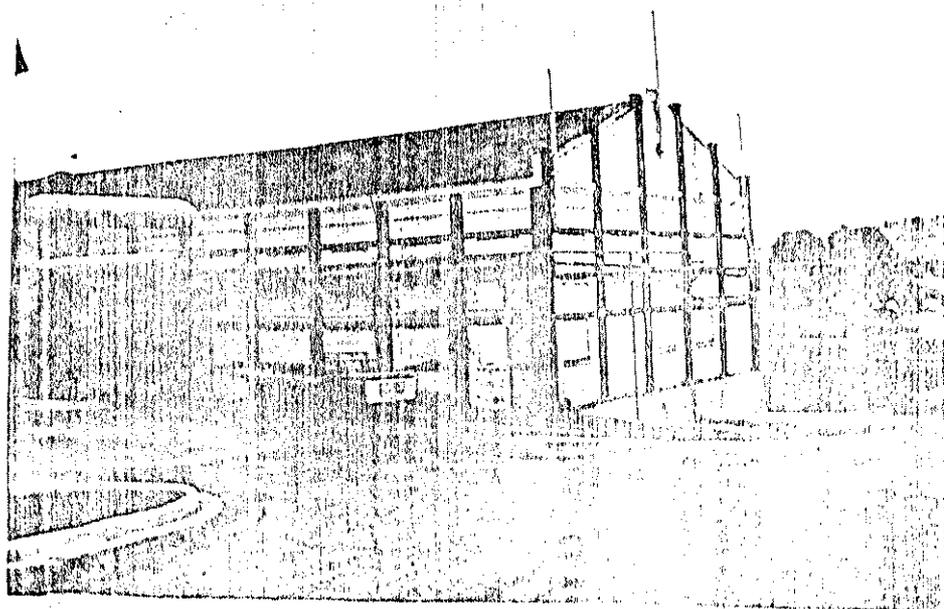
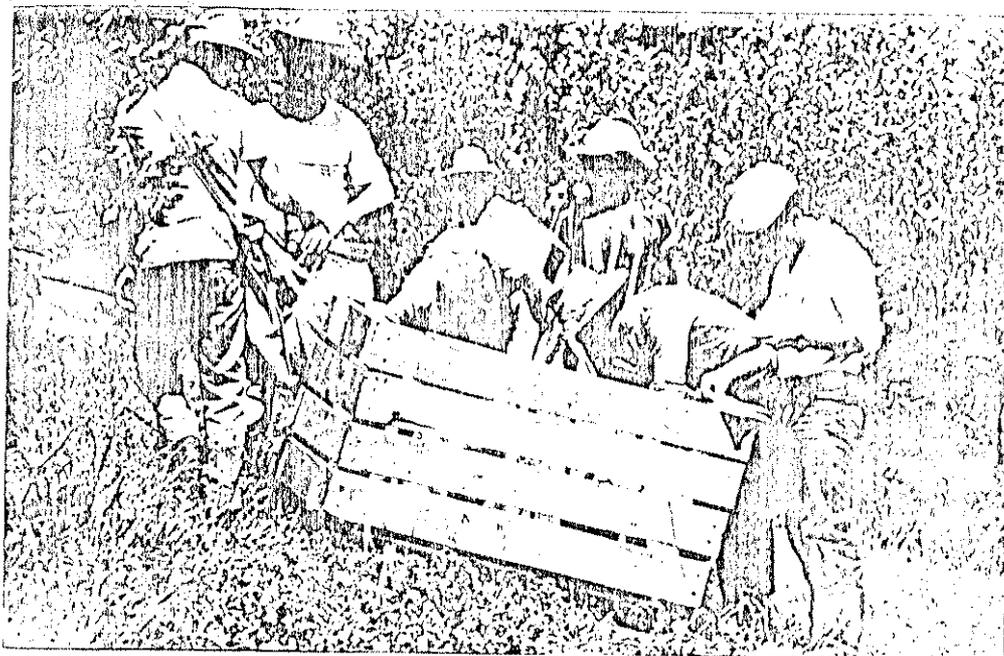
A transformação da cana-de-açúcar, isto é, a produção de açúcar e álcool é elaborada em usinas. Antigamente esse processo era quase exclusivamente manual, utilizando muitos operários, onde a produção era menor e os riscos de segurança eram maiores. Hoje a maioria das usinas utilizam uma tecnologia mais avançada com equipamentos automáticos comportando menos mão-de-obra e oferecendo maior rapidez e eficiência no processo, portanto maior e melhor produção.

A produção de açúcar e álcool é efetuada através das seguintes etapas:

1. A cana é transportada através de caminhões, para a usina, e fica armazenada no pátio. Logo que chega, no próprio caminhão, é colhida uma amostra para análise, no laboratório, do teor de sacarose e pureza da cana.
Obs.: o teor de sacarose é determinado para se obter o valor de pagamento da remessa de cana.
2. O processo se inicia com a lavagem da cana automaticamente, indo direto para a moenda (máquina trituradora) para a obtenção da garapa. O bagaço restante serve de combustível para as caldeiras geradoras de força para toda a usina.
3. A garapa extraída é levada para os tanques de fermentação onde são adicionados produtos químicos para o processo de sulfitação e caiação.
4. A seguir a garapa passa por um processo de filtragem, indo para os tanques de evaporação.
5. Desse processo resultam dois tipos de melaço, sendo que o de qualidade inferior é utilizado na produção do álcool - mel rico=açúcar e mel pobre=álcool.
6. O mel rico sofre um processo de turbinagem resultando no açúcar "Demerara".

Economia

7. Em seguida passa por um processo de refinamento onde recebe processos químicos de branqueamento, resultando no açúcar cristal.
8. Esse açúcar é ensacado automaticamente, ficando armazenado.
9. O mel pobre vai para os tanques de fermentação onde são adicionados mais componentes químicos.
10. Desses tanques passa para a destilaria, onde sofre a pressão de calor transformando-se em vapor, que é resfriado imediatamente. O líquido resultante é o álcool.
Obs.: O detrito resultante desse processo do álcool é o "vinhoto".
11. O álcool fica acondicionado em grandes tonéis até ir para a comercialização.



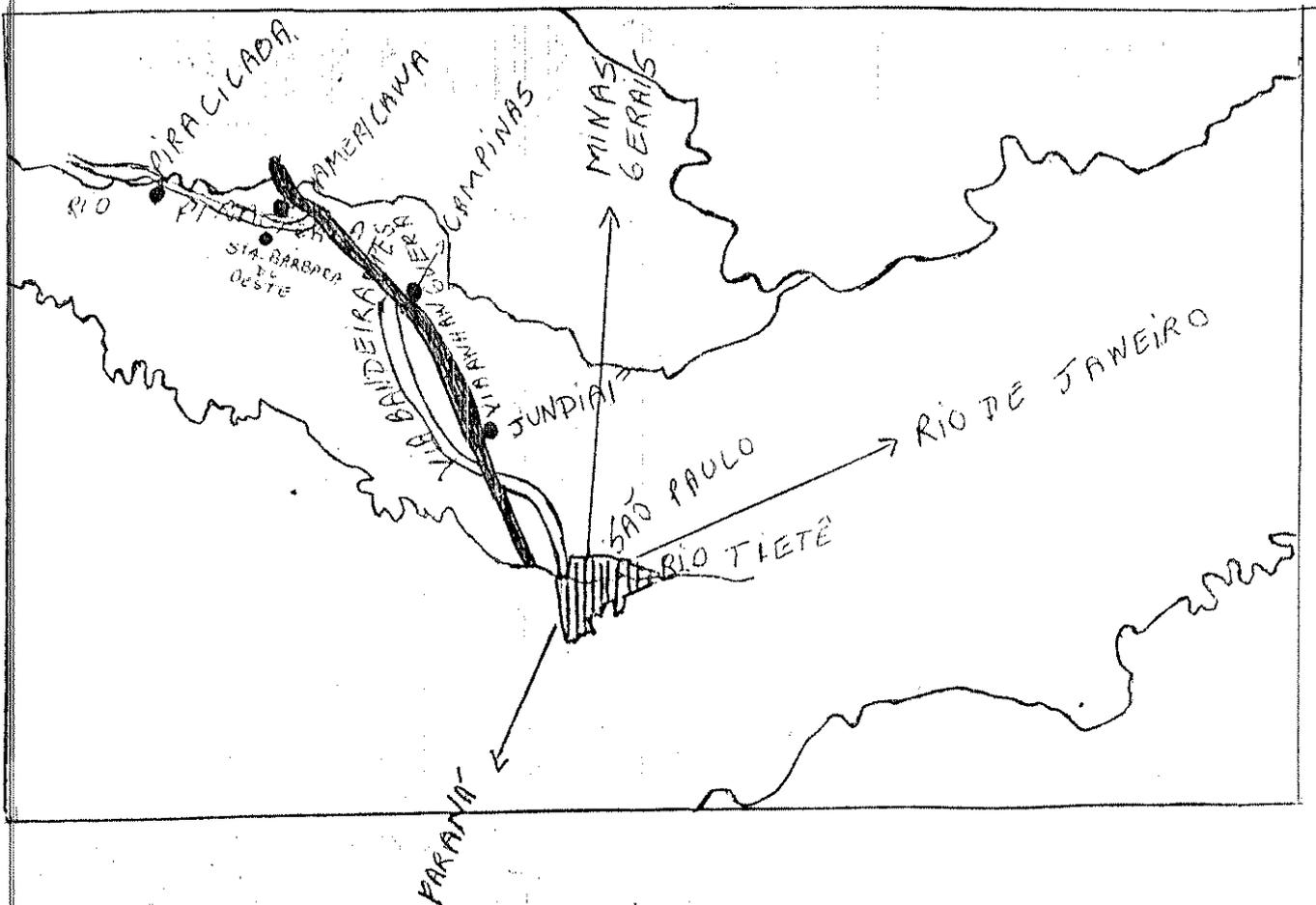
Reportagem

VIA ANHANGUERA - DE SÃO PAULO À PIRACICABA.

RELEVO DO ESTADO DE SÃO PAULO



VIA ANHANGUERA



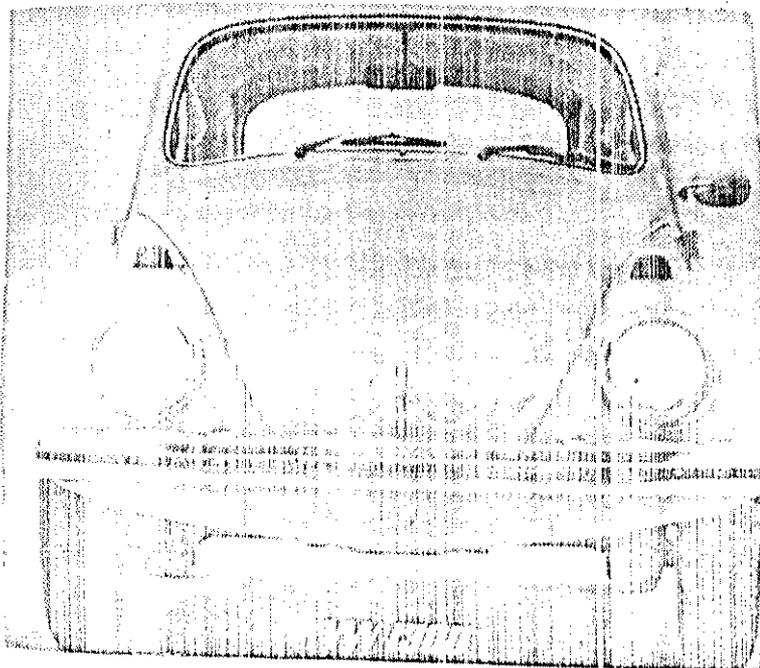
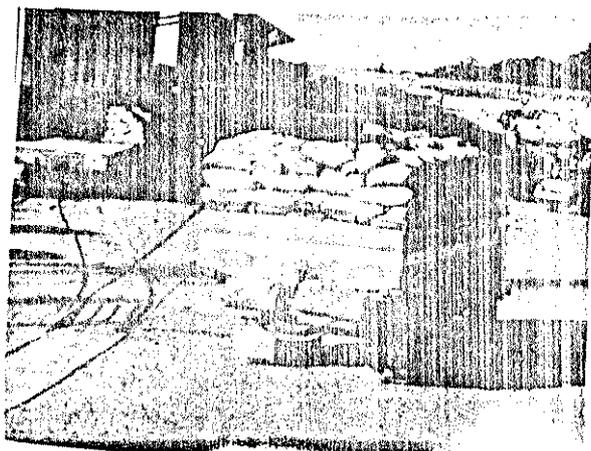
Reportagem

Dando continuidade à nossa série de reportagens sobre as principais rodovias paulistas, hoje vamos focar a Via Anhangüera uma importante rodovia que, partindo da cidade de São Paulo, corta todo o Estado de São Paulo, no sentido Leste-Noroeste, ultrapassando suas fronteiras chegando até a Capital do Brasil -Brasília-. Sua importância consiste na ligação que faz entre a capital do Estado de São Paulo com várias cidades do interior sendo de muita utilidade tanto na área industrial como agrícola. Descreveremos um percurso de aproximadamente 135 Km, de São Paulo à Piracicaba.

Partindo de São Paulo, nota-se a presença de vários municípios tais como: Osasco, Pirituba, Caieiras, Cajamar, Jordanésia, Jundiaí, Campinas, Americana, Sta. Bárbara do Oeste e Piracicaba. Também observa-se por todo o percurso uma grande expansão da industrialização apresentando-se muito diversificada, com indústrias químicas, petroquímicas, alimentícias, metalúrgicas, têxteis, automobilísticas, agro-indústria e outras.

A região cortada pela rodovia nesse trecho é formada pela Mata Atlântica, apresentando-se bastante heterogênea com plantações de eucaliptos devido ao programa de reflorestamento para a utilização da madeira nas indústrias de papéis da região; plantações de bananeiras; hortaliças; árvores frutíferas; milho pinheiros; cana-de-açúcar e algodão. Percebemos diferentes formas de relevo formado por rochas sedimentares (arenito) e rochas magmáticas (granito): logo que se sai de São Paulo avista-se o Pico do Jaraguá; seguindo atinge-se a Serra do Japi ou dos Cristais, com um relevo pouco acidentado; na altura de Jundiaí observa-se uma mudança sensível do relevo apresentando colinas mais suaves e excazes de rios. Continuando, chega-se a uma grande concentração de terra roxa, com um relevo plano e uniforme próprio para a agricultura, essa região é denominada "Depressão Periférica". O clima de toda a região descrita apresenta-se úmido, com características de clima Subtropical de Transição.

Além da agricultura e da indústria existem outros setores econômicos como: olarias, algumas criações de gado nelore e vermelho.



Quando a água não vem do céu, vem da terra.

A agricultura irrigada e mecanizada já está ao alcance do agricultor brasileiro.

Plante bem e ganhe mais com as facilidades do PROFIR — Programa de Financiamento para Equipamentos de Irrigação. Ele traz vantagens especiais de crédito para a compra de modernos sistemas de irrigação por aspersão ou gotejamento. O agricultor pode escolher entre vários tipos de equipamentos diferentes, de acordo com a área a ser irrigada.

Em qualquer caso, o financiamento é imediato. E o crédito é de até 100%, em até seis anos, sendo dois de carência. Ou seja, você planta e colhe, no mínimo, quatro vezes antes de começar a pagar. Com isso, você pode poupar para produzir mais e melhor com novos investimentos.

É simples aproveitar essas facilidades.

Você tem duas condições básicas: plantar trigo uma vez por ano, pelos menos, enquanto durar o financiamento e contar com energia em sua propriedade. Ao mesmo tempo, você pode escolher qualquer outro tipo de cultura, como sorgo, milho, soja ou feijão, e continuar ganhando com, pelo menos, duas safras por ano.

Um exemplo ideal das vantagens desse programa é o cerrado, com clima seco que reduz o risco de pragas, e agora com água na medida certa.

Use uma tecnologia agrícola como as mais avançadas do mundo, com uma completa assistência técnica, orientando você a cada momento.

Procure a sua cooperativa ou sua agência bancária e entre no PROFIR.

Uma idéia forte que você tem que aproveitar.

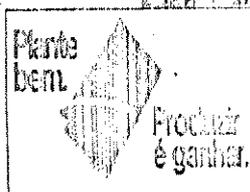


AGRICULTURA SEM FRONTEIRAS.



PROFIR-PROGRAMA DE FINANCIAMENTO
PARA EQUIPAMENTOS DE IRRIGAÇÃO.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.



Notícias do dia:

POLUIÇÃO ATINGE LENTAMENTE O RIO PIRACICABA

O rio Piracicaba de grande importância para o Estado de São Paulo por sua utilização para a obtenção de energia elétrica e também por sua capacidade pesqueira, útil para os moradores da região de Piracicaba, constituindo-se em ma is um de seus pontos turísticos, encontra-se grandemente ameaçado em vista da crescente poluição que atinge suas águas.

O aumento das usinas de açúcar e álcool que despejam seus detritos- vinhoto - em suas águas, infringindo a legislação existente em defesa do meio ambiente, é um fator preponderante de destruição da flora e da fauna da região acabando com os peixes que são um meio de subsistência para os moradores de classe mais baixa.

Essa poluição vem ocorrendo lenta e disfarçadamente, não permitindo que os próprios moradores tomem consciência do alto grau de destruição ecológica, conforme comentário de um morador: —" O rio

está poluído. Antigamente nós tínhamos Dourado grande, Pindaó e atualmente só tem uns peixinhos menores, Piaba, Mandi, etc; ainda existem alguns pescadores. O cheiro também é suportável, não é muito forte. Algumas pessoas vêm nadar em alguns pontos do rio. O rio ainda é muito usado sim."

Uma das usinas da região, a Costa Pinto, desde 1977 acumula multas da CETESB devido ao lançamento irregular de vinhoto nos rios da região através de tubulações subterrâneas de conhecimento das autoridades, sendo que até hoje não se efetuou nenhuma medida concreta contra esse abuso.

Precisamos lutar contra essa poluição.

"Salve a natureza que é sua, pois está salvando a si próprio. A natureza é a nossa maior riqueza e a qual nos sustenta."



"BÓIAS-FRIAS —

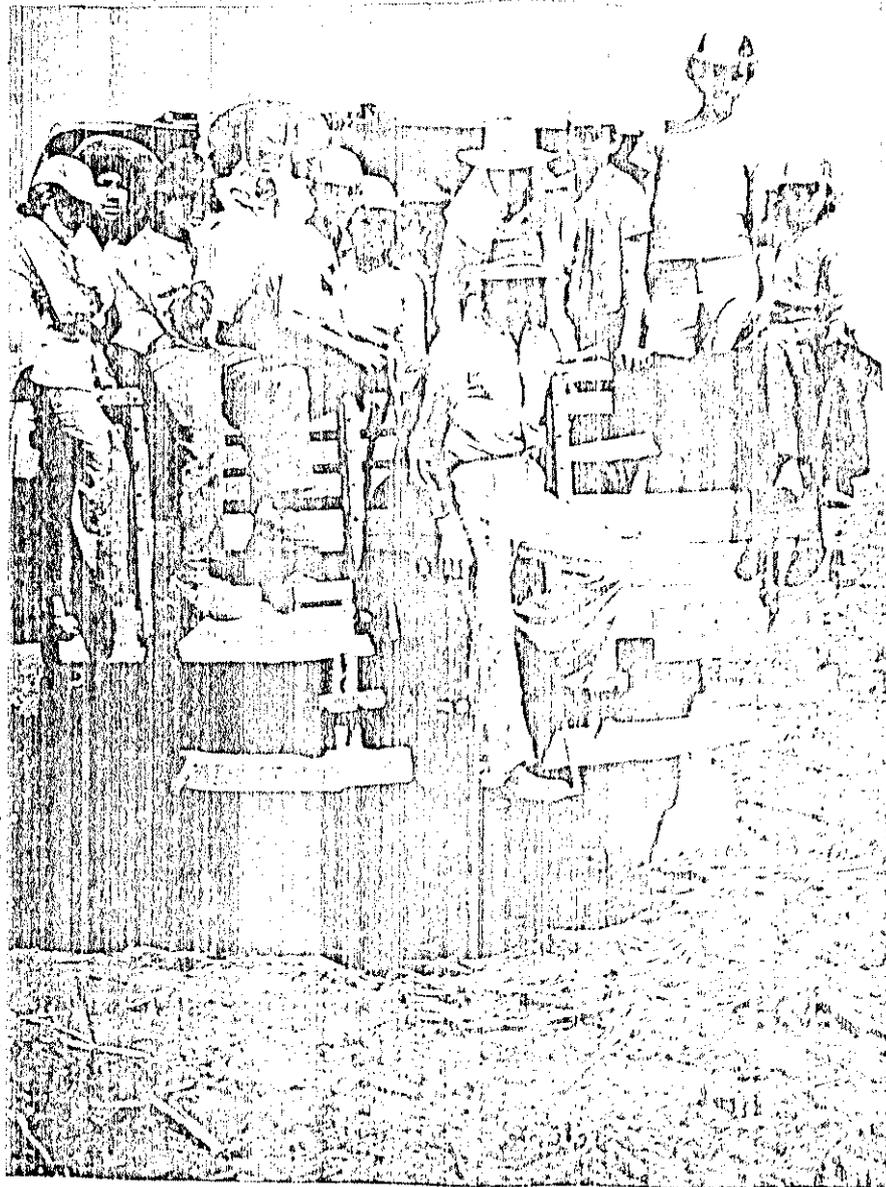
— QUEM SÃO ? —

Bóia-Fria é o trabalhador rural totalmente marginalizado pelas leis trabalhistas.

Até 1963, ele era representado pelo colono das fazendas, o pequeno proprietário, o meheiro, o arrendatário, mas nesses 20 anos devido à política econômica do país que favoreceu a concentração da propriedade rural nas mãos de poucos, não assegurando amparo por lei ao trabalhador, houve uma transformação nessas relações de trabalho.

Hoje, o bóia-fria é um assalariado temporário marginalizado pelas leis trabalhistas, que não pode contar com o mesmo emprego o ano todo; trabalha durante seis meses onde dá o máximo para aumentar seus rendimentos. Chegada a entressafra, é obrigado a se deslocar para regiões distantes, onde há safra de outras culturas; por isso é conhecido como trabalhador errante e temporário.

Nas áreas de êxodo rural a maioria dos trabalhadores volantes é constituída por mulheres, velhos e crianças, o jeito é passar esse tempo da entressafra fazendo alguns "biscates", ou até pedindo escola, como acontece com muitos que não têm condições de conseguir outro emprego.



O MENOR BÓIA-FRIA

Os filhos de bóias-frias acompanham seus pais no trabalho diário para reforçar o esforço familiar; começam a trabalhar desde muito pequenos.

Muitos deles abandonam os estudos muito cedo e outros nem começam a estudar, pois não há condições para isto, sendo que eles precisam trabalhar o dia todo num serviço árduo e

Reportagem

também são mal alimentados.

O esforço exigido do menor bóia-fria em seu trabalho é superior à sua capacidade e também envolve muitos perigos como ferimentos nas vistas, mutilação na mão e outros.

Movimento dos Bóias-Frias

A situação de miserabilidade desses trabalhadores é consequência do desrespeito contínuo da parte dos empresários com raras exceções, aos mínimos direitos de qualquer trabalhador.

A sua má condição mais o desrespeito pelas medidas tomadas pelo governo do país geraram um clima de insatisfação no meio dos trabalhadores o que culminou no movimento de revolta. Um exemplo disso foi, no ano passado quando alguns empresários impuseram o sistema das sete ruas; a medida provocou reação imediata dos bóias-frias, havendo paralizações de pequenos grupos; porém esse movimento foi pouco expressivo e os empresários conseguiram manter a sua decisão.

Quando os bóias-frias fizeram esse movimento não havia organização e união dos mesmos. Porém, esse ano, houve uma organização no movimento e quando decidiram pela paralisação em reivindicação de seus direitos; foi o incidente de Guariba, no Estado de São Paulo.

Reivindicações dos Bóias-Frias

Tudo que esses trabalhadores reivindicaram no movimento de Guariba não foi além do que realmente necessitavam: salário justo, descanso semanal remunerado, registro em carteira, 13º salário, fornecimento das ferramentas de trabalho e equi-

pamentos de segurança, afastamento remunerado por trinta dias em caso de doenças, e outros.

A segurança reivindicada foi, também, em relação ao transporte, pois há constantes acidentes com caminhões de bóias-frias que deixam para trás inúmeros mortos e muitos mutilados.

Conseguiram?

Os bóias-frias do movimento de Guariba tiveram 90% de suas reivindicações atendidas. Mas isso não significa que eles pararam de lutar por seus direitos e esperam conseguir outros benefícios no futuro.

Houve o acordo assinado pelos empresários, aceitando as condições e reivindicações dos bóias-frias; mas é preciso que se façam leis para que esses acordos sejam mantidos e também que se criem organismos de categoria para se garantir a aplicação das leis.

Esse movimento foi o primeiro passo, agora precisam fazer com que o governo considere o problema mais profundamente e crie, o quanto antes, uma legislação salarial e previdenciária compatível com as reais necessidades dos trabalhadores agrícolas para que eles tenham condições de vida.

SENSAÇÕES INCERTAS

Lá estava eu junto com o grupo pronta para nossa visita na usina. Olhando-se por fora ela parecia calma, silenciosa, muito organizada e todos pareciam trabalhar normalmente. Eu estava aflita, curiosa e temerosa pois não conhecia nada. Mas logo me informaram que iria conosco um técnico muito especializado que conhecia todo o mecanismo da usina.

Na hora marcada o técnico apareceu e começamos a visita. Em nosso primeiro contato o técnico fez questão de ressaltar a segurança interna tranquilizando a todos, que ninguém precisava ter receio pois o ambiente era tranquilo e agradável.

Na primeira etapa da visita tinha-se que alcançar uma plataforma através de algumas escadas. O técnico foi na frente mostrando conforme subíamos as máquinas automáticas existentes. De repente, no meio da subida, a escada dá uma leve balançada, assustando-nos, no que o técnico observou que era o acúmulo de pessoas que provocara o desequilíbrio. Veja só: nós estávamos em três, o resto já havia subido.

A usina realmente apresentava um aspecto organizado com todas aquelas máquinas automáticas e os poucos funcionários nem conversavam entre si, cada um cuidava de sua função, com alguns controlando os painéis, observando qualquer alteração que ocorresse: puxa! eu achei essa função super importante.

Tentei conversar com um dos trabalhadores mas ele estava tão absorto em seu trabalho que não me respondeu; fiquei chateada e fui comentar com uma colega e ela também não respondeu; foi aí que percebi que minha voz era abafada pelas máquinas: resolvi ficar calada e pensei, será que é por isso que não entendo nada do que esse técnico está falando?

Mas calada, sem entender nada do processo, comecei a sentir um mal estar e pensei: será que foi o lanche que comi no ônibus? A minha cabeça começou a doer. Para disfarçar fiquei perto do técnico e comecei a perguntar-lhe qual a etapa do processo que observávamos e ele disse:

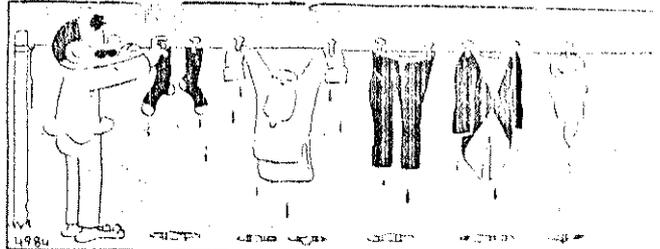
—" Pergunte àquele rapaz ali, eu não conheço muito sobre isso! Nem perguntei. Ele não ia responder mesmo! Deixei prá lá, não via mesmo a hora de sair dali, já estava sufocando.

Quando terminou a visita e que saímos da usina tive uma sensação diferente, um bem estar, passou até a minha dor de cabeça. O que seria não sei bem, pois estava saindo de um lugar agradável, tranquilo, seguro, onde havia obtido todas as informações que fora buscar.

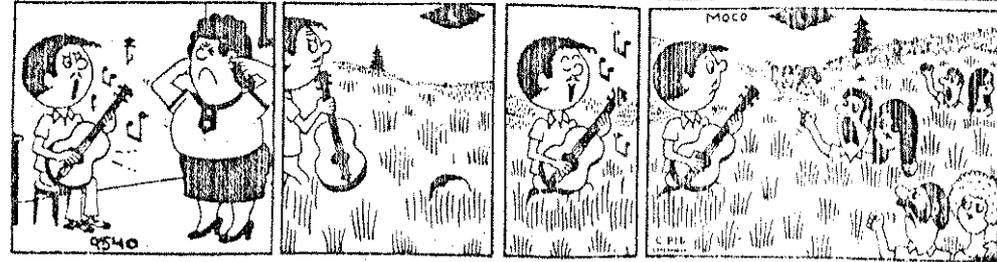
ESTUDO DO MEIO

O Estudo do Meio dos alunos da escola E.E. P.A.S. à cidade de Piracicaba transcorreu normalmente sem nenhum problema, tanto durante a viagem quanto à visita na usina de açúcar e álcool "Costa Pinto".

Abelardo



Nós e a vida



Snuffy



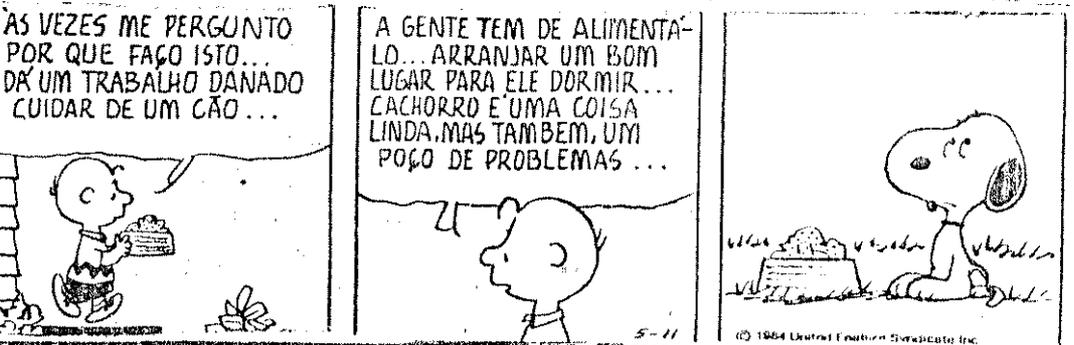
Agatha



OS SOUZA



Mindum



Expediente:

Diretor responsável: Claudia Spolaore
Jornalistas: Claudia Rodrigues, Leda M. Ribeiro, Roseli T. Kobaiissi, Marielen

Conselho de redação e colabor

Claudia R., Claudia S., Leda, Roseli, Marielen

agradecimentos especiais ao pessoal da usina e aos moradores de Piracicaba.